

REVISTA DA SEMANA

N.º 22

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

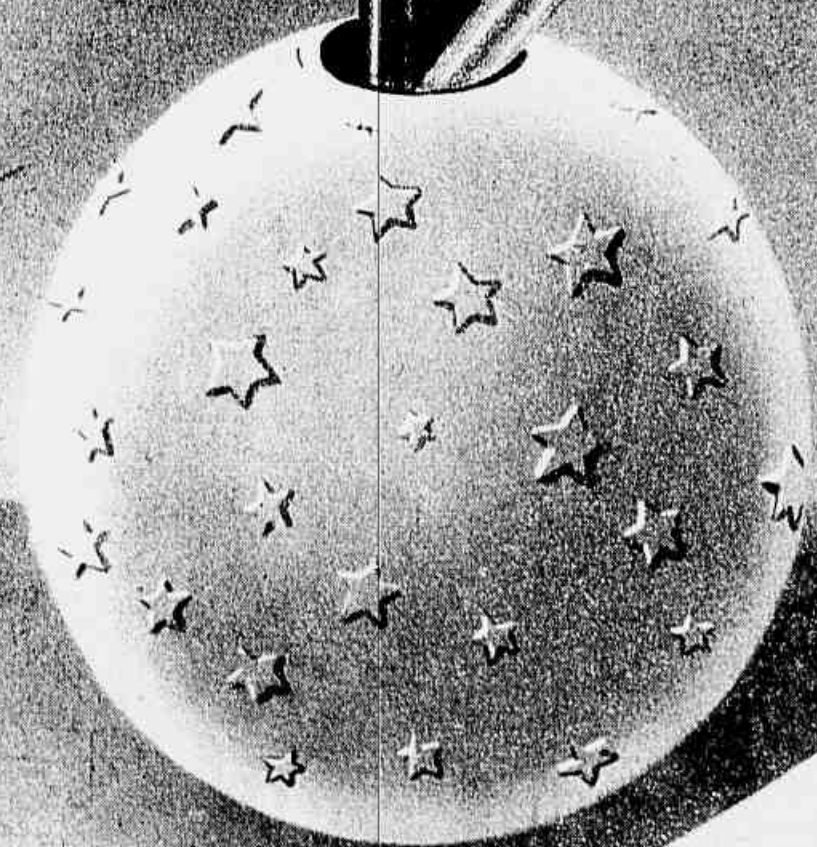
31 - 5 - 4



L. F. Mante

JE REVIENTS

IMPRUDENCE



REQUÊTE

LES PARFUMS
WORTH

120
FAUBOURG
S'HONORÉ



E STEVE ausente, no Sul, o general Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República, que foi assistir à inauguração da ponte internacional, ligando o Brasil à Argentina, e nessa ocasião abraçou os presidentes Juan Perón, da Argentina, e Thomas Berreta, do Uruguai. No sábado passado, perdeu o Exército uma grande figura e o Brasil um dos seus filhos mais ilustres, na pessoa do marechal Setembrino de Carvalho, o pacificador do Ceará, do Paraná e do Rio Grande do Sul, quando esses Estados estiveram agitados por lutas políticas e revoluções. Belíssima vitória teve, na Academia Brasileira de Letras, o Sr. Afonso Penna Junior, antigo governador de Minas Gerais e antigo ministro da Justiça, professor e jurisconsulto ilustre, que as lides administrativas e forenses não conseguiram subtrair às belas letras. O autor do exaustivo estudo sobre a autoria da "Arte de Furtar", livro recentemente premiado pela Sociedade Felipe de Oliveira, foi eleito para a vaga de Afrânio Peixoto no primeiro escrutínio, por trinta e quatro votos, — o mais numeroso sufrágio até hoje dado a um "imortal". Na Academia Brasileira o centenário de Castro Alves continuou a ser comemorado, tendo falado inicialmente, com muito brilho, o acadêmico Pedro Calmon e, em outra sessão, os acadêmicos Clementino Fraga e Manuel Bandeira. Outro centenário que foi objeto de comemorações foi o do velho republicano Lopes Trovão. Na Câmara e no Senado Federal foram aprovados votos de pesar pela morte do professor Samuel MacDowell, que foi lente da Faculdade de Direito de Recife e, igualmente, da Faculdade de Direito do Pará. Em telegrama de Francforte, transmitido pela Associated Press, diz que funcionários do Intelligence Service deram de ombros, em Varsóvia, à notícia de que Eva Braun, a amante de Adolf Hitler, ainda estaria viva e que os norte-americanos a haviam retirado da Austria em 1945. Não é de admirar que eles tenham dado de ombros, mas sim que a Associated Press tivesse estado presente no momento em que eles fizeram esse movimento quase imperceptível. No navio "St. Merriel" chegou ao Rio uma feira flutuante britânica, com mostruário de numerosas indústrias. Quinta-feira, terminada a exposição no Rio, o "St. Merriel" partiu rumo a Santos. Um telegrama de Paris anuncia que ainda estão desaparecidos da França 150.000 exilados políticos e que de 10.000 pessoas não há notícia de espécie alguma. A macabra estatística revela que nada menos de seiscentos e vinte mil franceses morreram durante a guerra, subindo a quase cem mil o contingente dos civis, dos quais 55.550 morreram em consequência de bombardeios e 30.000 foram fuzilados pelos alemães. De São Paulo informam que o Sr. Adhemar de Barros, governador do Estado, vai deixar o PSP, para ingressar na corrente política chefiada pelo senador Vitorino Freire. E, ao mesmo tempo, se anuncia que os deputados Cruz Martins e Diogo Barros abandonaram a UDN, para "colaborar" com o governador do Estado. Os jornais do Rio de Janeiro se inundaram de notícias sobre um espancamento de que foi vítima, em Alagoas, o jornalista Donizetti Calheiros, suplente de deputado da UDN e que exibiu, na Câmara Federal, os vestígios das violências que sofreu. O governador do Estado, o poeta Silvestre Pericles de Góes Monteiro, se justificou em telegrama enviado ao padre Medeiros Netto e por esse deputado distribuído aos jornais. No referido telegrama, o governador alagoano trata a vítima nos seguintes termos: "indivíduo tarado que acode pelo nome de Donizetti Calheiros", "Ser anormal", "descendente de bisavô assassino que matou a esposa e o filho recém-nascido por suspeita de adultério, morrendo na prisão", "alcólatra inveterado", "difamador habitual", "sedutor de infelizes", "toxicomaniaco", "indivíduo de vida escabrosa", etc. Não nos surpreende que o poeta tenha escrito tudo isso (e de resto não temos informações para aceitar ou desmentir tantas acusações), mas o que nos espanta, — e muito, — é que um padre católico, representante da religião da bondade, da tolerância e do amor ao próximo, tenha em pessoa distribuído à imprensa um telegrama tão cruelmente formulado, em termos que não escondem o desejo de injuriar e de humilhar... Grande sensação causou o esmagador discurso do senador Ivo de Aquino em resposta ao Sr. Getúlio Vargas, o grande responsável pela miséria e pela desorganização em que o Brasil se debate. E isto porque, pela primeira vez, um líder do governo deixa de usar panos quentes em relação ao ex-ditador... Por falar nisso: em que ficou a indicação da Câmara Municipal no sentido de ser dado o nome de Avenida Castro Alves à Avenida Getúlio Vargas? Terá o Sr. Hildebrando de Góes arquivado aquela indicação? Na Bahia, o jornal comunista "O Momento" foi atacado por elementos militares exaltados, em razão de ter o mesmo reproduzido uma "manchete" do jornal carioca "Tribuna Popular", sugerindo que o Presidente da República renunciasse ao cargo para o qual foi eleito a 2 de dezembro de 1945. De Belém do Pará, veio fugido um repórter da "Folha do Norte", que fez uma reportagem num asilo e foi recolhido a um xadrez, por ordem de um delegado de polícia, que ainda fez registrar, no livro de conferências, "tratar-se de indivíduo desclassificado e analfabeto". Tudo isso para o nosso intrepido Herbert Moses ficar gastando o precioso dinheiro da ABI em telegramas de protesto... A Comissão Central de Preços determinou que os calçados fossem vendidos com dez por cento de descontos, nos preços até trezentos cruzeiros, tendo feito o congelamento dos preços de couros e peles. E os tecidos já estão baixando de preço com rapidez considerável, em razão da proibição, em caráter temporário, da exportação de fazendas. O ator Jayme Costa, famoso em todo o Brasil pela sua magistral criação do papel de D. João VI na praça "Carlota Joaquina", vai voltar ao palco do Glória, completamente restabelecido. E voltará com a peça "O homem que volta", de Celestino Silveira e Berliet Junior, obra cujo título é muito adequado para uma reaparição. E, por hoje, chega... Até outro dia!

Resguardada
como dentro duma
bola de vidro



a máquina do
CYMA TRIPLEX
deve a perfeita protecção da
sua caixa especial a sua vito-
riosa resistência à infiltração
de todas as POEIRAS e
IMPUREZAS

CYMA

TRIPLEX

PARA-CHOQUES * ANTI-POEIRA * ANTI-MAGNÉTICA

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA

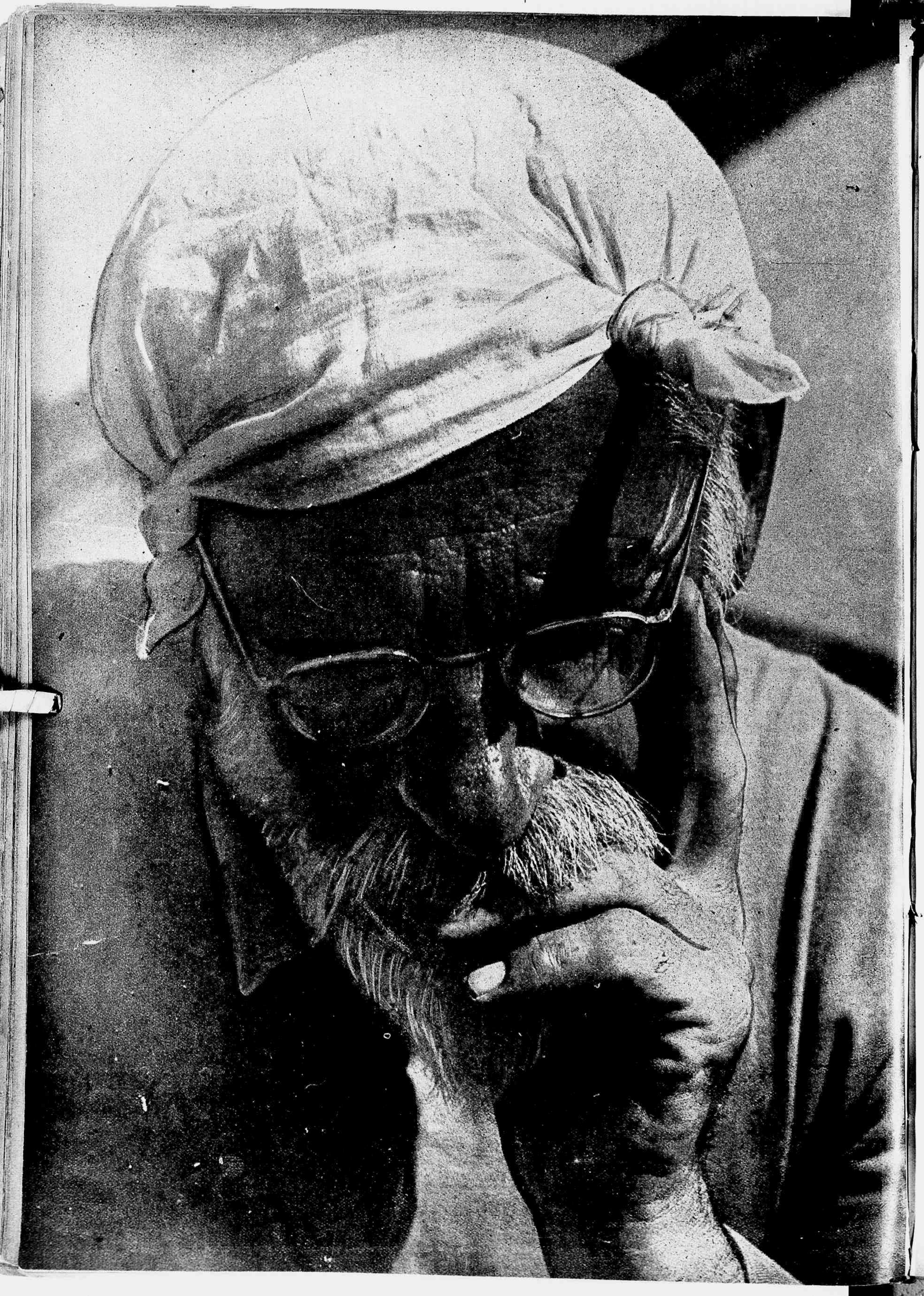
Diplomada pela Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro
R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 28-0439

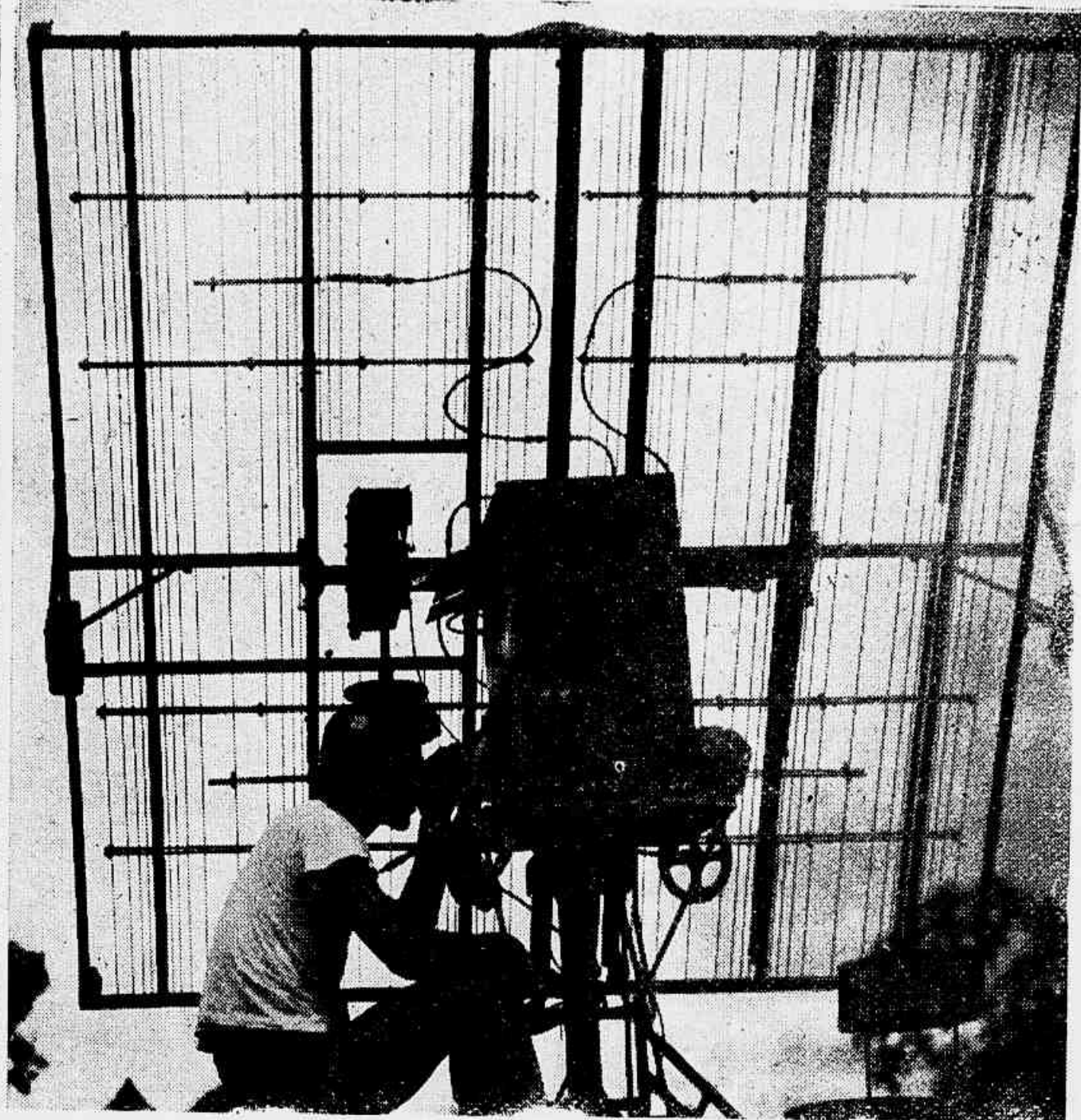
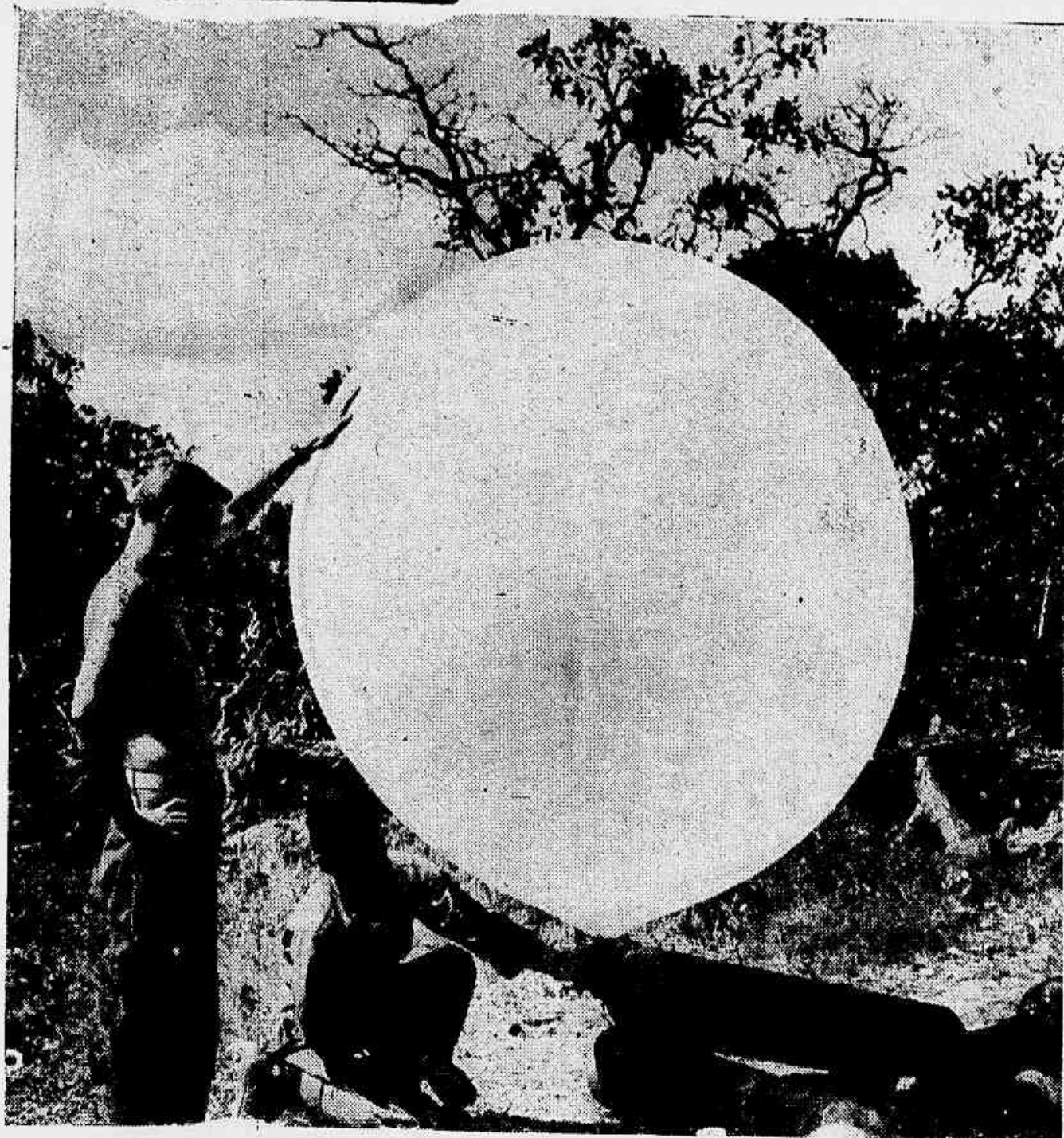
O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — O contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECIPIAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES





A esquerda: balões de sondagem atmosférica subiam pela manhã e à tarde, algumas dezenas. Confeccionados de material plástico e o custo de cada é em média de quinze mil cruzeiros. Permaneciam a quinze e vinte mil metros de altitude, de onde transmitiam automaticamente mensagens radiográficas sobre as condições do tempo. Isto desde várias semanas antes de ocorrer o eclipse. A direita: Enquanto os balões de sondagem perdiam-se pelas alturas, este aparelho ia registrando as mensagens transmitidas. Não se trata de radar, como se pôde pensar, mas de um equipamento aparentemente semelhante. Ali ficavam postados, horas seguidas, os técnicos na recepção das mensagens, registrando as variações atmosféricas e anotando complicados algarismos para estudos posteriores.

BOCAIUVA, CAPITAL TRANSITÓRIA DO MUNDO CIENTIFICO

O ECLIPSE E OS OBSERVADORES INTERNACIONAIS

Três dias e duas noites no acampamento de Extrema — Em contacto com cientistas brasileiros, norte-americanos e finlandeses — A vida em campanha — Nossos amigos os cães — Descrição, tanto quanto possível, do fenômeno solar — Afirmativa e desmentidos sobre o aproveitamento das experiências para estudos maiores da energia atômica — "Não temos nenhum interesse nesse sentido!", declaram os norte-americanos. — "É possível que mais tarde as experiências sirvam para fins de guerra", afirmam outros. — Episódios tragi-cômicos — O auxílio dos rádios-amadores — A grande viagem de volta.

Por **CELESTINO SILVEIRA**

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

O ECLIPSE solar de 20 de maio não serviu apenas para medir a intensidade dos raios cósmicos e o coeficiente de sua absorção, entre as muitas outras experiências de caráter científico que se preocuparam em Bocaiuva. Serviu também — e esse foi um de seus objetivos previstos — para pôr à prova a capacidade de resistência física de um grupo de reporters que por duas vezes se transportou, pelo espaço, em visita àquela remota localidade do norte mineiro. A primeira, uma simples visita de cerimônia levada a efeito no dia 1.º de Maio, dando-se o regresso nesse mesmo dia, depois de uma rápida peregrinação pelo campo científico norte-americano situado no chapadão da Extrema, aproximadamente a 24 quilômetros da cidade de Bocaiuva. E a segunda, essa então laboriosa e exaustiva, que se estendeu por três dias e duas noites, em contacto mais assíduo e direto com os vários acampamentos, não só o dos nossos amigos "yankees". Foi quando se assistiu ao

fenômeno solar, regressando as "equipes" de reportagens jornalísticas e radiofônicas, só depois desse magno acontecimento, mas deixando ainda em plenas selvas, por algumas semanas, os cientistas agora às voltas com os estudos, "in loco", das conclusões de seus trabalhos.

Lá ficaram eles, brasileiros, norte-americanos, finlandeses, e ainda representantes avulsos de outros países, dormindo nas suas barracas de campanha, comendo a "boia" de conservas, torrando ao sol causticante do dia e tirando de frio com a temperatura inclemente da noite, até quando os últimos resultados fôrem obtidos. Ainda seis meses depois do eclipse, câmaras fotográficas, telescópios, astrográficos, fotômetros, oscilógrafos registradores, estarão a postos, colhendo as derradeiras impressões do espaço e estabelecendo confrontos com as chapas batidas na manhã do dia 20. E só então os homens da ciência terão dado por definitivamente rematados seus mistérios que os trouxe-



Celestino Silveira, que pertenceu, durante alguns anos, ao nosso corpo redatorial, do qual se afastou, com pesar nosso, para se dedicar com maior amplitude à sua vitoriosa carreira radiofônica, ao deixar seu posto na REVISTA DA SEMANA tomou o compromisso de contribuir, ainda que esporadicamente, para este magazine, com sua colaboração interessante e cheia de vivacidade. Chegou essa oportunidade, com o eclipse total do sol e a concentração de sábios de várias nacionalidades, em Bocaiuva, para observarem o fenômeno. Celestino Silveira, com seus sentidos de repórter mais aguçados do que nunca, lá esteve também. De passagem, devemos registrar, a bem da justiça, que sua transmissão radiofônica, para a PRE-3, constituiu um legítimo triunfo, representando uma página de grande reportagem. A Rádio Globo brilhou, entre as suas rivais, lavrando um tanto de que se pôde orgulhar, graças a Celestino Silveira. E nestas páginas estão impressões que o observador da PRE-3 reservou para os leitores da REVISTA DA SEMANA.

Na manhã do eclipse, o embaixador norte-americano mr. William D. Pawley apareceu no acampamento, devidamente equipado, com o seu negativo fotográfico, para assistir o eclipse. Democriticamente, sem paletot, de olhos escuros, confundia-se com os operários e cientistas. Utilizando os microfones, transmitiu seus agradecimentos pelo precioso auxílio dado aos seus patrícios pelos brasileiros. Na página ao lado: Um precioso flagrante do eminente professor Van Busbraeck, tal como passava os dias no acampamento, entregue aos seus complicados estudos. De lenço amarrado na cabeça, com quatro pontas retorcidas, o homem que procura a confirmação ou o desmentido das teorias de Eienstein, parece meditar. Meia hora depois do eclipse Van Busbraeck, radiante, confessava aos reporters: - "Tudo O. K.!"



Na página à direita: O rev. dr. Lawrence C. McHugh, de Georgetown College Observatory, de Washington (à esquerda), e o rev. dr. Francis J. Heyden, de Georgetown, sentado na escada, prontos a fazer funcionar a câmara telescópica para fotografar os quatro contactos do sol e da luz durante o eclipse, medindo-os. Ao alto: Curiosos, que com grande dificuldade conseguiram penetrar no acampamento durante o eclipse, assistem, interessados, os preparativos para a grande hora. Alguns, já munidos de negativos e vidros enfumaçados, examinam o céu mas surpreendem-se. Não há o menor sinal de lua, visível a olho nu...

ram de tão longe, aquele ponto do Brasil, distante do Rio 644 quilômetros e a 732 metros acima do nível do mar.

PERIPECIAS DE UM REPORTER

Chegamos a Bocaiuva, pela segunda vés, na ante-vespera do fenómeno.

Saltamos do avião Douglas, posto à nossa disposição pelo Serviço Cultural e Científico Norte-Americano, a uma distância de 24 quilômetros do local das experiências, e o percurso até esse lugar tem de ser vencido em trepidantes "jeeps", correndo com uma velocidade infernal, pelas estradas poeirentas, manchadas de vermelho. O veículo faz cabriolas, parece um cabrito solto nas matas e não dá confiança às dificuldades do terreno que precisa vencer. Salta, pinoteia, parece ressaltar para a direita e para a esquerda, por momentos dá idéia de ir precipitar-se na primeira curva da estrada a beira de um abismo, mas tudo acaba sem novidade, depois de quarenta minutos memoráveis de correrias desenfreadas. Quem jamais participou de um circuito automobilístico na Gávea, depois desse "test" em Bocaiuva, está perfeitamente habilitado a servir de companheiro ao próprio Chico Landi. E quando pisamos terra firme, no primeiro acampamento visitado, é como se nos libertássemos de um perigo mortal. Esse acampamento situado a 6 quilômetros daquele onde se instalaram os norte-americanos, não possui as instalações confortáveis do seu vizinho. Nossos patrícios dormem junto ao leito da estrada,

em barracas militares, suportando os rigores da baixa temperatura noturna, alimentados de carne seca ao vento e ao sol, de feijão preto e arroz, mas sem instalações sanitárias e lutando com extremas dificuldades para conseguir água potável. Mesmo assim, os brasileiros e alguns finlandezes que lhes fazem companhia, mostram-se radiantes com os preparativos de seus trabalhos. E dizem-nos que é assim mesmo, nossa gente está pouco habituada a esses excessos de conforto, quando as circunstâncias assim o exigem. Depois de conhecer o lugar onde os cabôcos nativos acompanham, com seu escasso aparelhamento, os preparativos gerais, nossa entrada no reduto norte-americano é uma compensação salutar. Porque nesse reduto há de tudo, começando pela certeza das refeições a horas exatas, e onde todos consomem a mesma comida, feita ao sabôr da arte culinária do país de origem daquela gente: feijão doce, café "comprido" com creme, geleias, apimentados diferentes dos clássicos pratos brasileiros... Tudo muito agradável e apetitoso no primeiro dia, mas começando a tornar-se enfadonho e desagradável nas refeições seguintes...

De nada se esqueceram os americanos. A água potável, purificada com o recurso do cloro, tem um paladar de remédio, mas faz bem. Chuveiros com água corrente permitem-nos limpar o corpo da poeira cômica de cobre das estradas. Instalações sanitárias, rústicas mas higiênicas surpreendem-nos, de tão inesperadas que ali se fizeram aos nossos olhos. E não falta, sequer, o campo para a prática de esportes, a que se entregam os rapazes de Tio Sam, madru-

gada alta e ao cair da tarde, antes e depois dos trabalhos cotidianos.

Mas nem tudo é agradável e traduz conforto para os reporters que tiveram de carregar suas barracas de campanha, cavando eles próprios os buracos, na terra, para os tócos de madeira que devem sustentá-las... Dormindo em mácas de soldados, desprovidas de colchão, incomodas e sem a conformação anatômica de quem as utiliza, suportando, pela madrugada, a queda dos termômetros a 6 graus centígrados... E' preciso lançar mão da enxada e da picareta. Não há mais vestígios dos rapazes limpos e bem trajados que pela manhã saltaram do Douglas possantíssimo mas ali se encontram homens despidos da cintura para cima, os cabelos revoltos, as mãos estranhando o contacto dos instrumentos da terra, abrindo clareiras na vegetação, podando tócos de arvores, juntando ramos e folhagem seca para tapar os orifícios da barraca...

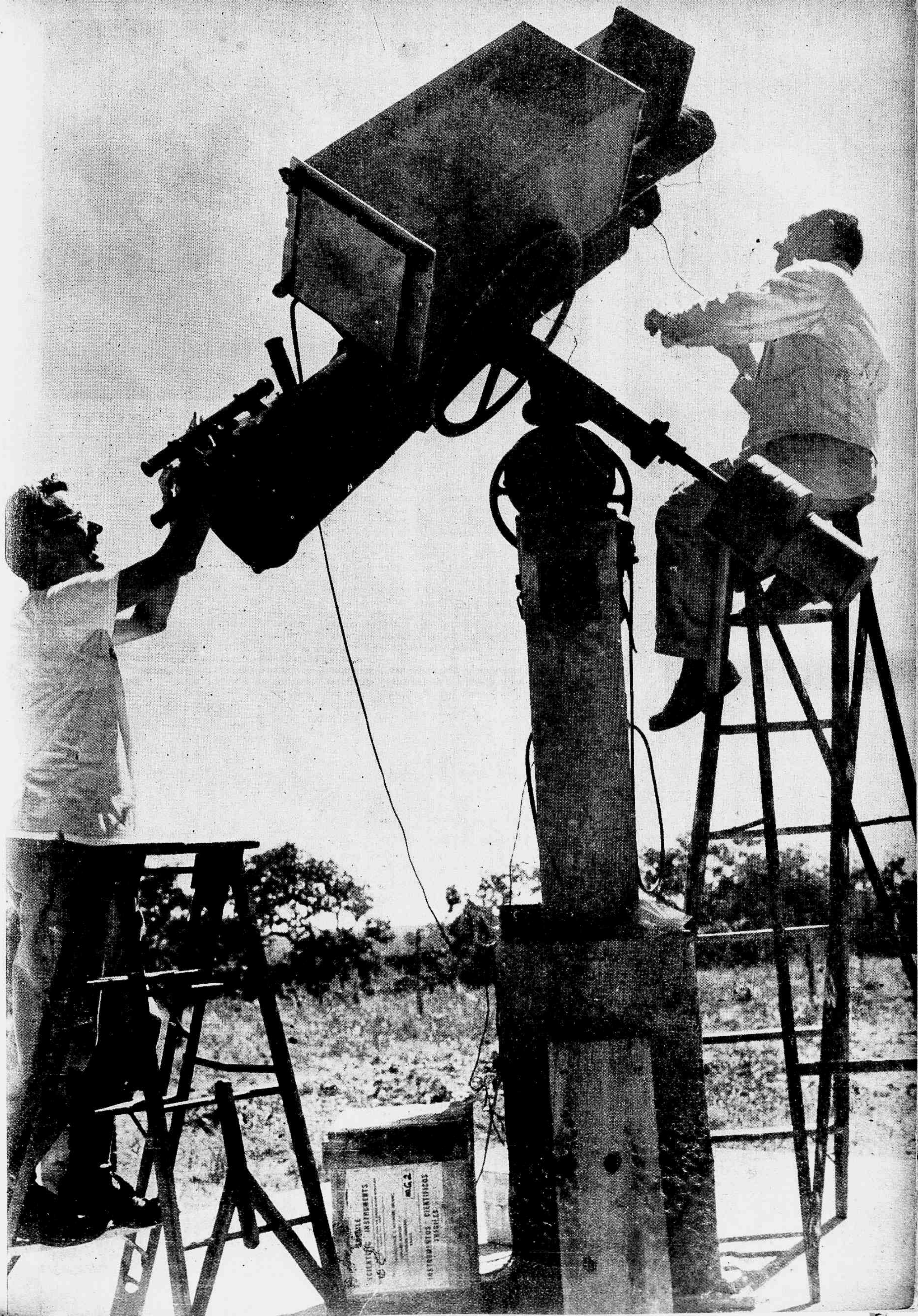
Fala-se muito em cobras e outros perigosos "specimens" das selvas. Frequentemente, pela estrada, o percurso do "jeep" é interrompido pela presença de uma respeitável serpente. Ha sustos, apertos de coração, mas ninguém se atreve a tirar a vida desses reptis. E tirar para quê, se tantos outros existem por ali perto!

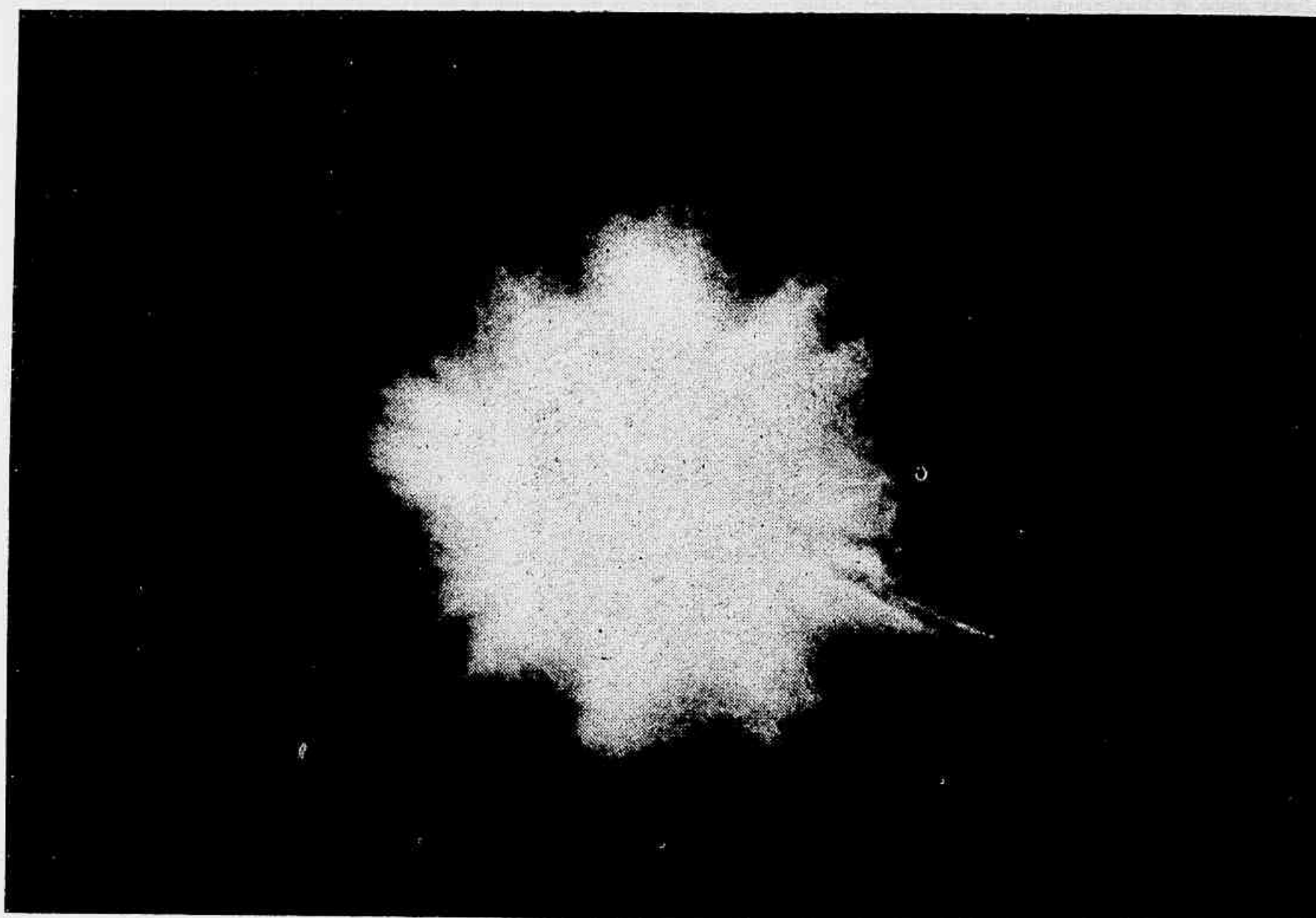
NOSSOS AMIGOS — OS CAES

Cães de Bocaiuva são todos de uma cor de tijolo. Parecem feitos de cobre, daquela cor viva que sóbe da es-

Detalhe curioso: A maioria dos cientistas não teve ocasião de olhar o eclipse. Permaneciam de costas voltadas para o sol, com o melhor de sua atenção concentrada nos aparelhos que iam registrando as variantes do fenómeno. Muitos houve que só poderão dizer alguma coisa, com relação ao eclipse, com o recurso de algarismos ou de fotografias.







A esquerda: Fases primitivas e totais do eclipse, fotografadas durante o desenrolar do fenômeno e por onde melhor pôde avaliar-se a marcha da sombra lunar. Ao alto: Impressionante efeito fotográfico, obtido quando o disco solar voltava à claridade e reverbera, imponente, grandioso, ferindo de súbito, num jorro de luz forte, os olhos da multidão.

trada poeirenta e rubra, avermelhando a vegetação, as roupas, nossa pele e nossos cabelos.

Horas depois de saltar no campo da Extrema, reparamos que um desses animais nos acompanha por toda a parte. Vai no encalço de nossos passos. É um cão humilde, de orelhas caídas, uma delas ferida de carrapatos, o olhar triste e piedoso. A noite desaparece. Já o esquecemos, noite fechada, quando nos enrolamos no cobertor, estendidos na cama de campanha, procurando esquecer o frio, quando alguma coisa remexe na terra batida. E como não há colchão, apenas uma lona estendida, esse corpo estranho faz pressentir-se melhor. Uma sensação desagradável se apodera de nós. O que estará sob a cama? Serpente, taivês... Riscamos um fósforo, furtivamente, arriscando um olhar para baixo. Éra apenas o cão, o nosso fiel amigo de toda a tarde, que ali se aninhara, o focinho entre as patas, a cauda batendo nervosamente na lona da cama de campanha...

Na segunda noite, ele não aparece. Pela madrugada, somos despertados com o latido a alguma distância. Deve ser o nosso. Depois outros latem, muitos outros... E continuam barulhentos, lá fóra, na noite humida e fria. Não damos importância ao caso. Na manhã seguinte, alguém diz-nos:

— Ouviu esta noite o ladrar dos cães?

— Sim, ouvimos. O que seria?

— Pois não sabe? Num lugar destes, quando cachorro late é onça na certa. O bicho andou espantando as onças aqui por perto...

E só então compreendemos que mesmo durante a noite, nosso amigo o cão cor-de-cobre, da mataria poeirenta de Bocaiuva, zelava um pouco pela nossa integridade física.

BOCAIUVA, A "DESCOBERTA"

Aquela ignorada localidade mineira, lá perto de Montes Claros, teve a sua grande oportunidade de evidência

em mercê do eclipse. Não se envaideceu por isso sentindo que uma vez ocorrido o fenômeno, tudo voltaria à pasmaceira de sempre, mas preparou-se para corresponder à gentileza de seus ilustres visitantes. O elemento feminino primou pelos desvelos dispensados aos rapazes cariocas e aos americanos. Não era permitido o ingresso de gente estranha nos acampamentos, e muito menos de elementos femininos, por motivos bem fáceis, de avaliar. Mas, quando a turma ia dar sua volta pela cidade, o menos que acontecia era ser convidada para o baile infalível no edifício do Forum, onde as simpáticas bocayuenses apareciam, de vestidinhos rendados, multicoloridos, de flôr nos cabelos, risos e felizes.

Grande erro será acreditar que aqueles nossos patriotas se desinteressassem pelo eclipse ou pelas referências feitas à sua terra. Um reporter atreveu-se a publicar no seu jornal comentários pitorescos a seu respeito. E tanto bastou para que os protestos surgissem de toda parte, preparando-se uma "justa homenagem" ao ingrato visitante quando ali voltasse no dia do eclipse. Previnido, o reporter tomou suas precauções. Fêz acompanhar-se de um fotógrafo e saltou no aeródromo, anunciando seus propósitos de bater chapas dos principais pontos de Bocaiuva, prometendo divulgá-los em reportagem especial, dedicada "à prospera e florescente terra que a própria Natureza distinguira com as honras do supremo fenômeno do século".

Só assim os ânimos arrefeceram e tudo acabou bem. Perfeitamente bem.

O ECLIPSE E A ENERGIA ATÔMICA

Houve quem admitisse que os motivos fundamentais das várias expedições científicas ao Brasil, estariam ligados aos magnos problemas da desagregação atômica. De fato, uma das finalidades da expedição americana foi a de

Um detalhe batido durante o eclipse.





Em baixo, à direita: A fase inicial do fenômeno celeste, quando a lua se interpunha entre o sol e a terra. A sombra lunar foi surgindo da parte superior para a inferior, até conseguir ofuscar todo o disco do astro-rei. Ao alto: Acampamento de técnicos e cientistas. Vista de uma das barracas, devidamente protegida de tela para evitar a penetração de elementos indesejáveis. Roupa na corda, lavada pelos próprios cientistas e alguns caixotes onde foram transportadas a bagagem e os apetrechos de alta precisão dos ilustres sábios que Bocaiuva hospedou.

medir a intensidade do componente "duro" dos raios cósmicos em ação, o que é muito importante. Eles são produzidos na atmosfera terrestre pelo impacto dos raios cósmicos primários, provenientes do espaço exterior ao cair sobre a terra. Fizeram-se grandes pesquisas com um aparelho que registra a passagem desses raios, medindo o coeficiente da sua absorção em chapas de chumbo. Convém frisar que os raios cósmicos atravessam camadas de chumbo com a espessura de 150 metros, penetrando qualquer campo de resistência com uma força mil vezes superior à da bomba atômica.

As autoridades científicas norte-americanas apressaram-se em desmentir que seus "experimentos" estivessem, de algum modo, associados ao problema atômico. Mas até mesmo um alta patente do nosso Exército, entrevistada ao microfone da Rádio Globo, admitiu que mais tarde, o resultado desses estudos poderia ser aplicado em fins militares.

— Os cientistas podem não ter esse propósito, evidentemente não o possuem, é verdade. Mas quem impede que depois as conclusões obtidas sejam aproveitadas para este ou aquele objetivo?

E a incognita ficou pairando no espaço. Que resultados podem ter sido esses, relacionados com a intensidade dos raios cósmicos? E que terríveis surpresas poderá reservar-nos o futuro?

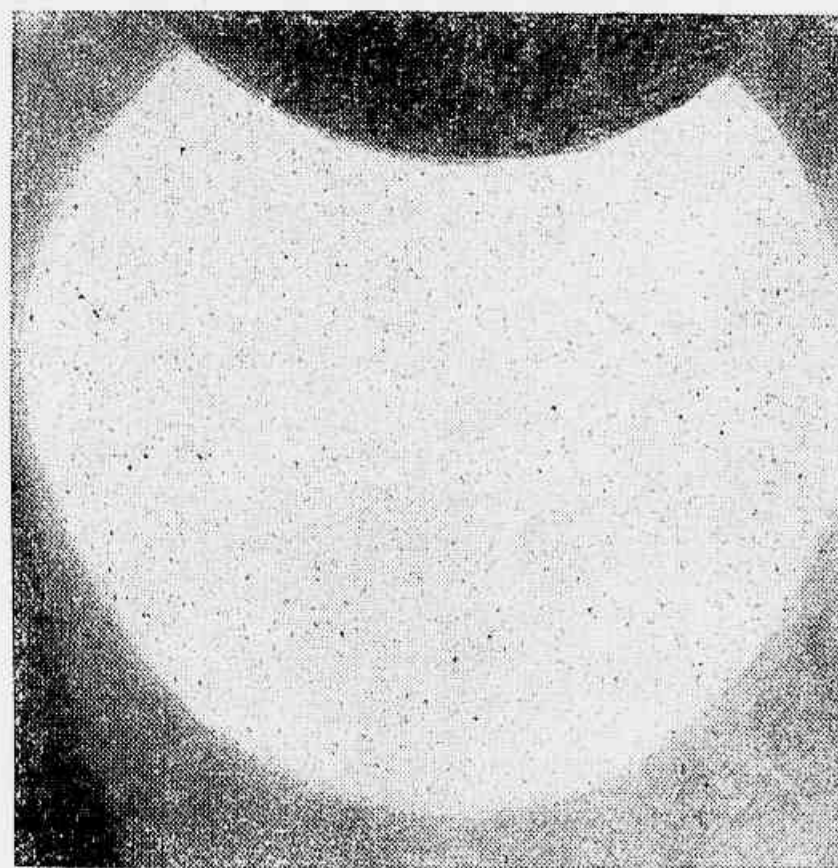
De qualquer modo, para muita gente foi admitido que os cientistas norte-americanos, em Bocaiuva, e os russos em Araxá e outros pontos, estariam travando, silenciosamente, uma grande batalha dentro das suas especialidades. Ainda quando não o soubessem. Outros, mais tarde, não de tirar proveito dessas conclusões aferidas agora, ali pertinho, em Bocaiuva...

A DEFINIÇÃO DO FENÔMENO

O dom da palavra não permite a definição exata do maravilhoso espetáculo que ali assistimos na manhã de 20 de Maio. Aqui no Rio, houve quem nos perguntasse com frequência, o que pretendíamos irradiar com relação ao eclipse:

— Que vai dizer você de interessante? Que o sol escureceu e depois clareou... Mais nada...

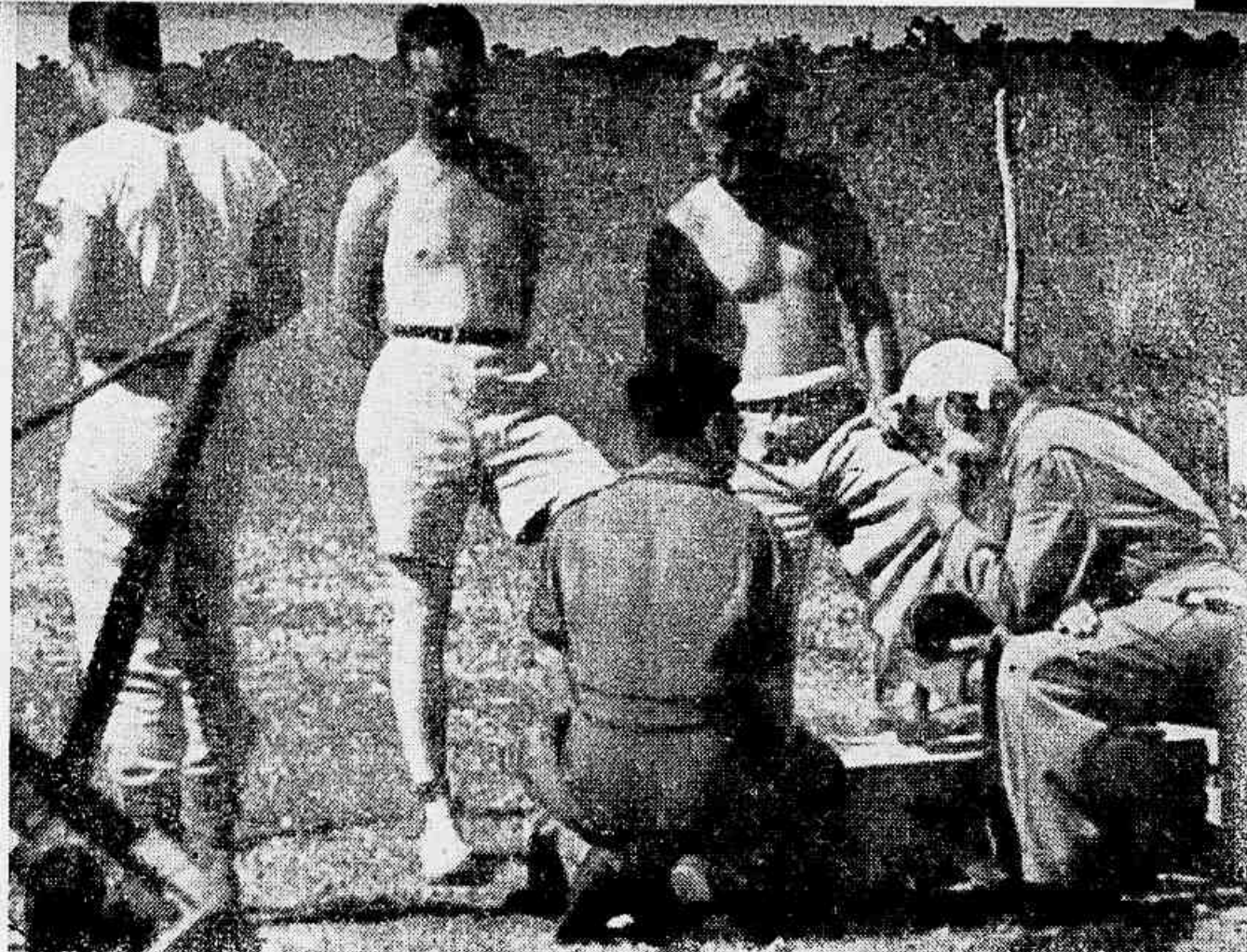
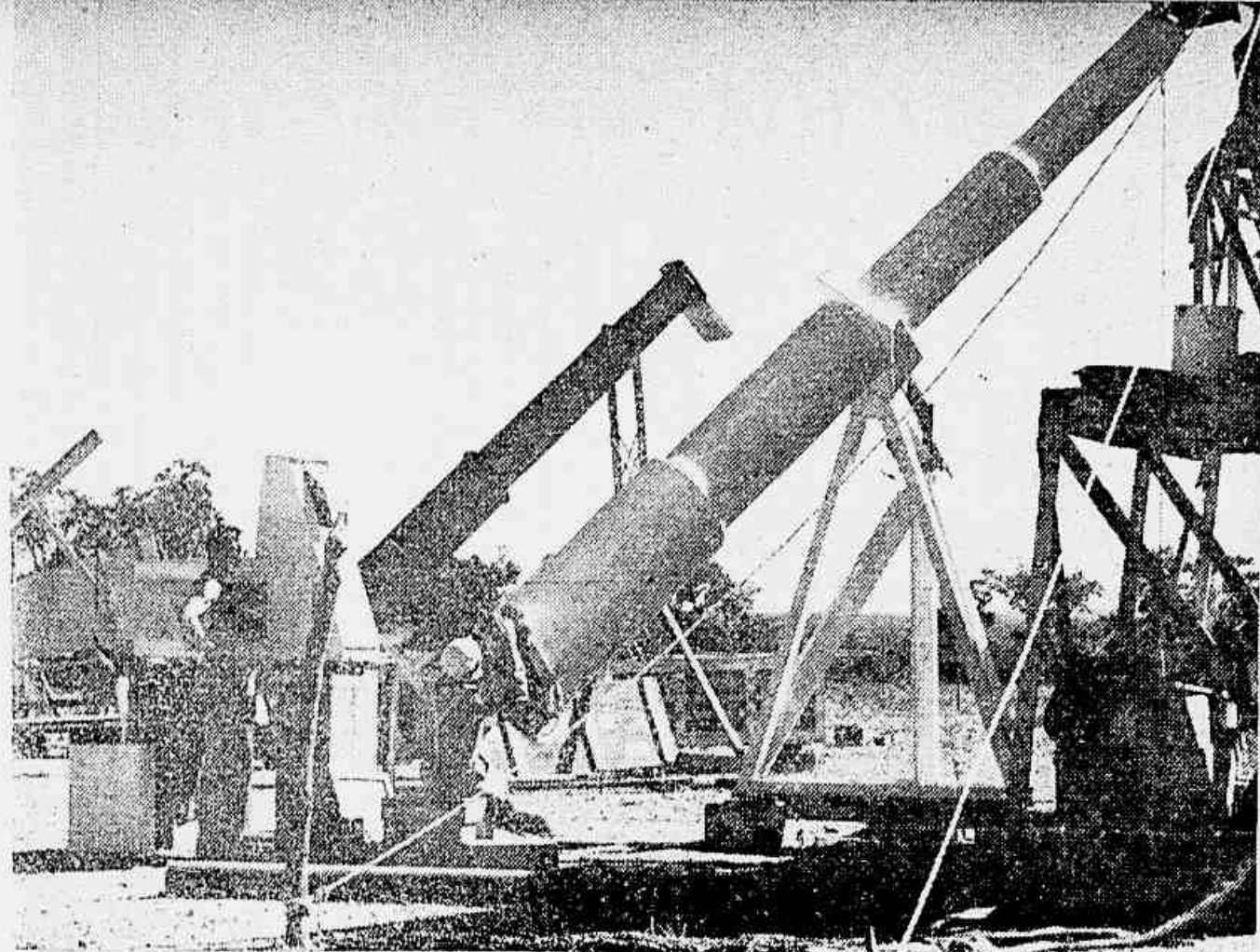
Pois aconteceu o contrário. Tudo quanto descreve-



mos com o auxílio do microfone, ficou muito aquém da realidade. Imaginem os leitores, mais ou menos, isto que vamos descrever. Mas, antes, cerrem os olhos. Com eles bem fechados, dêem largas à imaginação. Tudo que se vê nas trevas, toda essa multidão de visões fantasmagóricas, de cortes e recortes luminosos, de efeitos vertiginosos que

Flagrante aéreo do acampamento de observação. De grande altura, fazia lembrar uma legítima "taba" indígena. Vêm-se as câmaras telescópicas, os apertôgrafos e outros aparelhos. E ainda algumas barracas do acampamento, vendo-se à direita, ao alto, a do serviço meteorológico da Força Aérea Militar dos Estados Unidos. Nesse local tudo era floresta, antes de ali chegar a missão "yankee".





A esquerda: Bateria das câmeras telescópicas e dos espectrógrafos prontos para as observações. Da direita para a esquerda: na borda direita aparece o grande telescópio e sua montagem com um operador sentado na extremidade. E a seguir, o telescópio do dr. Van Biesbroeck, as câmeras do dr. Cardner, os espectrógrafos do dr. Kiess e o telescópio do dr. Heyden e dr. McHugh, à esquerda. À direita: Assim se trabalhava no acampamento da Extrema, em Bocaiuva. Dorso nú, ou de camiseta, lenço na cabeça protegendo-o só... E cálculos, sempre cálculos...

só de olhos cerrados se distinguem, nós vimos com eles escancarados. Era mais que um sonho, porque chegou a ser uma visão sobrenatural. Só mesmo as sinfonias coloridas de Walt Disney, com aquele primor de tonalidades, aquelas cambiantes sucessivas, podem traduzir, muito de longe, a imponência do espetáculo. Ou então, imaginemos um cenário de teatro, de um teatro onde exista um equipamento elétrico perfeito, uma tomada de resistência elétrica que vai apagando, gradativamente, a luz de cena, provocando mutações fantásticas. Mas assim mesmo a reconstituição perde muito em confronto com a realidade. Nossos olhos guardam, para o resto de nossos dias, aquelas imagens.

Outra tentativa de descrição: Uma planície a perder de vista. Um chapadão enorme, três ou quatro vezes as dimensões do Campo de Santana. O céu, uma cúpula de igreja, escurcendo aos poucos, pontilhado agora de estrelas prateadas. E o azul em todas as tonalidades: primeiro azul-claro, celeste, depois mais pronunciado, o azul-turquesa, depois o azul-ferrete, e por fim quasi negro. Isso no alto, na cúpula. E depois, em volta, essas cambiantes de azul adquirindo de segundo em segundo novos efeitos e cores. Passando para o violeta. Para o amarelo vivo. Para o verde-garrafa. Para o róxo — um róxo que parecia penetrar-nos a epiderme. Todas essas cores misturando-se e refletindo-se nas árvores, nas pessoas, nos objetos, em tudo...

Ao fundo, em toda a circunferência, o recorte das árvores, silhuetas como que trabalhadas a golpes de gilete. Formando um contraste, as tonalidades multicôres do horizonte. Duas estrelas mais perto do sol, uma delas a estrela dalva. E as variações luminosas do astro-rei... Do sol que se cobriu de luto, em todo o seu disco, mas um luto que era inicialmente apenas a mordedura da sombra da lua, na sua parte superior. E que aos poucos ia cobrindo todo o planeta luminoso, até que ele ficou sendo, na fase total, um disco de azeviche, como se pintado de nankin enquanto em torno, por detrás do disco preto, repontavam

luminosidades de alvorada, num contraste fabuloso. E então, de súbito, aquele ponto de luz, reverberando violento e brutal, lá em cima, na parte superior do sol. E com essa aparição, um jorro forte de luz maravilhoso, estupidamente claro, brilhante e fantástico, batendo-nos em cheio nos olhos, fazendo pulsar o coração, bolindo com os nervos... Milagre! Porque só mesmo por milagre transformação tão brusca e irreal poderia registrar-se. Mas já então, em todo o cenário, as mutações luminosas são outras. As tonalidades róseas, violáceas, azuladas, mudavam como que ao manêjo de um aparelho elétrico de resistência.

E tudo durou tão pouco! Foi um sonho. Um maravilhoso sonho de olhos abertos, que não poderemos esquecer para o resto da vida.

A COOPERAÇÃO DOS BRASILEIROS

Foi das mais preciosas a colaboração emprestada pelos nossos patrícios aos trabalhos científicos de Bocaiuva. O próprio embaixador norte-americano, por nós entrevistado ao microfone, traduziu em palavras de entusiasmo seu reconhecimento nesse sentido. Além da equipe de técnicos do Conselho Nacional de Geografia, chefiada pelo professor Alirio H. de Matos, houve também a colaboração da Força Aérea Brasileira, cujos aparelhos fizeram mais de vinte viagens àquela localidade para transportar material importado dos EE. UU. e daqui mesmo do Rio. Lá encontramos mais de trinta e seis toneladas de aparelhos confiadas a 28 soldados norte-americanos, 5 membros da National Geographic Society, 16 engenheiros "yankees", 4 brasileiros, 5 oficiais do exército norte-americano, 6 trabalhadores civis e dezenas de auxiliares imediatos.

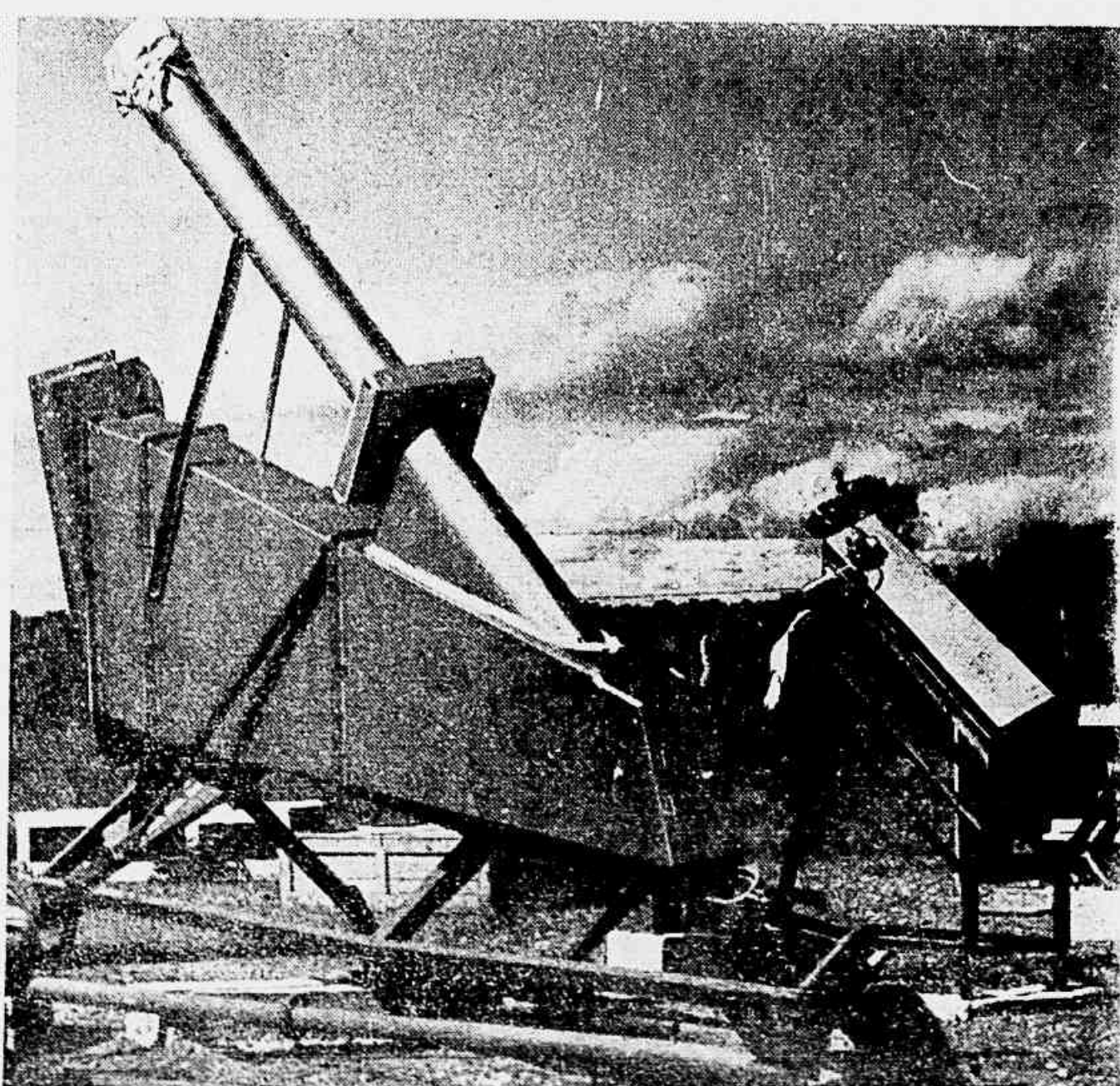
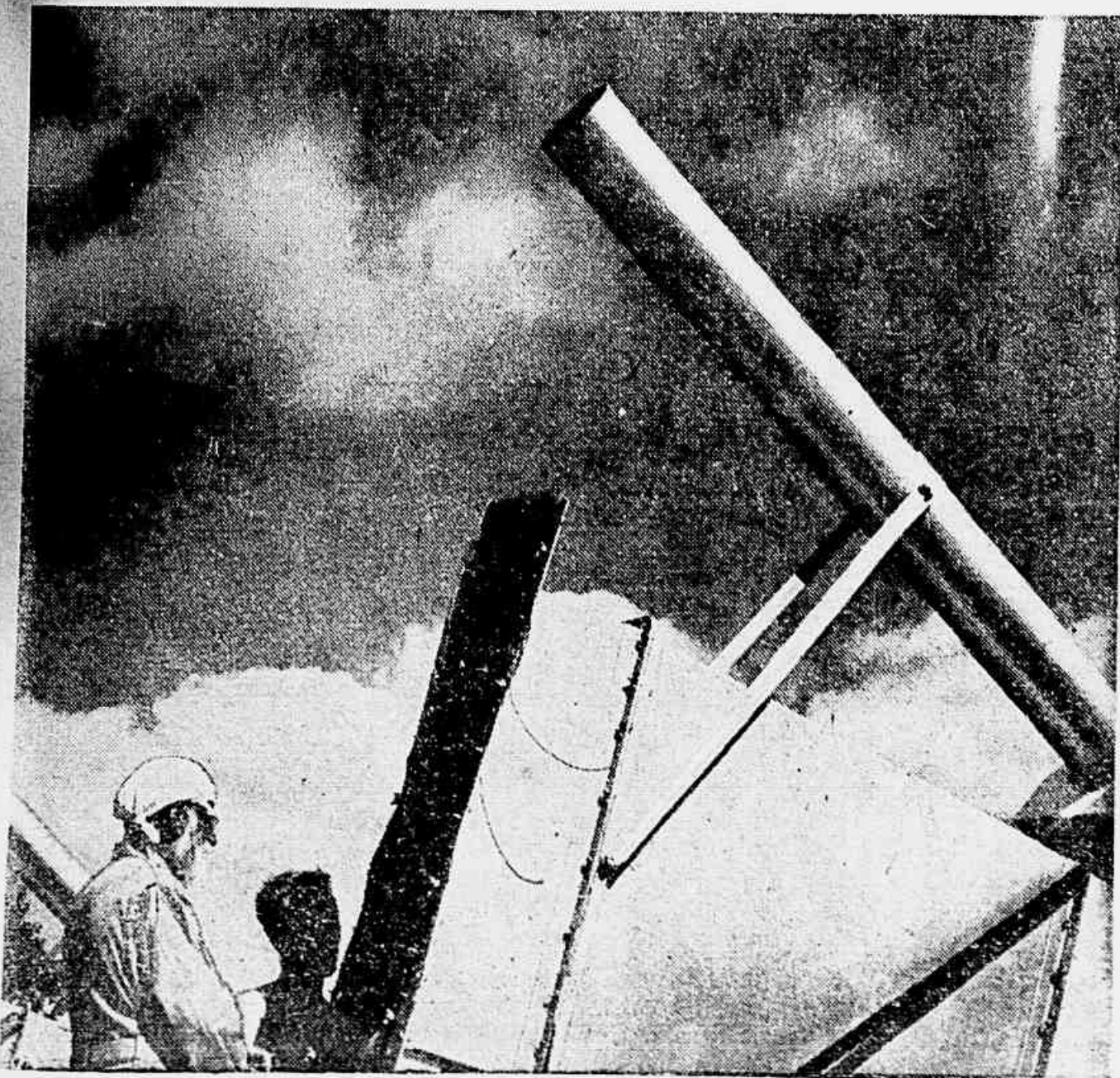
Secundando os trabalhos do dr. Alipio H. de Matos, lá estavam os professores Dalmir Rodrigues de Souza, Lisandro Viana Rodrigues e Joaquim de Barros. Outros chegaram nas vésperas do acontecimento.

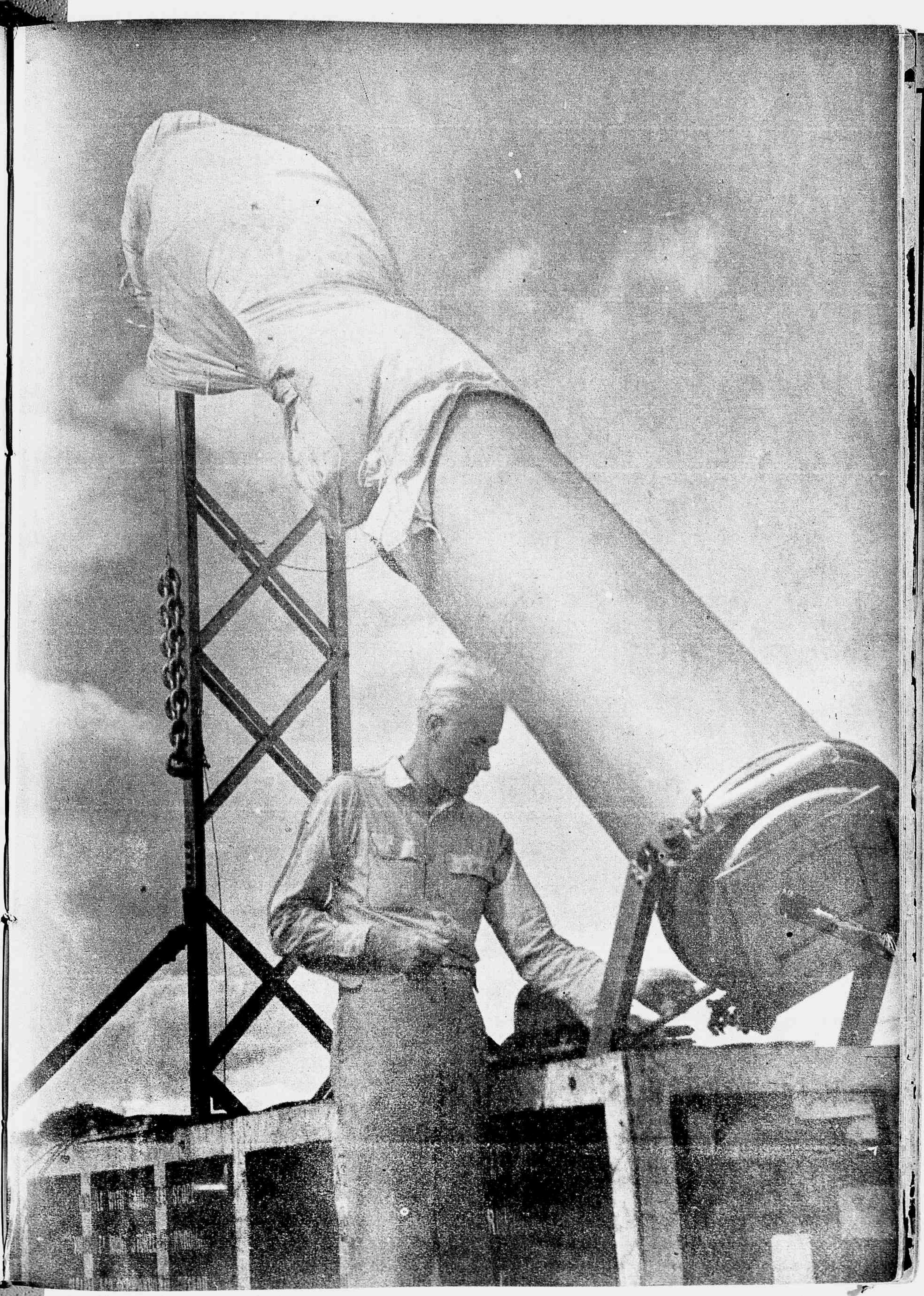
A CONTRIBUIÇÃO DO RADIO-AMADORISMO

E' preciso não esquecer a preciosa ajuda dos rádio-amadores feita ao "broadcasting" nacional e a toda a imprensa, na divulgação imediata das ocorrências em Bocaiuva. Esses prestativos serviços, sem nenhuma recompensa material, apenas com a consciência de um dever a cumprir, dobraram-se em pacientes esforços, pondo à disposição das emissoras cariocas todo seu material. Foi com o equipamento de um deles, o rádio-amador Vasco Rocha que a Rádio Globo conseguiu transmitir suas reportagens, de pleno sertão, onde não havia um cabo telefônico nem energia elétrica para o êxito desses trabalhos. Vinte dias antes do eclipse, Vasco Rocha instalava-se com o seu equipamento, primeiro no acampamento brasileiro e depois no norte-americano, dormindo ao relento, enfrentando a adversidade da temperatura, fazendo experiências para o Rio e mantendo-se em contacto assíduo com todo o Brasil, recebendo o retransmitindo informações sobre as condições atmosféricas. Todas as fases do eclipse foram irradiadas por intermédio de seu equipamento, numa transmissão que se estendeu por três horas sem a menor interrupção, com por cento bem sucedida. Também as rádios Nacional e Tupi transportaram equipamentos semelhantes para aquele rincão, esforçando-se em dar aos seus ouvintes reportagens completas à medida do possível. Reporters do Brasil inteiro e do exterior, cinegrafistas e muitos estudiosos, lá se encontravam, confraternizando em plenas selvas. E a N. B. C., trazendo dos EE. UU. uma verdadeira estação radiofônica, mandou para aquele país suas informações, enquanto completas filmagens em technicolor eram feitas, para imediata divulgação em Nova-York, com o recurso da televisão. Um aparelho B-17, equipado com os necessários aparelhos científicos voou à altura superior de 15.000 metros, nos céus de Bocaiuva, recolhendo outro material para os estudos finais.

(Continuação na pág. 57)

A esquerda: Uma das figuras mais importantes da equipe científica norte-americana, não era norte-americana: O dr. Van Biesbroeck. Aqui o vemos em outro flagrante, às voltas com as suas lunetas e câmaras de precisão. Mesmo durante a noite, enfrentando os rigores do frio, ele percorria o acampamento, estudando, anotando, fazendo cálculos... A que conclusão terá chegado? A direita: Na véspera do eclipse, todos os aparelhos sofreram a última revisão geral. E passaram a última noite, protegidos da melhor maneira, para evitar qualquer inesperada ocorrência. Na página ao lado: Uma das grandes lunetas, por onde importantes observações foram realizadas na manhã de 20 de maio. Este flagrante foi batido antes do eclipse, mostrando como se protegiam os aparelhos na sua parte superior, para evitar que fossem danificados com alguma súbita alteração climática. Ao lado, o dr. Scott examinando a câmara com filtro polaroid, operação repetida todas as manhãs.







— Esse é o nosso modelo de extintores de luxo, para apartamentos de lua-de-mel...



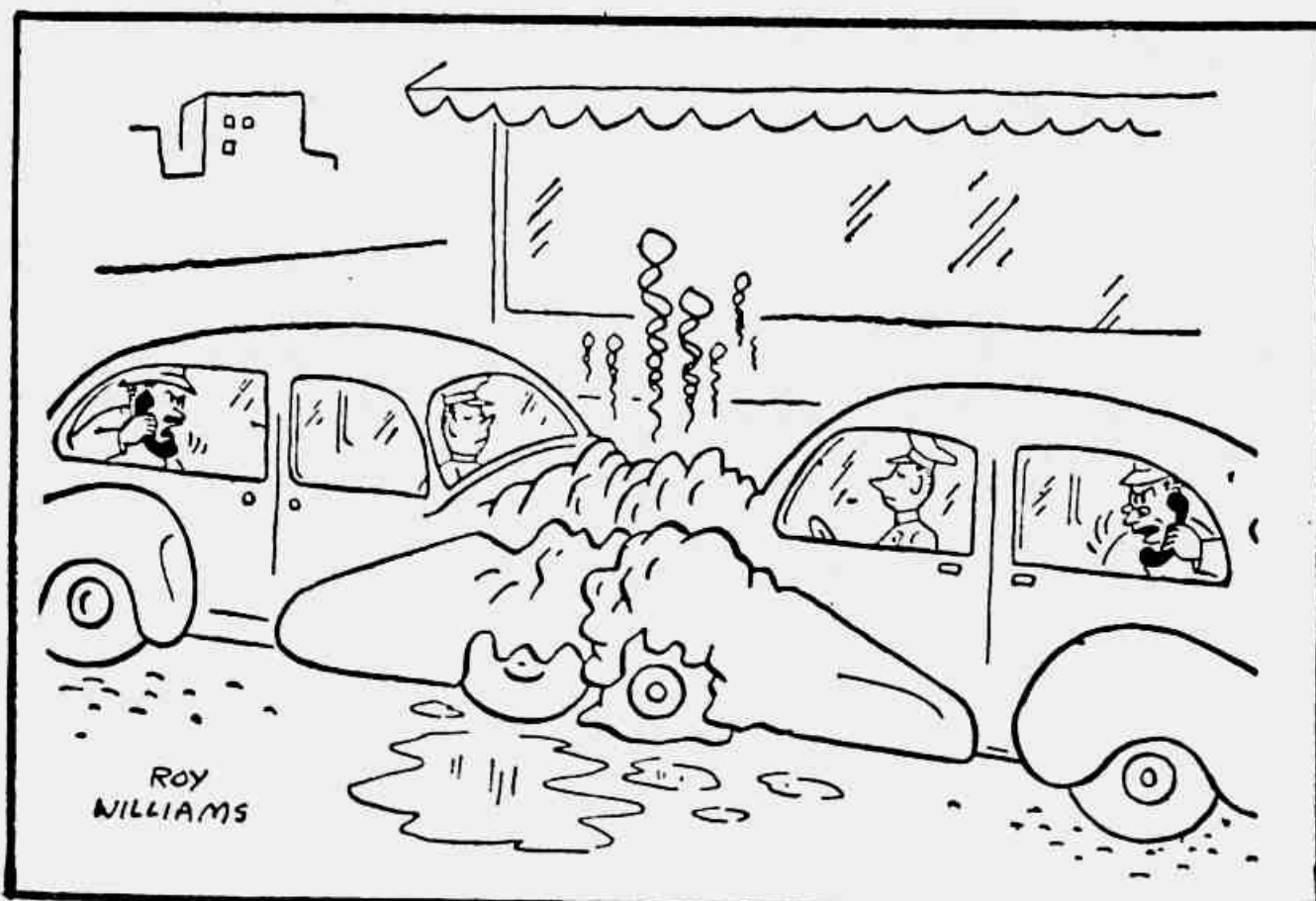
— Já descobri o que tem o seu carro... Está faltando o motor...



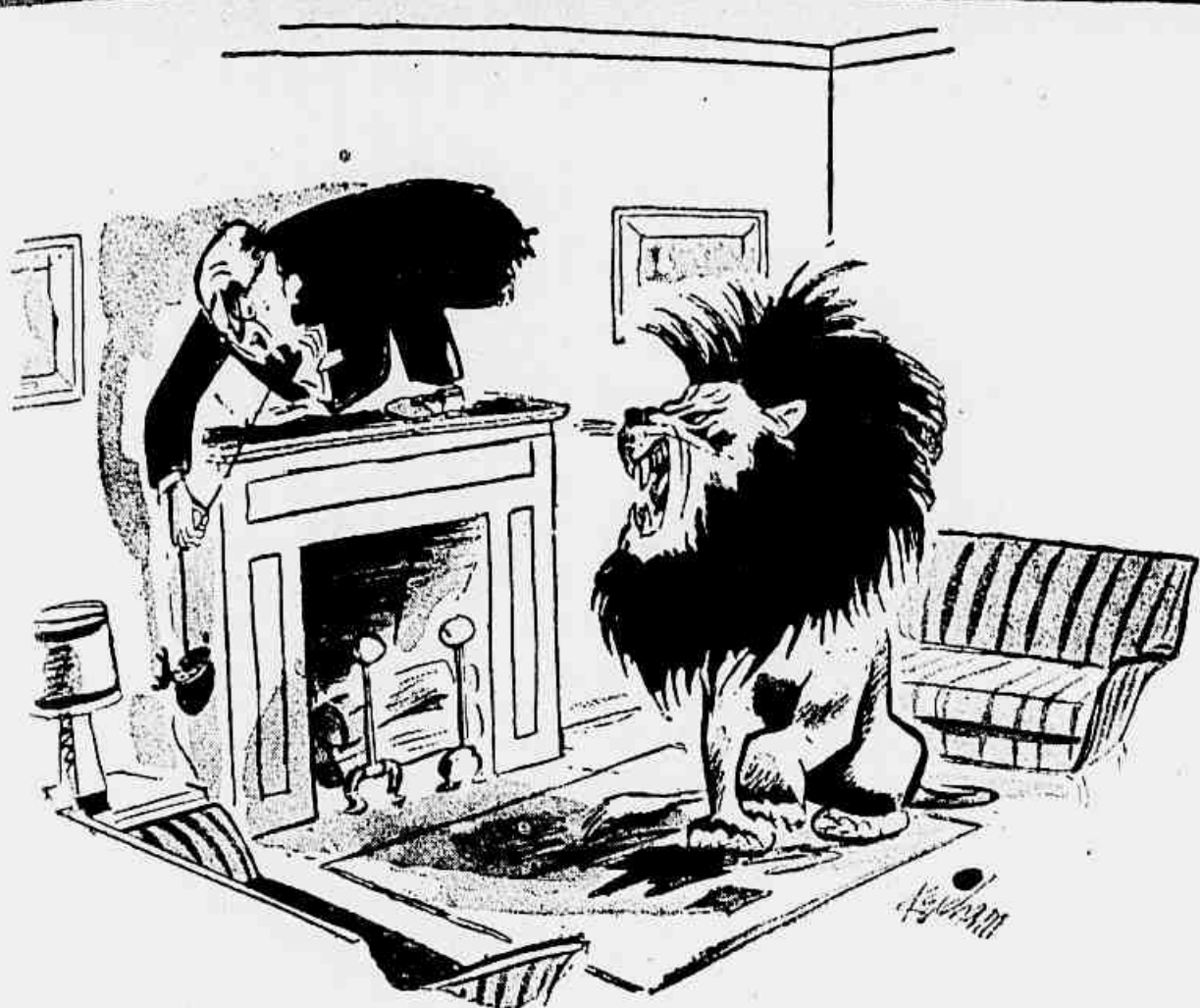
— É! o cúmulo! Mas que marido arranjei! Vir descobrir petróleo logo na minha sala de visitas!



Ed Nozigen



ROY WILLIAMS



— Alô? Jardim Zoológico? Os senhores estão certos de que não há uma jaula furada?

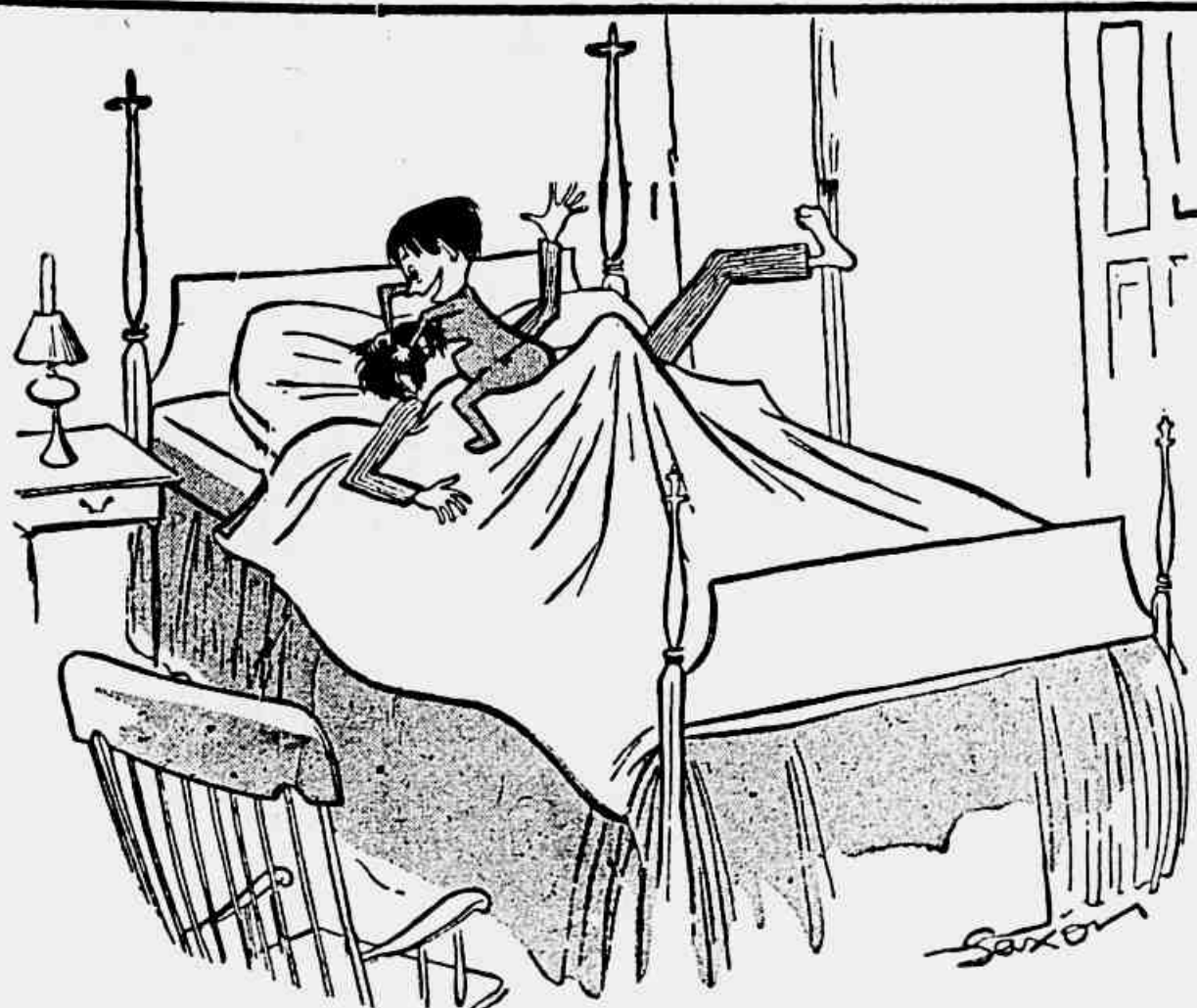


— Bem... Parece que desta vez eles conseguiram mesmo o divórcio!

BAR



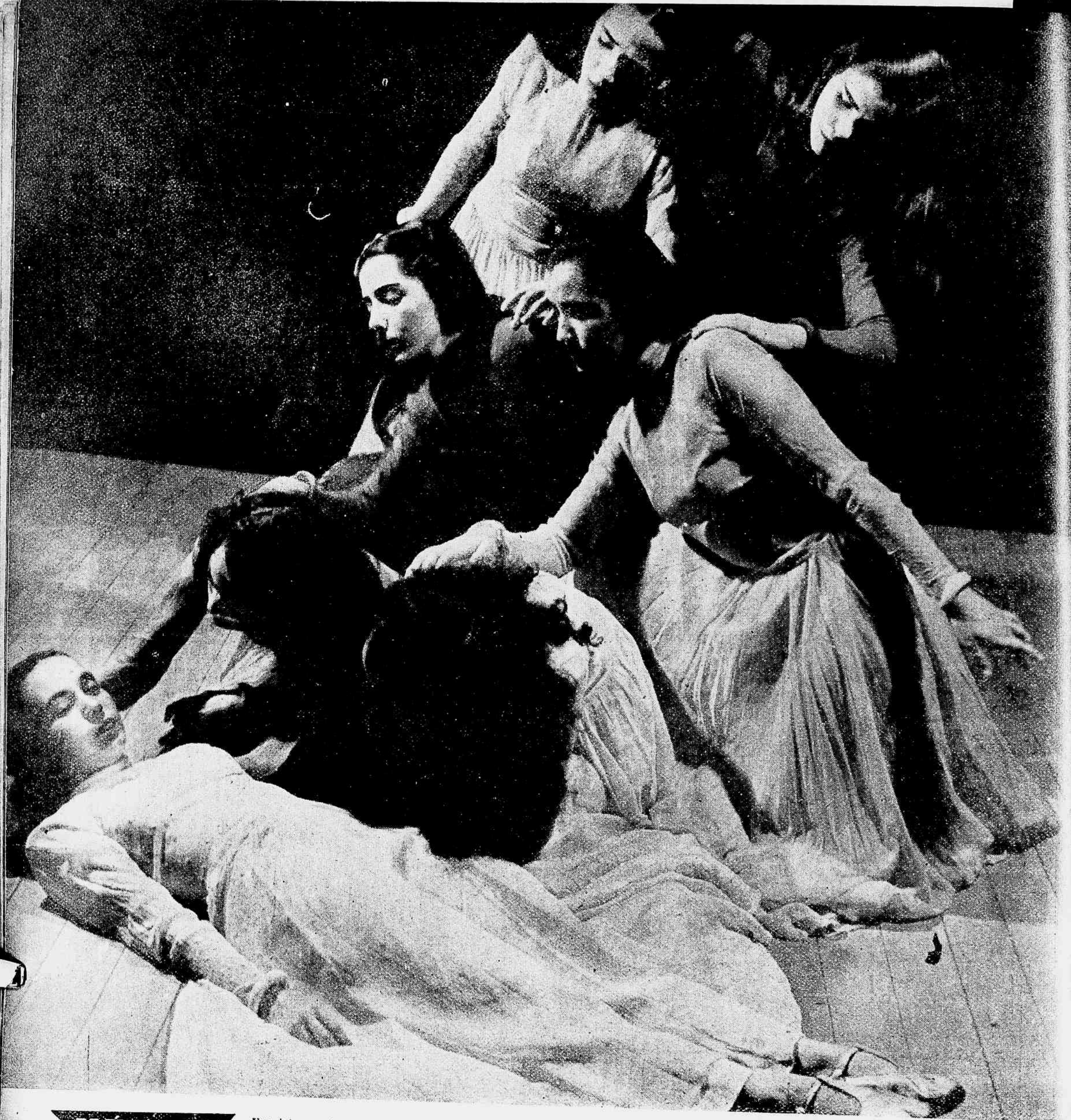
— Linda orquídea! Está pedindo um broche de brilhantes!



— Acorde, papai! Hoje é domingo e eu não tenho que ir à escola!



— E daqui, de Miami, à sombra das palmeiras, ao sol gozando a brisa, imagino, meu caro Al, como não te sentes infeliz aí entre as quatro paredes desse escritório... E lá... E ponha no correio aéreo...



MÚSICA

Um interessante aspecto do conjunto, quando executava a "Sonata", de Beethoven.

AS MAIS JOVENS BAILARINAS DO BRASIL

ESTREIOU, ano passado, no Teatro Municipal, com um espetáculo que colheu a unanimidade dos elogios da crítica, o Conjunto Coreográfico Brasileiro, fundado na União das Operárias de Jesus e dirigido por Vaslav Veltschek.

Sómente quem teve ocasião de visitar aquela instituição pôde aquilatar bem a importância e a significação da iniciativa. Num ambiente onde a assistência à infância desvalida elimina o caráter humilhante de esmola relutante, crescem, sob o olhar solícito e maternal de D. Clotilde Guimarães, um punhado de meninos e meninas, sem a nota dramática da alegria natural abafada, expedindo-se em liberdade, sem o sistema que oprime e coíbe os impulsos naturais da criança.

**A UNIÃO DAS OPERÁRIAS DE JESUS
E O CONJUNTO COREOGRÁFICO
BRASILEIRO — VIRTUOSISMO E
PANTOMIMA — DANSA, VELTCHER
E "MÃESINHA" — UIRAPURU, UMA
GRANDE CRIAÇÃO.**

De **ROBERTO LYRA FILHO**

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

Firmada essa orientação, que confere à União das Operárias de Jesus o aspecto de reconfortante calor humano, de lar feliz, não tem sido poupados esforços no sentido

de completar o sentido geral da direção, tornando possível a realização dos sonhos aparentemente impossíveis, o desenvolvimento das vocações ainda indecisas, processado sem forças as operações definitivas, deixando que se consolidem as tendências do temperamento de cada um.

Além de ter inestimável valor pedagógico, constitui a experiência do asilo uma exceção e um exemplo a ser seguido.

De acordo com essas diretrizes, foi fundado o curso de bailado, para o qual se recrutou a reconhecida competência profissional de Vaslav Veltschek.

Depois de um recital organizado, confessava-me ele:

— Quando vim para cá, nunca podia imaginar que encontraria tantos talentos à espera de um guia que lhes



Tereza Bittencourt, em "Noturno", de Chopin.

propiciasse oportunidades para desabrochar, numa floração magnífica.

Entretanto, em pouco tempo se tinha familiarizado com a compenetração, a rapidez de apreensão das suas explicações, o aprendizado facilitado pelo desejo de atingir os resultados já entrevistados, todas aquelas qualidades de início insuspeitadas e que D. Clotilde soubera descobrir em seus pupilos que a chamam, afetuosamente, de "mamãe".

VIRTUOSISMO E PANTOMIMA

É preciso destacar, desde logo, a maneira compreensiva de dirigir o seu grupinho, adotada por Vaslav Veltchek.

Ele entendeu, logo, que tinha diante de si, matéria prima para não poucos bailarinos excepcionais, porém o que, normalmente, seria o mero lançamento de alguns candidatos à qualidade de proficiência em sua arte no duro aprendizado da técnica, nas condições excepcionais do asilo, reclamava um tratamento diferente. Era preciso dar, desde logo, às crianças uma maneira de expandir aquele sentimento de amor à dança, sem cansá-las, de início com os exercícios áridos. Entremeando estes com os recursos mais livres da dança moderna, Veltchek extraiu, com habilidade, da capacidade de identificação aos temas revelada pelos seus pequenos discípulos expressivas realizações no campo da pantomima. Assim, canalizando, com uma coreografia que é de um prodigioso equilíbrio e de uma admirável segurança na utilização dos recursos de seus alunos, deu-lhes uma mistura da dança clássica com movimentos mais amplos, permitindo-lhes, assim, a familiarização gradual com a harmonia mais sutil e menos superficial da dança denominada clássica, que requer virtuosismo e absoluta precisão nos detalhes difíceis da técnica para apresentar a beleza da composição coreográfica.

UIRAPURU

O bailado Uirapuru, que o Conjunto apresentará brevemente, na Cultura Artística, foi concebido, em sua realização plástica, com uma excepcional economia de recursos, aplicados, todos, com vigor e senso dramático.

Desde a disposição dos grupos, até a individualização dos sólos, a cada passo se nota a preocupação de Veltchek de traduzir a partitura de Vila Lobos em termos cênicos. E — pôde-se afirmar sem susto — a lenda é desdobrada aos olhos do espectador em linha simples, reduzida ao essencial, engastando no conjunto, a surpreendente força expressiva revelada por Teresa Bittencourt, na Caçadora, e Iellê Bittencourt, no Índio Feio, sobretudo.

BAILARINAS DO FUTURO

Entre as componentes do grupo, destacamos Amélia dos Santos e Orlando Saturnino, aquela pelo porte e pela firmeza, esta pelas já evidentes qualidades de virtuosismo, — como duas futuras grandes bailarinas.

No recital organizado pela Cultura Artística, mais uma



Iellê Bittencourt, em "Mazurca", de Chopin.

vez o Conjunto Coreográfico Brasileiro se apresentará, com as mesmas condições de êxito. Já se abrem grandes possibilidades diante do grupo de pequenos bailarinos. Um empresário internacional levá-los-á a Paris, Londres e Nova Iorque. As portas de uma carreira gloriosa foram destrancadas.

Venceu a persistência, a dedicação, o esforço continuado e a determinação. Quando agradecerem os aplausos, nas grandes capitais do mundo, porém, aquelas crianças, cujos espíritos afetivos se prenderam com laços indissolúveis à sua "mãesinha", não deverão, não poderão esquecer a figura devotada e de um autêntico heroísmo, sem alardes, de D. Clotilde.

"Dança Ritual do Fogo", de De Falla, vendo-se ao centro a jovem Tereza Bittencourt.



POR MARIO SETTE
ILUSTRAÇÃO DE
ANA ZAGORSKA

ano anterior, matando-lhe cerca de 4.000 pessoas, provocando procissões de penitência à noite com os fiéis a entoarem lugubrememente o bemdito:

Senhor, pelos vossos passos
Para salvar a humanidade
Da cruel peste livrai
O povo desta cidade.

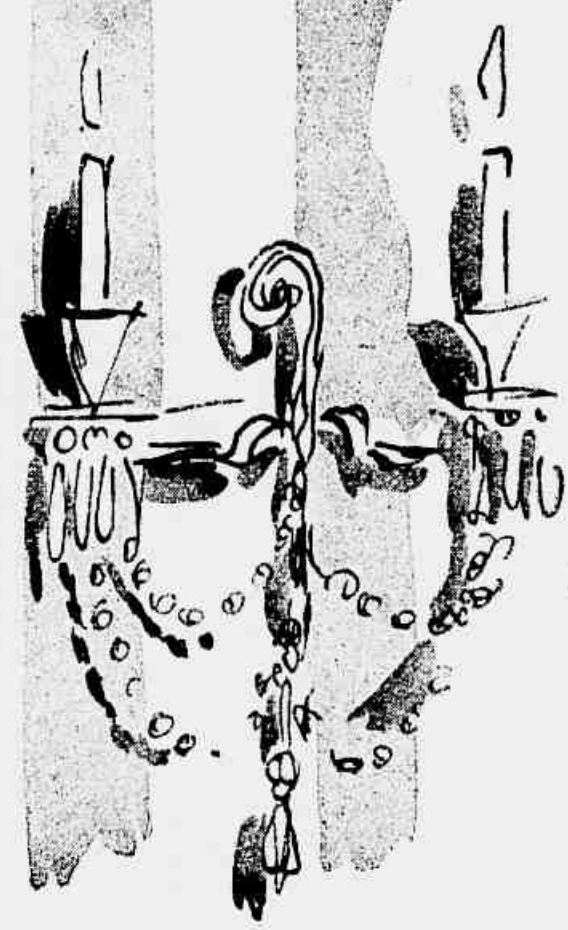
Mas, graças a Deus, a peste se fôra e agora reabria-se o Teatro Novo, ou de Santa Izabel, com a Companhia do ator João Caetano no drama "A Dama de São Tropez". Trabalhava-se, passeava-se, namorava-se. Embora um moralista avisasse:

Namoros de noite escura
Junto a grades do portão
Revelam patifaria
Ou mui grande mangação.

E' tôla a pobre menina
Que namora nos quintais
Pois quem ganha no negócio
E' por fim sempre o rapaz.

Os interessados em negócios iam assistir ao leilão do Agente Borja e que se vendiam ao bater do martelo escravos exce-

(Continua na pág. 57)



RECORDAÇÕES DE TIA YAYÁ

TIA Yayá faz hoje 90 anos. Para os estranhos ela é uma tia como outra qualquer, guardando um apelido já em desuso dos tempos correntes. As Yayás estão se acabando. Para nós, seus sobrinhos, ela é Tia Yayá como é Yayá para todos os que a conhecem. Tia Yayá, bem velhicha, corcovada, sem mais luz nos olhos, mas ainda com muita inteligência no cérebro e abundante doçura no coração. — para filhos, netos, bisnetos, tanta gente!

A sua lucidez, com rápidos eclipses de memória, recorro muitas vezes, perguntando-lhe nomes, avivando fatos, indagando de datas, de aspectos, de trajos, querendo saber de ruas e costumes, nos dias em que ela viveu antes de mim. E de quantos pormenores venho a saber! Particularidades de parentesco e de amizades. Episódios ilustradores das épocas qual a daquela sua vizinha na Trempe que de namoro contrariado pelo pai furibundo major, prepara-se para a fuga com o eleito. Mas, na hora H quase, porque tivesse vestido duas saias de baixo bem engomadas, uma preta escrava percebe o rangido dos panos e denuncia tudo... Que sabor têm frases como estas de tia Yayá: "Quando Papai Dindinho morava nos Apipucos nós iamoss passar tempos lá, numa canôa..." De um baú de flandres com a tampa pintada tira daguerrotipos para pô-los sob minha guarda e uns livrinhos de notas da família, letra de meu avô paterno. Até velhos jornais ressurgem...

Tia Yayá... Quando nasceu, numa sexta-feira de Martirios, às 4 da tarde, em Beberibe, o Recife era, pelo que dele tenho sabido em amarelos papeis, assim: anunciava assinaturas de almoço e jantar a 25\$ por mês. Corriam nas ruas os ônibus a quatro cavalos, alguns de dois andares, destinando-se ao "poetico Apipucos", ao "aristocrático Poço", à "europêa Madalena"... Ainda se falava muito no



“UM deserto não tem história; mas, como êle contém a semente do futuro, vale a pena, sequer para satisfazer a curiosidade dos vindouros, senão para precisar os pontos de nossa argumentação, definir as condições atuais da parte menos conhecida do grande rio”.

Assim falou o “solitário” Tavares Bastos, no seu livro **O Vale do Amazonas**. E fez obra de mérito, tratando de população, estatística, portos, importação, exportação e rendas gerais da então província do extremo Norte.

Modestissimamente, aqui estamos hoje para falar, apenas, de tartaruga e pirarucú.

Nos relatórios da antiga “Diretoria Geral de Estatística” comentam-se muito as dificuldades encontradas para a realização de recenseamento no Amazonas. As grandes distâncias constituiriam o principal motivo dêste embaraço, porém decerto não seriam o único empecilho. Saimos a investigar e chegamos à conclusão de que o nomadismo da população pobre daquela região é talvez o maior responsável pelo fracasso dos agentes recenseadores. Mais do que qualquer outro povo do Brasil, o amazonense herdou dos seus ancestrais índios o amor à locomoção. Tavares Bastos esclarece muito o assunto, quando diz:

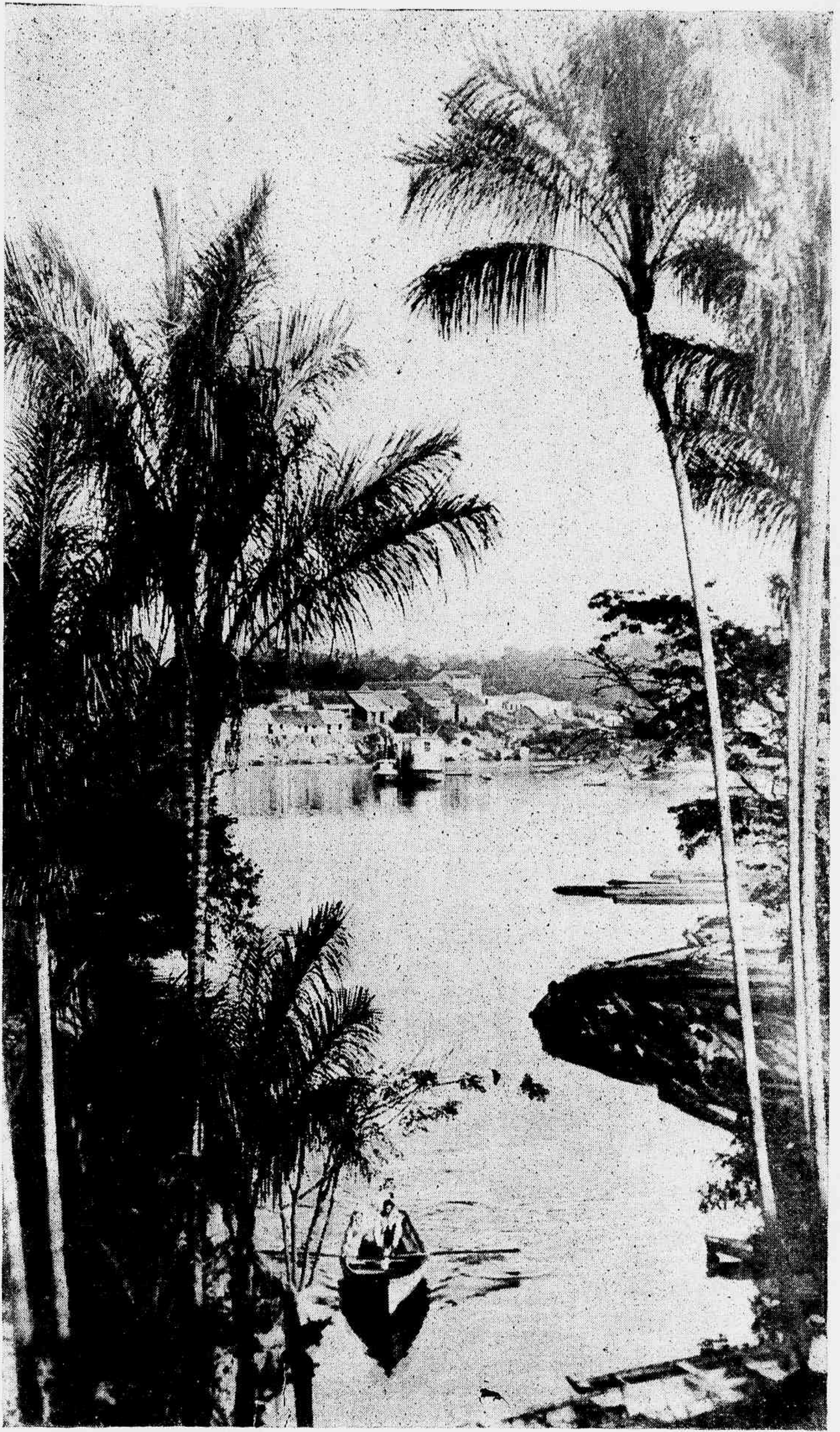
TARTARUGA TAMBÉM DA MANTEIGA

“Infelizmente os produtos naturais, a borracha particularmente, enchem quase todo o quadro da produção do Amazonas. Ninguém ignora que a extração das drogas, sendo mais e mais distantes as florestas que as contêm em abundância, determina a disseminação da população. Daí resulta que os povoados ficam desertos na estação da colheita, e que para isso, assim como para o preparo da manteiga de tartaruga, por exemplo, improvisam-se no leito dos rios, sôbre as ilhas efêmeras da vazante, povoações provisórias, de um aspecto tão interessante por seu lado pitoresco, como deploráveis por sua condição econômica. Esse transtorno da vida social, essa depravação moral alimentada pelo trabalho em comum e ausência de todas as regras de decência, essa existência nômade, preocupam a todos que observam as coisas do Amazonas”.

Ele aí fala em manteiga de tartaruga. Se nada entendíamos do riscado, então, só nos restava um recurso: toca a investigar de novo! E valeu a pena, porque se trata de um assunto tremendamente pitoresco. Tartaruga não tem paciência de galinha, para chocar os ovos. E mesmo que tivesse, põe tantos de uma só vez que lhe seria impossível aquecer ao menos a metade. Ela arranhou, por êsse motivo, um processo mais cômodo, para a reprodução da espécie: cava na areia, à margem dos rios, um buraco não muito profundo, e faz a desova. O sol que se encarregue de bancar a choca-deira. As tartaruguinhas, logo ao nascer e sem ainda terem tido tempo de fazer mal a ninguém, já possuem inimigos, coitadas. São as aves de rãpina e outros bichos, que apreciam muito a sua carne tenra e apetitosa. O instinto de conservação as preserva do exterminio. Ao sair da casca, as pobrezinhas aguardam a noite para deixar a cova e entrar na água (a família tôda nada muito bem). Mas, se alguma afoiata não toma êste cuidado e atreve-se a fazer uma excursão durante o dia... era uma vez uma tartaruguinha recém-nascida! O gavião contará o resto da história.

COMO SE FAZ MANTEIGA

Certa vez o homem descobriu uma coisa notável: o ovo da tartaruga traz em si tanta gordura que valia a pena tentar separá-la do resto. E assim se fez. As populações pobres do Amazonas viajam léguas e léguas até alcançar as beiras de rio onde prolifera êsse quelônio. Aí chegadas, cavam a areia, retiram dela centenas de milhares de ovos e os vão despejando



Nestas canôas popularmente chamadas “montarias” o pescador carrega tudo que possui: a mulher, os filhos, os trens de cosinha e os apetrechos de pesca.

ASPECTOS DA VIDA AMAZÔNICA

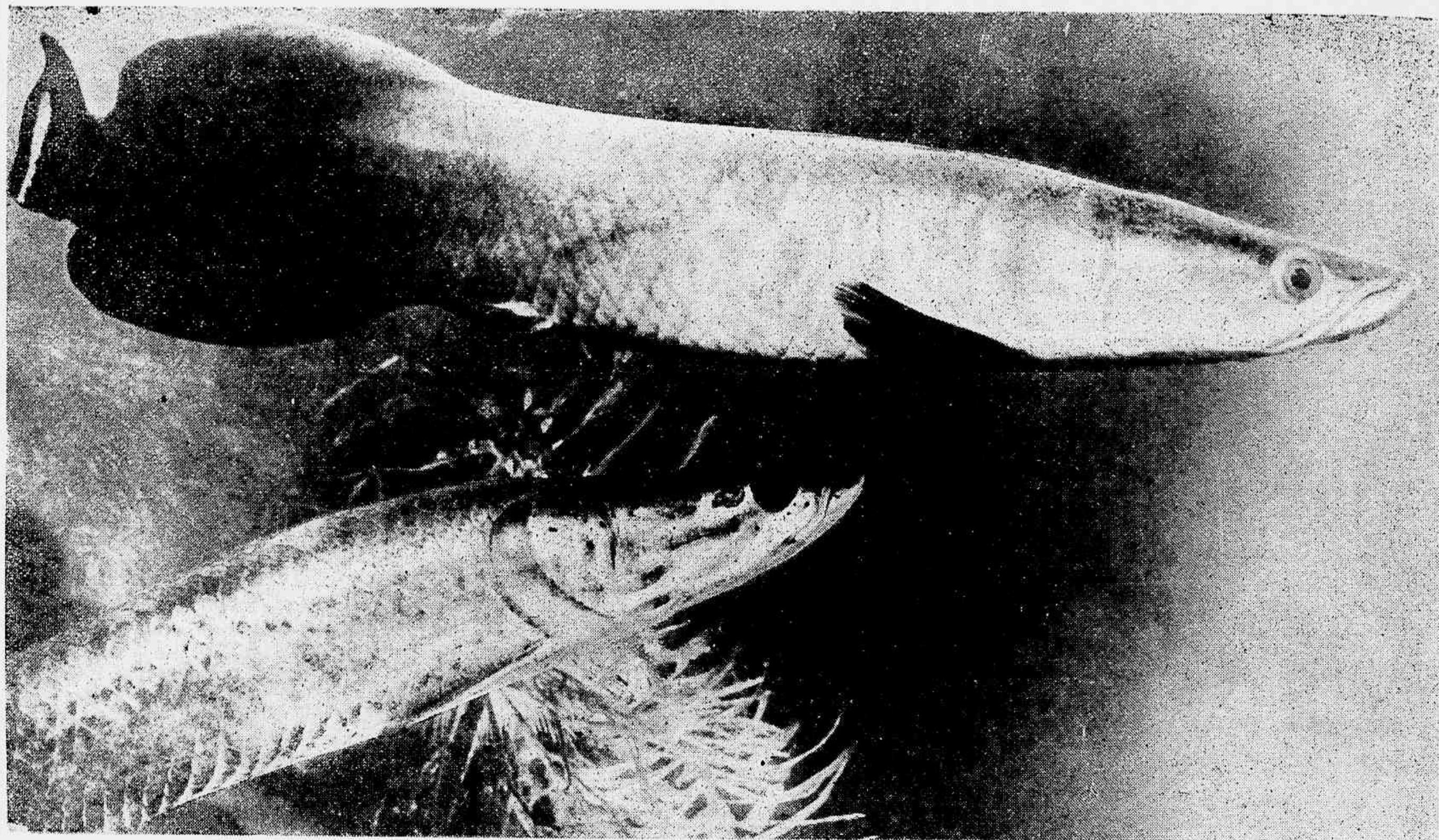
A TARTARUGA E O PIRARUCÚ — VIAGEM ATRAVÉS DE TRÊS AUTORES PELO VALE QUE CONTEM A SEMENTE DO FUTURO.

Por IGNEZ MARIZ

Epecial para “REVISTA DA SEMANA”

nas canôas em que viajaram. Os instrumentos de que se servem para esmagá-los são os próprios pés. Trabalham como se estivessem amassando barro.

Quem, por êsse motivo, tiver nojo da manteiga de tartaruga, também não beberá os vinhos portugueses, pois o processo de esmagar a uva é idêntico.



O pirarucú, uma das riquezas da região amazônica. Esses exemplares, em bora sendo de aquários, mostram bem as características do "bacalhau do Amazonas"

Depois de bem misturada a matéria vão-lhe aos poucos deitando água em cima, até transformá-la numa pasta bem rala. Deixam-na então em repouso e o tempo se encarrega de separar os ingredientes, fazendo sobrenadar o óleo, que eles chamam de "manteiga". Tem esta de ser recolhida dentro de dois ou três dias, no máximo, do contrário rança. As válvulas das conchas *itans* fazem as vezes de grandes colheres e são empregadas para a retirada da gordura, que neste momento é despejada em tachos enormes, depositados sobre trempes de pedra, onde já crepita o bom fogo que a vai depurar. Depois de fria, a manteiga

é lançada em potes de barro, se os compradores moram ali perto, nalgum povoado. Se os consumidores moram longe, os fabricantes usam então de um meio de transporte tão curioso que vale a pena ser descrito. Abatem árvores de madeira grossa porém leve, as quais sempre abundam em toda a região, cortam-nas em grandes tóros e cavam-lhe no centro, a fogo, um enorme buraco. Ali é depositada a manteiga. Depois tapam cuidadosamente a abertura e calafetam os intertícios. Os to-

A tartaruga, que, no Amazonas, fornece a manteiga que as vacas deixam de dar. Vivem trezentos anos, como verdadeiras matusalens da água doce.

ros têm a vantagem de ir boiando, amarrados às canoas, coisa que não acontece com outras vasilhas. A esses estranhos recipientes eles dão o nome de "côches". Adota-se este mesmo processo do fogo para construir canoas, popularmente chamadas "montarias", sendo que nesse caso a madeira é trabalhada em sentido horizontal, enquanto que para os côches é no vertical.

Diz o naturalista Alexandre Rodrigues: "A manteiga de tartaruga serve para temperar o comer, frigar o peixe, entreter as luzes domésticas e se incorporar com o breu, quando o fazem para calafetar canoas".



A VIDA DAS TARTARUGAS — LONGEVIDADE DESSES QUELÔNIOS

Há pelo mundo a fóra diversas espécies de tartaruga, e já houve mais. Muitas desapareceram devido à perseguição sofrida, por motivo de possuírem carne saborosa. No arquipélago de Aldraba (Mascarenhas) vive a grande tartaruga elefantina (testudo elefantina) cuja família ainda não desapareceu devido às leis de proteção que o governo inglês tem baixado para poupá-la ao extermínio. A maior tartaruga brasileira (*Sphargis mercurialis*) atinge mais de dois metros de comprimento e pesa de 600 a 800 quilos. Seu "habitat" são as águas tropicais do Oceano Atlântico. É feroçíssima e gosta de dar dentadas. "Dar dentadas" é força de expressão, pois que ela, como todas as suas irmãs, não tem dentes. Possui, entretanto, esta espécie, três chanfraduras triangulares e profundas, na bainha córnea da

as descrições de viagem de Martins, Bates, Keller-Leuzinger, para compreender quão pobre sem esse animal seria o habitante do Amazonas".

Falemos agora do pirarucú, o mais famoso dos peixes gigantes do Brasil. A sua carne, depois de seca, substitui o charque, na Amazônia. Dizem pessoas que o conhecem de perto que ele atinge mais de dois metros de comprimento e pesa oitenta quilos. Suas escamas, escuras e enormes, têm orlas vermelhas como o urucú, razão pela qual lhe deram esse nome (pirá, peixe; urucú, fruto do urucúzeiro). Esta cor bonita ele a tem principalmente nos flancos e na cauda. A língua é óssea e coberta de saliências, servindo perfeitamente como ralo. Possui hábitos muito curiosos. Como se fosse um cetáceo, aparece de vez em quando para tomar a fresca, à tona das águas, e é nesta mania de "dar uma voltinha depois do jantar" que reside a sua desgraça, pois os pescadores

a salga e levam consigo não só os petrechos de pesca, como tudo quanto em casa possuem. As "montarias" cortam as águas dos rios em todas as direções; é uma verdadeira emigração de famílias inteiras, que deixam a casa completamente abandonada. Depois de haverem escolhido um sítio asado, levantam uma pequena barraca de palha e ali passam os três meses de salga, a que chamam fartura, pescando pirarucú, salgando-o e secando-o, para venderem-no aos negociantes que lá mesmo o vão buscar. É assim pois que se despovoam por esse tempo as vilas e sítios à margem do Amazonas, ficando semeados de barracas, a que dão o nome de "feitorias", os lagos de salga, como o Paru e o Lago Grande, no distrito de Obidos e os de Muriacá e Mucuricanam, no de Faro.

Aí, fumando o seu cigarro de "tauary", que dura o dia inteiro e às vezes mais de um dia, vê-se o pescador correndo o lago, sentado à proa de uma canôa, que leva na pôpa um remo



Um Igarapé nas imediações de Manaus, feito pelo transbordamento do rio. É um paraíso para os pescadores.

maxila, que à falta de coisa melhor serve para morder aqueles que ela considera inimigos.

De todos os animais terrestres é a tartaruga o que vive mais. Alcança, segundo dizem, 300 e 400 anos. Há tempos morreu uma, no Jardim Zoológico de Londres, a que os entendidos passaram o atestado de 350 janeiros. Parece até que existe lá uma papelada com assinatura e firma reconhecida, provando isso... Depois desta camarada o réptil de maior longevidade é o crocodilo, que às vezes alcança a ninharia de três séculos.

Diz o Dr. Emilio Goeldi, no seu trabalho **Quelônios do Brasil**: "Econômicamente, as tartarugas são os mais uteis dos réptis, e o Brasil pertence àquelas paragens do globo que sentiriam falta de precioso meio de subsistência, se não houvesse tartarugas. Na região amazônica, por exemplo, uma pessoa deve se orientar literariamente ou por experiência e percepção próprias colhidas em viagem, para capacitar-se da plena exatidão desta afirmativa. Leiam

estão à espreita e às vezes chegam a pescar de 16 a 24 exemplares num só dia.

PESCA E SALGA DO PIRARUCÚ

O conego Francisco Bernardino de Souza, no seu livro **Lembranças e curiosidades do Vale do Amazonas**, edição de 1873, faz uma descrição tão interessante da pesca e salga desse peixe, que preferimos transcrevê-la na íntegra, em vez de estragá-la com um resumo descolorido:

"É uma das coisas mais curiosas a salga do pirarucú. É feita anualmente nos lagos e dura pouco mais ou menos três meses. Começa quase sempre em setembro, quando já têm baixado os lagos, deixando a descoberto as margens. Principia então a emigração. Os filhos do Amazonas, que habitam os povoados, retiram-se para os sítios em que é costume fazer-se

amarrado, para aguentá-la, e remando de quando em vez, mas muito de manso, à espera que o peixe boie. Fã-lo as vezes com tal rapidêz, que só a vista fina do pescador adestrado é capaz de dizer, de improviso, a direção que tomou, o que ele conhece pela impressão da cauda do peixe, que fica à superfície das águas. Então, rápido, atira a hastea, feito o necessário desconto e vai pegá-lo no fundo do lago, onde mais seguro parecia estar. Outras vezes reúnem-se muitos pescadores, postos em linha, percorrem o lago em uma mesma direção e todos numa mesma posição obrigada à proa das canôas, com as hasteas metidas na água, mas de modo que a fiska não toque no fundo, o que evitam, tomando primeiro a altura das águas. Assim seguem as canôas, à espera que a fiska esbarre no peixe e logo que o sentem, rcuam a hastea e impelem-na com força na direção que suspeitam ter seguido o peixe. Chamam a isso "pes-

(Continua na página 58)

Resolução

Uí próximo buzinar de automóvel fê-la levantar-se assustada.

Seria Alberto?

O coração de Teresa dava pínos no peito, sufocando-a.

Atravessou, nervosa e apressada, o pequeno alpendre de ladrilhos encerados.

Uma das velhas cadeiras de vime, naquele instante desastrosamente fóra do lugar, impediu-lhe a passagem. Ela afastou-a com um gesto brusco, desceu a pequena escada aos saltos, e debruçou-se no portãozinho de ferro batido, ansiosa, perscrutando a rua.

Ainda não era Alberto. O carro dêle era azul, azul escuro, quase negro. O que dobrava a esquina naquele momento, distanciando-se, era de um vermelho berrante.

Se ela estivesse mais calma, na certa teria notado a diferença de sons das buzinas dos dois. Era-lhe tão familiar o macio e lento aviso do automóvel do noivo!

A tarde estava clara, de um esplendor ofuscante que fazia doer-lhe os olhos.

Teresa voltou, transtornada, a abrigar-se no alpendre mergulhado na sombra, que a espessa trepadeira aumentava.

Sentou-se de novo na poltrona em que estivera antes, disposta a esperar com calma. Procurou concentrar-se na voz da mãe, que vinha dos fundos da casa silenciosa. Não conseguiu. Tinha os ouvidos cheios da conversa que, havia pouco, mantivera com Alberto pelo telefone.

Não lhe fôra possível contemplar mais. Não pudera sequer esperar a chegada da noite para que, ao conversar com Alberto durante a sua costumeira visita, contasse a êle o que lhe ia na alma.

Discara alucinada, e dissera depressa, quando do outro lado da linha o noivo murmurou um educado e profundo "alô":

—E' você, Alberto? Sou eu, Teresa. Alberto, quero que você venha aqui o mais depressa possível. Por favor, venha agora sem perder um minuto!

A voz, repentinamente assustada, indagou:

—Mas o que foi que aconte-

—Pelo amor de Deus, Alberto! Venha que eu tenho pressa em falar com você. Não é nada do que você está pensando, não. Não, ninguém morreu, ninguém está doente. E' que eu preciso urgentemente...

Chegou a sentir-lhe o morno hálito através do aparelho, quando êle disse:

—Sim, querida, irei depressa.

Sim, ela precisava pressa. Caso contrário não teria coragem, faltar-lhe-ia irremediavelmente as forças para lhe dizer que não o amava, que não poderia casar-se com êle. Era necessário aproveitar aquêl momento de alucinação, em que tudo lhe parecia de uma irrealdade transcendental, no qual existia apenas a idéia esmagadora de que não amava o noivo, de que era preciso romper para sempre com aquêl compromisso.

Teresa passou a mão, acariciando levemente a pele macia do próprio rosto.

Estaría certa quando pensava, tão positivamente, que não amava Alberto? Teria razão achando cavar nas suas vidas um abismo, casando-se com êle?

Em outros tempos, no lugar que agora era liso ao contato dos seus dedos, existira uma cicatriz horripilante.

Sentiu tremuras ao pensar na pele repuxada ao longo do corte disforme, na aparência esponjosa dos tecidos dilacerados e que deixavam à mostra alguns dentes dos dois maxilares.

Por muito tempo tivera uma aparência repugnante e digna de dó aos olhos de todos e, principalmente, aos seus próprios.

Alberto, na verdade, livrara-a daquele pesadêlo, quisera-a na sua repelente deformação, ficara noivo dela no tempo em que era defeituosa, pusera nas suas mãos tôda a fortuna, afim de que ela se tratasse.

Amara-o então, com todo o ardor possível do seu coração maltratado pela vida.

Aquela cicatriz estigmatizara-a desde pequena.

Numa brincadeira de criança, a irmã mais velha jogara-a sobre as grades ponteadas do gradil do alpendre. Teresa ficara marcada física e espiritualmente. Crescera arredia aos homens, olhando a face disforme,

comparando-a com a outra perfeita. Imaginava como seria bela caso não houvesse ocorrido o desastre. A mãe, viuva desde muito tempo, não tivera recursos suficientes para que ela procurasse um tratamento adequado.

Teresa, crescida e desolada, afundara-se num mundo sombrio de revolta e de complexos. Fugia a todo contato do mundo exterior, ferida e desesperada.

O casamento da irmã fizera sangrar ainda mais a chaga do seu coração. Lembrara-lhe de que, para ela, era um bem perdido.

Mais e mais se refugiara dentro da casa pequena e dentro de si mesmo, procurando atordoar-se com a literatura e a música, à espera de que a vida passasse.

Quantos dias não tivera sô-

mente as vozes e os rostos da mãe e da empregada? Quantas vezes não se escondera apressada ao ouvir soar a campainha?!

Um dia, a irmã, o cunhado e Alberto entraram de mansinho. Encontraram-na na sala.

Teresa chorou ao fim daquela visita.

Alberto, entretanto, voltou outras vezes. Foi aos poucos se acostumando com a presença dele. Mostrava-se tão natural, tão compreensivo, tão carinhoso!

A alegria reluziu de leve na escuridão do seu espírito. A felicidade precipitou-se. Com o dinheiro dele a cirurgia plástica realizou o milagre. Acordara-se do pesadêlo, para a vida. Ficaram noivos.

Teresa passou outra vez os dedos sobre o rosto macio.



Conto de LUIZ CANABRAVA Ilustração de ARMANDO PACHECO

Não podia precisar quando sentira o primeiro bafejo da revelação. Alguma coisa lhe foi dizendo intimamente que ela não amava Alberto. Aquilo não era amor de casamento. Era apenas um sentimento profundo, calmo e enraigado de amizade e de reconhecimento. O amor não podia ser assim; mexia, na certa, alucinadamente com tôdas as fibras do corpo e fazia tremer. E ela não tremia ao pensar em Alberto, não desfalecia ao contato do grande e forte corpo dele.

Não havia outro homem na sua vida. Pressentia apenas que não deveria casar-se com Alberto. Afundaria suas vidas, se o fizesse, numa frialdade vazia. E ela queria viver com tôdas as fôrças, arrebatadoramente, tudo o que a vida ainda lhe pudesse apresentar de emoção e dinamismo.

Como Alberto tardava!

Teria fôrças para lhe dizer? Sim, havia tomado uma resolução definitiva. Fecharia os olhos, deixaria que as palavras fôssem saindo uma a uma, e esperaria que o mundo explodisse em redor.

Alberto era muito compreensivo. Havia de concordar sem uma queixa, sem uma mostra de ressentimento.

Isto, em vez de simplificar o caso, tornava-o muito mais complexo e difícil. Fazia com que gostasse de Alberto como gostava da mãe. Já se sentia culpada antes mesmo de dizer-lhe uma palavra, atemorizada de que o estivesse traindo, de que lhe fôsse esmagar o coração.

Um sentimento de gratidão comprimia docemente a sua garganta, fazia vir-lhe água aos olhos.

Ela devia tudo a Alberto. Seria justo abandoná-lo agora? Sabia que, acontecesse o que acontecesse, Alberto haveria de ser sempre o arrimo da sua vida. Nunca seria, entretanto, o amor fogo, o amor aturdimento que ela adivinhava e ansiava por experimentar.

Meneou a cabeça, procurando dissipar qualquer amolecimento que viesse modificar a sua resolução. Dalí a minutos estaria falando com êle.

Teresa escutou a voz da mãe e, logo em seguida, a da mpregada.

Como Alberto tardava!

O sol não era mais que um reflexo amarelado na linha do horizonte e sôbre as cumieiras das casas.

A rua estava quase deserta. Três meninos, no passeio fronteiro, jogavam futebol. Um bonde estremeceu ao longe.

Quando Alberto chegou, Teresa levantou-se de um pulo, mas não pôde ir encontrá-lo ao portão. Sentiu-se pregada aos ladrilhos vermelhos do alpendre.

Estava súbitamente cansada. Fôra-se-lhe todo o arrebatamento. Existia, dentro dela, apenas uma exaustão aniquiladora, como se tivesse saído de uma grande e recente batalha. Precisava de apóio naquele momento.

Alberto abriu o portão e atravessou o pequeno jardim com passos elásticos.

Ela o tinha à sua frente, fitava os seus olhos ingênuos e bondosos, sentia suas grandes e fortes mãos segurando-a pelos braços, ouvia sua voz perguntando:

— O que foi que houve, Teresa? Você está tão abatida! Não vim há mais tempo porque custei livrar-me de um freguês aborrecido.

Chegara o momento. Fôra para êle que desejara fôrças. Mas agora tudo lhe parecia sem significação. Fôrças para que?

Fechou os olhos. As palavras foram saindo, uma a uma, da sua boca. Mas, não era aquilo... não era aquilo que planejava dizer!

Sentia o hálito morno do noivo bafejando-lhe a face, a mesma face outrora horripilante e grotesca.

— Alberto... E' que eu... E' bobagem minha. Foi uma necessidade repentina de ver você. Parecia que o mundo estouraria se eu não visse você, ao menos por um minuto.

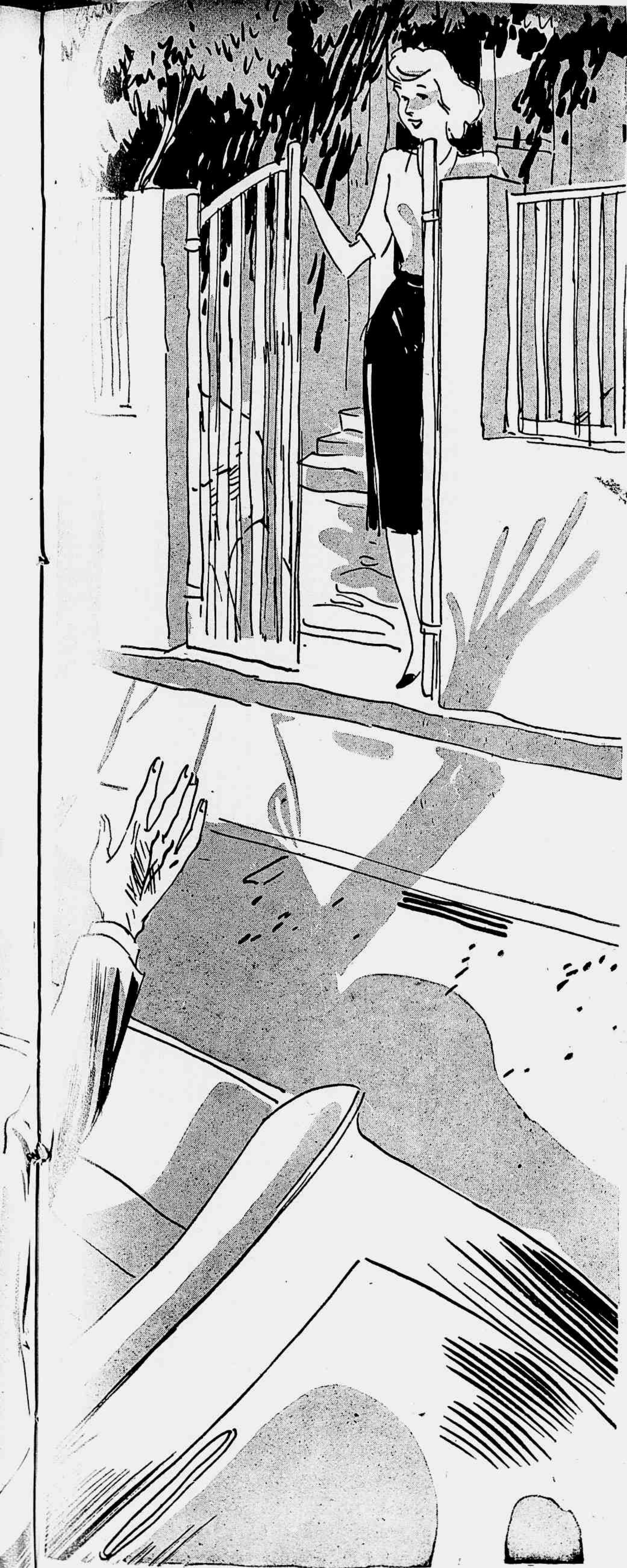
Alberto estreitou-a no peito carnudo.

Ela sentiu os olhos molhados e aninhou-se nos braços dele.

A voz calma, compreensiva e profunda do noivo retornou aos seus ouvidos:

— Você é um caso sério, meu amor! Não podia ter esperado a hora do costume? Tem cada idéia que põe a gente tonto. Acho que é por isto que eu gosto tanto de você!

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"



PAIS vasto e vetustíssimo, de antes da era cristã, encontrado nas nascentes da cultura humana, país formigante de população até a soma de quinhentos milhões de habitantes, país cercado, onde muralha celebre o defenda de invasões de gente da própria Ásia, país seculo a século resguardado de intromissão de alheios por um viver semi-misterioso: eis a China.

Mesmo entre vacilações de crorologia se apontam vinte e duas dinastias regendo a China desde 2205 antes de Cristo, dinastias aquelas de origem diversa e de soberanos de cognome grandioso, um o Divino Lavrador, outro o Esplendor da Razão, em série inteira de monarcas Filhos do Céu, por fim chegados ao século XIX para nele ser quebrado o trono do Dragão.

Ocupou-o, em 1850, Hien-Foung reinante até 1861 quando a onça da infiltração européia ameaçava inundar a China. Ao morrer, Hien-Foung deixava filho menor, Toung-Tche, em cuja minoridade lutas pelo poder supremo se travaram entre um conselho de regência e a imperatriz mãe Tsen-Hi, viúva de Hien-Foung, ela uma vez triunfante dominando tudo e todos, manifestada desde os tempos do marido.

Uma vez maior o filho, nem por isto a imperatriz Tsen-Hi se resignou a perder influencia contra quaisquer adversários, para chegar a fins não olhando a meios.

Em 1875 se ia do mundo o imperador Filho do Céu, Toung-Tche, apressando-se Tsen-Hi, por golpe de Estado, substituindo ao filho um sobrinho carnal proclamado novo Filho do Céu com o nome de Konang Sin.

Notável por inteligência, vontade férrea, sedução pessoal e dotes físicos, com uma capacidade de agir e uma superioridade geralmente reconhecida, a imperatriz Tsen-Hi chegou a ser chamada A Mulher que governou 500 milhões de homens.

E se tantos governou não havia de dar ordens a um homem? Contra ela se rebelou o sobrinho imperador, por fim apenas nominalmente imperador, mandando a prisão no próprio Palácio Imperial por decisão da terrível tia.

Assim foi até 1908. A 15 de Novembro desse ano, em Toquio, realizou-se um garden party em lindíssimo jardim, o da casa do barão Motowo, embaixador do Japão na Rússia, no momento em Toquio a goso de férias.

Aproveitava-as oferecendo festa a colegas do corpo diplomático estrangeiro junto ao governo do Micado, Mutsu-Hits. No corpo diplomático convidado à festa de 15 de Novembro de 1908 figurava plenipotenciário do Brasil, o ministro Manoel Carlos Gonçalves Pereira. Servia ele no Japão, onde exerceu funções de encarregado e ministro residente.

Correu animado o garden party até entrar nele uma notícia das mortes em Pequim, do imperador Konang Sin e da imperatriz Tsen-Hi desaparecendo ambos com pouco intervalo um do outro.

A nova agitou imediatamente o prazer do garden party, os convidados indo sem muita demora acabar conversas e comentários nas suas legações.

NO CELESTE IMPÉRIO

ESCRAGNOLLE DORIA



Todos os diplomatas sentiram-se impressionados com a simultaneidade dos óbitos imperiais de Konang-Sin e Tsen-Hi, julgados em Tóquio não fortuitos em Pequim o desaparecimento de sobrinho e tia.

Nos círculos diplomáticos aventaram-se duas hipóteses: ou Tsen-Hi suprimira Konang-Sin, seu prisioneiro, para assegurar trono ao infantil Pou Yi. Mas quanto jogo de interesses humanos a morte baralha e finda.

Houve quem desse autenticidade a tudo quanto estamos narrando desde o garden-party do barão Motowo, continuando a autenticar tudo quanto iremos narrando?

Sim, houve, a testemunha de vista foi Augusto Gérard, em 1908 embaixador de França no Japão, ex-ministro de sua nação no Rio de Janeiro em 1893, no transcurso da Revolta da Armada.

Apenas o governo japonês soube do que ocorria na China, logo e logo expediu ordens ao seu representante em Pequim para entrar em urgentes relações com o príncipe Tchonen, regente na minoridade do infantil Pou Yi, transformado em Sien Tonng, dono imbebe de um país onde geograficamente os rios têm cores, uma corrente aqui Azul outra Amarela.

Anunciaram-se para Maio de 1909 os funerais em Pequim do imperador Konang Sin, requerida a presença do corpo diplomático acreditado em Tóquio.

O Japão foi o primeiro a nomear representante especial, este o príncipe Fusnim, decano dos membros da família do Micado.

Seguiram-se as nomeações de Gerad, Malewski, Valemberg, Uribarri, Gonçalves Pereira e Pacheco para enviados especiais por parte da França, da Rússia, da Suécia, da Espanha, do Brasil e do México.

Gérard ia revêr Pequim onde representara sua pátria de 1895 a 1897. Chegando à capital do Celeste Império, Gérard dentro tristeza.

A revolta dos Boxers deixara o antigo quartelão das Legações em petição de miséria, ruínas por toda parte. Devastando, saqueando, destruindo igrejas ca-

tolicas, missões cristãs, nem sequer pouparam os Boxers o cemitério onde sepultados Jesuitas do século XVII, evangelizadores da Ásia.

Reconheceu Gérard o bom acolhimento do corpo diplomático servindo em Pequim aos colegas vindos do Japão, exceção única constituída pelo ministro alemão, conde de Rex, de lendária intratabilidade.

A 26 de Abril de 1909 os enviados especiais entregaram credenciais ao Príncipe Regente, no Palácio Imperial, na sala dos embaixadores até então inteiramente defesa a diplomatas.

Os privilegiados de 1909 atravessaram pátios e pátios, pontes e pontes, todos calçados de mármore, antes de entrarem na sala dos embaixadores.

Nela os diplomatas acharam o Príncipe Regente de pé, sem dúvida com a gravidade de ironia íntima própria do oriente diante do bárbaro, isto é, do estrangeiro que se tem por civilizado.

Recebendo pessoalmente credenciais, o Príncipe Regente apertava a mão dos entregadores, que se retiravam de acordo com o protocolo e a etiqueta, taboas da lei que nenhum diplomata ousa quebrar.

A 29 de Abril os enviados especiais tornaram ao Palácio Imperial. Cada diplomata ia depositar palmas de prata sobre os esquifes de Konang Sin e Tsen Hi depositados na mesma sala, reunidos em silêncio eterno parentes em vida tão discordes.

A 1.º de Maio, de Pequim para Siling, saiu o enterro do imperador. Centenas de homens carregaram enorme esquife, os portadores vestidos de seda amarela, no chapéu de feltro um penacho vermelho.

Diante do esquife eram conduzidos objetos pertencentes ao defunto, condecorações, colares, palanquins, simulacros de papel em figura de servidores, mulheres, vestes, cavalos do morto. Atraz do esquife marcavam passo o Príncipe Regente, os príncipes da família imperial, o corpo diplomático aumentado, o de Pequim e Tóquio, os mandarins e mais e mais de gente grada. No couce do prestito considerável força militar.

Em sinal de agradecimento foi o corpo diplomático de seguir longa marcha.

de quatro dias a viagem para o tumulo de Diling.

A 2 e 3 de Maio o corpo diplomático devia comparecer a almoços, o segundo presidido pelo Príncipe Regente. Findo o repasto, a cada diplomata, o Regente entregou o seu retrato e uma caixinha de prata em forma de coração, trazendo gravada a data do almoço — 2 de Maio.

Quinze dias permaneceram os enviados especiais de passagem em Pequim cujos últimos dias de Celeste Império, Pierre Loti tão bem pintou.

Visitaram os diplomatas monumentos, templos, jardins. Havia o que vêr admirando.

Com outros colegas percorreu Gérard o Palácio Imperial. Passou pelo pavilhão onde vivera confinado o imperador Konang Sin; defrontando-lhe o leito no qual dormira e morrera, a colcha de seda amarela sobre o leito parecendo ainda guardar a forma de um corpo.

Recordou-se então Gérard de ter sido recebido em audiência por Konang Sin, jovem soberano de meigos olhos pretos.

Visitou também o corpo diplomático viajante o Palácio de Estio, e nele o pavilhão residencial de Tsen-Hi, a imperatriz dominadora. No pavilhão junto a preciosidades de arte chinesa havia extraordinária coleção de relógios europeus e caixinhas de música em profusão.

No plano inferior do pavilhão ostentava-se um retrato a óleo de Tsen-Hi obra de artista norte-americano.

No grande lago do Palácio de Estio flutuava tireme do tempo do imperador Kien-Long, reinante em 1786. Para contraste, Gérard e seus colegas fizeram a volta do lago em hiate a vapor.

Por duas semanas fartaram-se em Pequim a vista e a curiosidade dos diplomatas, que não presenciaram a pompa funebre de Tsen-Hi, em Novembro de 1909, perdido espetáculo exoticamente original.

Vários dias de viagem levou o prestito funebre para alcançar o Palácio das Colinas onde magnificente mausoléu esperava Tsen-Hi. Patentaram no prestito centenas de camelos transportando presentes funerários.

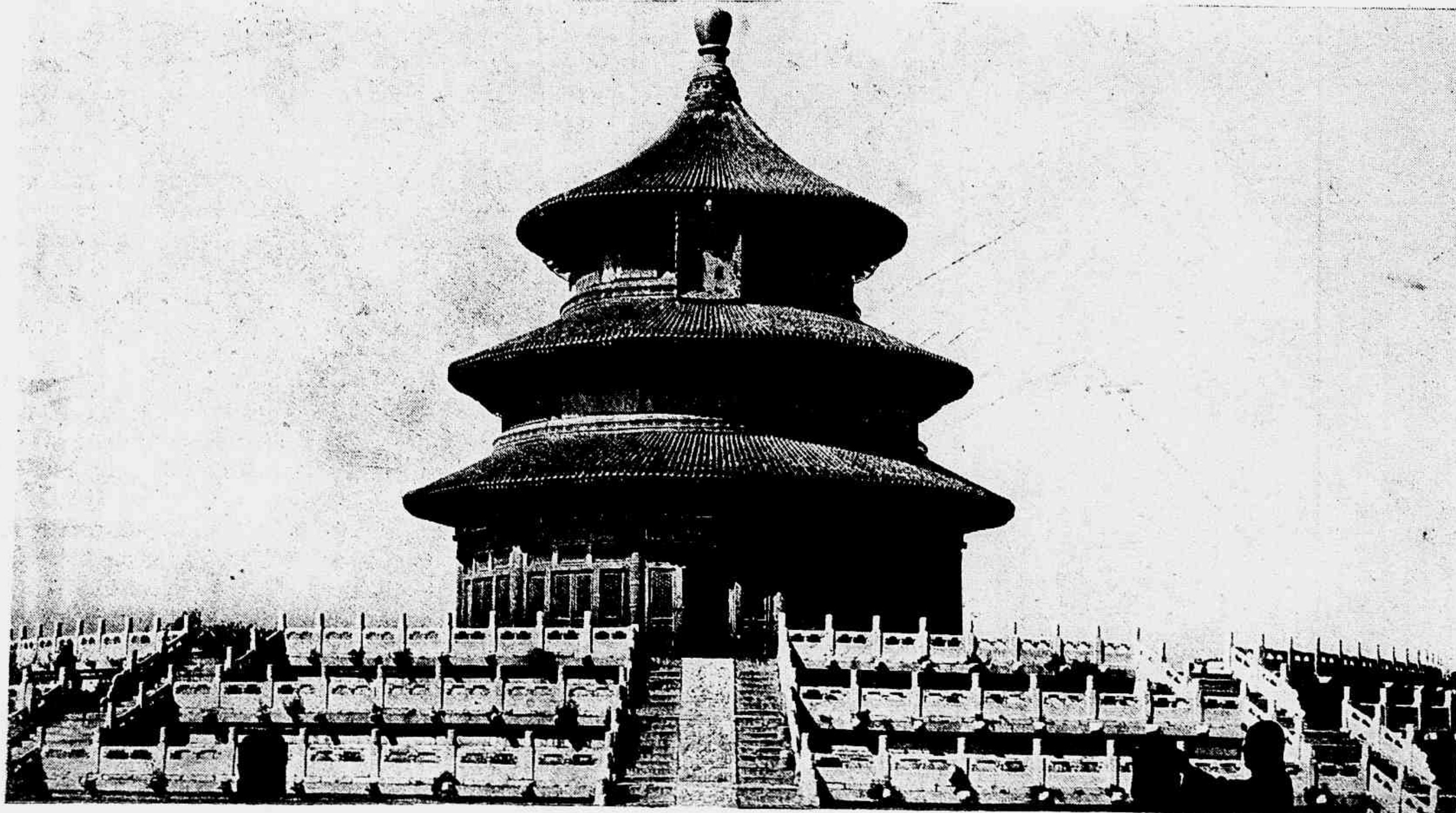
A pompa funebre de Tsen-Hi concorreram o Regente, os príncipes imperiais, um mundo de dignitários, bouzos, músicos, carpideiras, numerosa criadagem da imperatriz além de tropa com armas e bagagens.

O sepultamento de Tsen-Hi revestia alta significação. Era o sinal do fim do passado milenário da China, a próxima deposição do último filho do Céu, Sien-Toung, a conduzir uma China republicana ao comunismo no qual ora se debate.

Não poudesaber dela o nosso ministro de 1908, de visita a Pequim. Aposentado, morreu Gonçalves Pereira em Paris, em Junho de 1924.

Devia ter guardado a caixinha de prata em forma de coração, lembradora do almoço de desesseis anos passados. E quem preza tempos idos fica a perguntar-se pelo destino da caixinha de tão expressiva forma.

O Templo do Céu em Pequim





O "broadcasting" brasileiro, o nome de Graziela Salerno é bem conhecido. Cantora de indiscutíveis méritos vocais, com enorme projeção nos meios musicais do país e no estrangeiro, sua estreia radiofônica deu-se através da antiga Rádio Sociedade, quando esta funcionava na rua da Carioca. Interprete apreciada do repertório lírico, chegou a participar da oficial, cantando a "Butterfly" ao lado dos mais famosos artistas estrangeiros e recebendo verdadeira consagração da crítica. O rádio porém, é o seu traco, razão de ter abrilhantado "Momentos líricos", programa que a Mayrink Veiga manteve por longo tempo no ar e no qual Graziela Salerno apresentou os mais interessantes números do seu enorme repertório. Ao deixar a PRA-9, a cantora o fez para atender melhor proposta da PRE-8, estação que em seguida trocou pela Tupi. Na PRG-3 manteve-se por seis meses, quando passou para o "Jornal do Brasil", onde a foi buscar a Rádio Globo, para participar de "Operetas em miniatura". Não levou muito tempo a ingressar na PRA-2, onde veio a criar um curso para os que almejam cantar no rádio, além de animar os programas de estúdio dessa emissora. Recentemente, Graziela Salerno visitou Pernambuco, a fim de cumprir um contrato com a Rádio Club local por ocasião da inauguração dos novos estúdios. Também levou a efeito uma temporada em São Paulo, participando de diversos espetáculos líricos no Teatro Municipal bandeirante. O arquivo musical da querida estrela da PRA-2, reúne perto de 120.000 músicas. Foi ela quem gravou e lançou as últimas composições do saudoso Custódio Mesquita.

DENTRE os valores novos do rádio carioca, encontra-se José Mara Nogueira, locutor exclusivo da PRE-3 e ex-"speaker" da seção brasileira da National Broadcasting Company. Jovem e inteligente, com boa dicção e entonação perfeita, possui curso de direção de rádio-teatro na Universidade de Colúmbia, onde se colocou entre os melhores de sua turma. Sua atuação no "broadcasting" norte-americano foi de destaque, intervindo na irradiação dos festejos da Vitória, diretamente de Times Square, o coração de Nova York. Organizou e pôs no ar programas especiais por ocasião da morte do presidente Roosevelt, além de ter irradiado a abertura da Conferência de San Francisco e as eleições de novembro de 1944, quando Roosevelt foi eleito para um quarto mandato. Nascido no Distrito Federal, José Nogueira nunca havia trabalhado no rádio, estreando na terra ianque, a convite da seção brasileira da N. B. C. Além de atuar no "broadcasting", fez narrações de filmes de instrução para as forças armadas do Brasil, cooperando desse modo, para o esforço de guerra. Também, lecionou português em Nova York, tendo muitos alunos. Contratado pela Rádio Globo, atua em diversos programas, como "Livro de boiso", "Romance", "Embora pareça incrível" e outros. Fora do meio radiofônico, leciona inglês e é funcionário de uma autarquia. José Nogueira, segundo suas próprias palavras, tornou-se locutor por acaso, e gostou tanto que não pretende abandonar a carreira.



LENITA Bruno, uma das mais categorizadas intérpretes da música norte-americana, deve seu ingresso no rádio a um concurso feito por Chiquinho para a escolha de uma "lady-crooner" para sua orquestra, então exclusiva da Rádio Club do Brasil. Após uma série de "tests" difíceis em que pôs à prova ritmo, dicção e interpretação, a nossa biografada logrou sobrepôr-se às demais concorrentes, assinando contrato com a PRA-3 para uma temporada de seis meses. Terminada esta, Lenita Bruno transferiu-se para a Mayrink Veiga, cantando num programa de melodias iânques, ao lado de outros artistas. Sabendo selecionar seu repertório, ela se foi impondo aos ouvintes, que cada vez mais prestigiavam suas audições. Dêse modo, a linda e jovial estrela chegou aos altos andares da PRE-8, contratada com exclusividade para atuar ao seu microfone, animando os mais variados programas. Dentre esses citamos o de Cesar de Alencar, "Um milhão de melodias", além de quartos de hora especiais. Na Rádio Nacional, Lenita Bruno voltou a ser "lady-crooner" da orquestra de Chiquinho, seu verdadeiro descobridor. Amiga de todos, Lenita Bruno distrai-se respondendo às cartas de seus "fans" e lendo as revistas de "jazz", à procura de novos e interessantes "hits" para seu repertório. Fala-se que a exclusiva da PRE-8 fará em breve uma excursão a Argentina.

OS que acompanham o desenvolvimento do "broadcasting" nacional, não desconhecem o trabalho de Valdemar Henrique, esse profundo estudioso de nosso folclore, a quem não faltam qualidades artísticas. Pianista de indiscutível mérito, bem cedo enveredou pelo caminho da música, estudando os nossos motivos musicais e utilizando-os como fonte de inspiração de sua volumosa bagagem musical, onde se encontram, entre outras composições como "Boi-Bumbá", "Minha terra", "Manha mungara", "Juriti", "Cobra grande", etc. Alheias ao folclore, o artista paraense assina "Minha amada, tão longe", com letras de Alfonsus de Guimarães Filho, e "Cantiga", com letra do poeta Manuel Bandeira. Há quasi dois anos, Valdemar Henrique levou a efeito brilhante temporada na Rádio Globo, finda a qual empreendeu uma "tourné" pelos Estados, inclusive São Paulo, onde permaneceu por mais tempo, a fim de recolher material para novas composições. Iniciando sua carreira artística ao lado de Mara, sua irmã, hoje casada e afastada do rádio, seu primeiro contacto com o microfone deu-se através da antiga Philips, emissora em que permaneceu pelo espaço de dois meses, transferindo-se depois para a Tupi. Da PRG-3 rumou para o Norte, animando as festas de Nazareth e tomando parte nos programas da Rádio Club do Pará. No regresso ao Rio, esteve na Guanabara, estação que trocou pela PRE-3. Atualmente, Valdemar Henrique organiza uma orquestra de ritmos brasileiros, com a qual pretende visitar a Europa e os Estados Unidos, difundindo o folclore nacional.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

A ATRIZ QUE SE FEZ DEPUTADA!

"Ainda acredito no bom senso dos homens públicos de nossa terra" — diz a antiga "estrêla" Regina Maura, hoje deputada Conceição Santamaria — De "rainha das atrizes" a representante de São Paulo na Assembléia Legislativa — Luta pelos pobres enfermos que culmina na tribuna da Constituinte paulista — Uma conversa na sala do café e um pugilato que surge...

Reportagem de ROBERTO RUIZ

Especial para a REVISTA DA SEMANA

SÃO PAULO — Maio — No mundo de agitação que serve de "back ground" à vida trepidante de São Paulo, há, agora, mais um motivo de atenção para o ban-deirante zeloso das coisas de seu Estado: a Assembléia Constituinte. Diariamente, grande número de pessoas procura o Parque D. Pedro, onde um grande edifício de sólidas linhas abriga os representantes do povo. Do longe Sumaré, da Lapa, da Penha, da Avenida São João ou do Braz, todas as atenções estão voltadas para aquele imponente palácio, onde os "grilos" estão atentos, revistando a todos que se dirigem às galerias.

E lá vamos também nós, pela outra ala, subindo uma escada de largos degraus, sob uma arcada que mais parece lembrar o claustro de um convento, esfumado nos longes da Idade Média. Aquela escadaria — que não há elevadores, não... parece querer lembrar aos senhores deputados que os seus propósitos ali, devem ser construtivos, numa atividade constante para o alto, sem descender às pequenas coisas do interesse pessoal. Pelo menos a lembrança fica...

É a simples curiosidade que nos leva a casa do povo de São Paulo? Será só o desejo de ver em atividade aqueles que o paulista designou para defendê-lo na terra que viu nascer a liberdade do Brasil? Não, por certo. Procuramos a primeira atriz teatral brasileira que pisa num parlamento nacional: Conceição Santamaria, ou seja Regina Maura, outrora "estrêla" das mais brilhantes do nosso teatro de comédia.

O QUE O TEMPO NÃO APAISOU...

Anos atrás, o Rio e todo o Brasil aplaudiam Regina Maura, uma atriz que se impunha no palco, pela sinceridade das suas interpretações, pela inteligência com que sublinhava as intenções dos autores, pela versatilidade com que vivia os mais variados tipos e pela elegância com que se vestia. Regina Maura dominava platéias. Sua passagem pelo nosso palco fez rir e, ainda hoje, o seu nome artístico é lembrado. Mas sua vida no teatro não foi longa; o amor agiu contra os milhares de espectadores que havia conquistado. Surgiu em sua vida, o ilustre clínico de São Paulo, Mateus Santamaria, e Regina Maura tornou-se a senhora Santamaria, vinculada à mais alta sociedade paulista, iniciando a atividade que culminaria na sua eleição para deputado estadual, posto em que se vem distinguindo sobremaneira, demonstrando agudeza de observação, clareza de exposição e ardorosa combatividade.

UMA PRELIMINAR VIOLENTA

Mas voltemos à Assembléia Estadual de São Paulo, onde procurávamos Conceição Santamaria. Sala do café. Muito movimento, jornalistas e um locutor de uma emissora paulista, em animada reportagem... Pedimos fosse o nosso nome anunciado à deputada. Lá se foi o funcionário, com o cartão que indicava a nossa qualidade de jornalista do Rio.

Assistimos então a um "entreviro" completamente fóra do programa: o deputado Arimondi Falconi, defensor borghista, atracou-se em luta corporal com o seu colega do partido do governador, Castro Carvalho. Foi uma ligeira troca de empurrões e desaforos, com a rápida intervenção da "turma do deixa disso" e a ação pronta de fotógrafos e do locutor presente que não se furtou àquela excepcional ocasião de levar aos ouvintes paulistanos as seqüências daquele combate parlamentar "sul generis".

O ambiente estava pesado, mas, súbito, houve uma calma geral. Serenaram os ânimos e logo vimos qual a causa da transformação ambiente: Conceição Santamaria surgira na sala do café. O paulista, cavalheiro, embainhava a espada para receber uma dama. E a entrevista começou.

PLANOS E MOTIVOS DE ELEIÇÃO

A representante paulista acercou-se e logo declarou o seu contentamento em estar mais uma vez, em contacto com um carioca. Os cariocas são gente que não esquece e da qual guarda as melhores recordações.

Contou-nos como foi conduzida aquela assembléia, em consequência da sua campanha de três anos, em defesa dos infelizes leproso que arrastam a sua desgraça pelo grande Estado. Desenvolvendo uma campanha de assistência social, paralela àquela que seu marido desenvolve, como uma das mais autorizadas personalidades do mundo médico bandeirante, Conceição Santamaria conquistou milhares de eleitores que sufragaram o seu nome à Assembléia Estadual, como legítima defensora de seus anseios.

Disse-nos a simpática advogada dos hansenianos que a sua ida para a Câmara Estadual, nasceu da necessidade que sentia, cada vez maior, de conquistar uma Tribuna e melhores meios para atingir os objetivos por que tem lutado anos a fio. "Só na tribuna da Câmara — adiantou-nos — posso conseguir os meios que desejo. Só daqui posso mostrar a situação lamentável em que estão os pobres doentes que procuro tornar um pouco menos infelizes. Não descansarei e tudo quanto estiver ao meu alcance hei de fazer".

Indagamos então de seus projetos, naquela casa de representantes.

— De início, os hansenianos. Já está constituída uma comissão de inquérito parlamentar, de sete membros, a qual está visitando os leprosários do Estado, estabelecimentos que eu conheço bem, mas que desejo todos conheçam, para avaliar por que tanto tenho lutado. Dessas visitas surgirá por certo, a instauração de um inquérito policial-administrativo para que sejam punidos aqueles bárbaros que fazem da vida dos infelizes atacados do mal de Hansen um verdadeiro inferno. Para que possa avaliar das condições de carencia absoluta que encontramos, basta dizer que os pobres coitados dessas colônias pagam a vinte centavos cada litro de água filtrada que be-



Em cima: Conceição Santamaria, a ex-atriz Regina Maura, é hoje a defensora mais extremada dos hansenianos e vai até a um inquérito policial — administrativo... Em baixo: Palavras de saudação da nova deputada paulista, ao povo carioca, através da "REVISTA DA SEMANA".

Para caros leitores, felizes proprietários de
diário Manhã, com as saudações de

Melhor de
Regina Maura



Regina Maura, quando "estrela" do nosso teatro de comédia, brilhando em "O vendedor de ilusões" e "Feitiço", de Oduvaldo Vianna.

sem. Para a sua higiene pessoal, pagam um cruzeiro por balde de água morna. As laranjas são compradas a quarenta centavos cada uma. Ainda há mais: há um copo, para cada grupo de quatro presentes!... Mas não é só. Se quisermos completar este quadro de miséria, desumanidade e horror, temos de dizer que todos dormem amontoados, servindo de pasto às ratazanas que pululam por ali, devorando os membros em decomposição daqueles pobres quando entregues ao sono. A situação é das mais tristes e revoltantes. Para essa mancha que enodoa o nosso progresso, se impõem medidas rápidas, não só no sentido de debelar o mal, como também de humanidade, num esforço para dar aos hansenianos, o tratamento de seres racionais e dignos que merecem.

TEATRO E CRIANÇAS, OUTRAS PREOCUPAÇÕES

— Está claríssimo que eu não poderia esquecer o teatro. Meio do qual me orgulho de ter feito parte, está a merecer as minhas melhores atenções, dada a situação lamentável a que chegamos neste terreno em São Paulo. Esta capital, dado o seu desenvolvimento intelectual, não pode permanecer neste estado de coisas. Contamos agora, com apenas três casas de espetáculos, estando na iminência de desaparecer mais uma: o velho Bôa Vista. Ficaremos então, apenas com o Municipal e o Sant'Ana. Dois teatros para este gigante! E o cinema avançando e dominando! Em conjunto com o Sindicato e com o colega à Constituinte. Ma-

noel da Nóbrega, estamos envidando esforços para diminuir esta situação de inferioridade em que nos encontramos nesse terreno. Os impostos que ainda pesam sobre o teatro, aqui, vinte e cinco por cento da renda, são os mais elevados do Brasil. Vamos batalhar para que sejam abolidos. Outro passo será o da volta à condição de teatro, de alguns cinemas como o "Broadway", o "São Paulo" e o "D. Pedro". De outro lado, compensaremos a Fazenda, com um aumento de impostos aos cinemas. Isto seria o princípio de melhores dias em nosso Estado para a arte cênica, cujo desenvolvimento intelectual não pôde ser retardado, pela inércia dos que não querem ver o mal que estão fazendo". — Há outras medidas que penso pôr em prática. Referem-se estas às crianças, em benefício das quais, proporei uma série de medidas tendentes a fazer da criança paulista, o exemplo a seguir pelos demais Estados. A missão do amparo à criança, é das mais importantes que há e deve ser a preocupação constante dos governantes mormente nesta época utilitária. Para ela, voltar-se-ão também, as minhas atenções".

POSIÇÃO E PENSAMENTO...

Passamos a conversar sobre política. Já nas ruas havíamos auscultado a opinião do povo paulista. Ouvimos, aqui e ali, farrapos de opinião, trechos de conversa, o pensamento do homem da rua, sobre a situação do país. Aliando-se ao nervosismo habitual da trepidante vida do povo de São Paulo, como que um ruído subterrâneo de ansiedades incôgnitas de-

sejos de definição, esperança de melhores dias, expressos nas palavras deixadas escapar pelo chofer de um taxi, pelo gar-

çon de uma "pizzeria" ou por um bombeiro, improvisado, por uma grêve, um

(Continua na pág. 50)



A MINHA HERANÇA

— Meu tio, disse o homem do olho de vidro, era, por assim dizer, meio milionário. Ele valia, mais ou menos, cento e vinte mil libras esterlinas... Tal qual... E deixou-me toda a sua fortuna.

Lancei um olhar admirado sobre as mangas lustrosas do meu interlocutor e sobre a gola surrada do seu casaco.

— Até o último ceitil, confirmou ele.

E eu percebi, no seu olhar expressivo, uma nuance de mau humor.

— E' que eu nunca tive uma sorte destas, exclamei em tom de inveja, para li-songeá-lo.

— Uma herança nem sempre é um benefício, disse ele com um suspiro.

E, dando à fisionomia uma expressão de filósofo resignado, meteu o nariz rubicundo e os bigodes esguios dentro do pote de cerveja.

— Com efeito, pode ser.

— Ele era escritor e tinha composto rumas e rumas de livros.

— Ah!

— Nisto consistiu a infelicidade.

E o meu vizinho fixou em mim o seu único olho para ver se a narração despertava interesse; depois voltou o rosto para o outro lado e tirou do paliteiro um palito.

Sim, continuou, passado um curto silêncio, estalando os lábios; é como lhe digo. Era meu tio por parte de minha mãe... Tinha, como direi? a fraqueza da literatura edificante. Fraqueza é insuficiente para qualificar o seu gosto por este gênero de literatura; era, para melhor dizer, uma verdadeira mania. Depois de ter sido bibliotecário em uma escola politécnica, quando lhe veio a fortuna, entregou-se completamente à sua mania.

E', a meu ver, uma coisa extraordinária, inimaginável: um homem de trinta e sete anos, coberto de ouro repentinamente, e que não gozou, nem um dia, deste ouro! Supor-se-ia que uma pessoa, neste caso, se vista elegantemente encomende uma ou duas dúzias de calças a um afamado alfaiate de West End; ele, porém nunca! O senhor, se quiser, acreditará no que lhe vou dizer: quando ele morreu, não possuía nem ao menos um relógio de ouro. E pena que homens assim tenham dinheiro!

O que ele fez foi alugar uma casa, encomendar cerca de cinco metros cúbicos de livros e papéis, uma tonelada de tinta e pôr-se a escrever no seu costumeado estilo de literatura edificante, até não poder mais. Não poderéi jamais compreender isto! Ele, porém, lá tinha suas razões para assim proceder.

A fortuna veio-lhe de uma maneira muito curiosa, quando ele tinha completado a idade de trinta e sete anos, legada por um tio materno do qual ele nada esperava. Afora alguns primos germânicos, não tinha outros parentes neste vasto mundo a não ser minha mãe. Eu era filho único.

O senhor está seguindo o fio da minha narração, não?

Os primos tinham também um filho único; porém eles o levaram cedo de mais para fazer visita ao velho. Era, como se costuma dizer, um "enfant gâté", o filho desses primos, e, assim que viu o meu tio, pôs-se a gritar com toda força.

— Levem-no, pelo amor de Deus, levem-no daqui, exclamou o velho. Livrem-me dele.

E ele mesmo livrou o seu testamento. Bom negócio que foi este para mim hein? Que tal? Minha mãe, senhora ajuizada e prudente, construiu o seu plano muito antes de se dar a morte de meu tio.

Era, quanto me posso lembrar, um homenzinho curioso, este meu tio. Não me admiro de que o pequeno se tivesse amedrontado ao vê-lo. Os cabelos como os das bonecas japonesas que se vêm nas lojas, pretos, lisos e duros, fazendo como que uma coroa sobre a sua cabeça. Não tendo nem um fio no alto; o rosto lívido, com olhos cinzentos, grandes, sempre em movimento atrás do vidro dos óculos. Tomava muito a peito a questão do vestuário e, durante toda a sua vida, usou um sobretudo flutuante e um chapéu de feltro, de abas largas, cuja forma era

das mais extraordinárias. Digo-lhe que era um homem muito exquisito. Quando estava em casa, em geral, vestia um roupão sujo, de flanela vermelha, e um barrete preto, o qual fazia-o assemelhar-se a um bom número de retratos de homens célebres.

Meu tio mudava constantemente de casa, levando para toda parte a sua cadeira, célebre por ter pertencido o Savave Landor, e as suas duas secretárias, uma das quais pertencera a Carlyle, a outra a Shelley, assim afirmara o negociante que as vendera; e pretendia possuir a mais completa biblioteca de investigações existente em Inglaterra; e ele arrastava o seu bazar todo, ora para uma casa de Down, perto da antiga habitação de Darwin, ora para Reigate, a pouca distância de Meredith, depois para Haslemere, Chelsea, até trazê-lo novamente para Hamsptead. Ele bem conhecia que estava doente, o que, porém não sabia era que a moléstia que o minava era de caráter cerebral. Acusava ora os ares, ora a água, a altitude do lugar em que se achava, ou outra qualquer causa, sem nunca atinar com a verdadeira.

— O meio em que se vive é de tão grande influência! costumava dizer (e lançava um olhar prescrutador para quem o estivesse ouvindo, como se tivesse a suspeita de que a pessoa estava dissimulando um risinho de mofa). O meio tem tão grande influência sobre um espírito impressionável como o meu!

Como se chamava? — Oh! ainda que eu dissesse ao senhor o seu nome, isto nada adiantaria. Ele não escreveu uma só página que fosse lida por outras pessoas, nem uma só. Não seria possível ler o que ele escrevia, pois, embora julgando-se um mestre exímio, ele sabia menos, daquilo que desejava ensinar, do que uma criança. Deste modo, escrevinhava livremente, tomando como tema a verdade, a justiça, a filosofia da história, e muitos outros assuntos. Escrevia volumes às pilhas, publicando-os sempre a expensas suas. Já lhe disse que ele não era seguro da cabeça, e, era um gosto ouvi-lo, voltar-se ralvozo contra a crítica, não que alguém se ocupasse em examinar os seus livros e criticá-los, compreende o senhor? (pois isto queria ele) mas sim porque ninguém se ocupava deles e nem ao menos lhes davam a honra de criticá-los.

— Mas o que desejam os povos? perguntava, estendendo a velha pata amarelada; eles desejam a instrução, conselhos. Estão dispersados pelas montanhas, como um rebanho sem pastor. De uma e outra parte, na planície, reina a guerra, o tumulto da revolta, o espírito da discórdia, o nihilismo, a viviseção a vacinação, a embriaguês, a pobreza, a miséria, o erro do socialismo, o egoísmo do capital! Vês subirem todas aquelas nuvens, Fed? — Dizia isto dirigindo-se a mim, compreende o senhor? — Vês as nuvens amontoando-se por cima da terra? Atrás delas o Mongol está velando.

Meu tio foi sempre de uma grande eloquência contra o Mongol, contra o espectro do socialismo e outras balelas semelhantes.

Então estendia para mim o indicador, e, com os olhos brilhando, o barrete caído sobre a orelha, murmurava: "E estou eu aqui! Que desejo eu? Ensinar as nações! As nações! Digo com toda a modéstia, Fed: eu "podia". Eu desejava guiá-las. Não, eu "quero" guiá-las ao parto de toda a segurança, guiá-las à terra prometida banhada de rios de leite e mel.

Eis como ele raciocinava de ordinário: divagava, dizia os maiores desatinos, falando dos povos, do direito, e outros as-

suntos semelhantes a estes: espécie de mistura composta de fragmentos da Bíblia e palavreado desconexo.

Dos quatorze aos vinte e três anos, idade em que comecei a cultivar o espírito, minha mãe tinha por hábito lavar-me o rosto, pentear-me os cabelos (pelo menos durante os dias da minha infância) com um belo rego no meio da testa, e levava-me, uma ou duas vezes durante a semana, à casa do meu tio, onde eu me via obrigado a escutar aquele velho idiota discorrer sobre assuntos que ele lera nos jornais da manhã esforçando-se quanto podia por imitar Carlyle nesses comentários. Eu sentava-me, quando me davam ordem para isto, tinha fisionomia inteligente e aspecto de menino bem educado, e fingia acreditar em tudo o que ele me dizia. Em seguida, tomei o hábito de lá ir, espontaneamente, por meu próprio gosto, sem a menor idéia na herança.

E era eu a única pessoa que frequentava a casa de meu tio. Creio bem que ele escrevia a todos os homens mais ou menos célebres na época, enviando-lhes um ou dois exemplares das suas obras, e convidando-os a irem ocupar-se com ele da salvação dos povos, porém a maior parte destes correspondentes nem se davam ao trabalho de responder-lhe, e nenhum deles acudiu ao chamado. Quando a criada ia abrir a porta — era uma espertalhona esta rapariga — havia sempre sobre a banquetta do vestibulo maços de cartas à espera de serem despachadas, dirigidas a Bismark, ao Presidente dos Estados Unidos e a "tutti quanti". Subia-se uma escada, seguia-se por um corredor repleto de teias de aranha (a criada bebia como um Polaco, os corretores estavam sempre sujos) e encontrava-se enfim o meu tio, no seu quarto, com os livros atirados por todos os cantos, o soalho repleto de papéis rasgados, telegramas e jornais dispersos aqui e ali, xicaras de café vazias, restos de torradas meio comidas sobre a estante. Por cima de seu dorso curvado, viam-se somente os cabelos desgrehados, apontando entre a gola do roupão e a borda do barrete.

— Um momento! exclamava, olhando por cima do ombro. Um momento!... A palavra apropriada, sabes, Fed, a palavra apropriada! Um pensamento claro claramente expresso! Ah! Ah! o encadeamento das idéias...

— E agora, Fed, continuava em seguida, fazendo dar voltas à cadeira da secretaria, como vai a jovem Inglaterra?

Era o que ele achava de mais estúpido na ocasião.

E assim era meu tio, e esta a sua maneira de falar, pelo menos comigo. Com as outras pessoas parecia ser um pouco reservado. Não se contentava em conversar comigo, dava-me a ler os livros que compunha, livros de seiscentas páginas, pouco mais ou menos, com títulos de chamar a atenção universal: *Nossas Irmãs na gehena*, *O demonio da hypocrisia*, *Cadinhos e passadores*, etc. Tudo isto muito firme, porém sem ter nada de original.

A penultima vez que o vi, ele deu-me um livro. Sentia-se já adoentado: as mãos tremiam-lhe e estava muito abatido. Eu reparei tudo isto, porque naturalmente observava sempre anciosamente todos esses pequenos sintomas.

— Eis a minha última obra, Fed, disse-me ele. Sim, a minha última obra, meu querido filho. Minhas últimas palavras aos povos surdos e obstinados...

Queria que me cortassem a cabeça se não vi, n'aquela ocasião, uma lágrima rolando sobre a sua velha face de pergamino. Queixava-se continuamente por estar próximo o seu fim, quando não es-

crevera ainda senão cincoenta e três volumes de pataratas.

— Tenho pensado algumas vezes Fed, me disse ele... E calou-se.

Depois continuou.

— Fui talvez arrebatado demais e injusto a respeito desta geração empedernida. Deveria ter-me apresentado talvez com maior doçura e mansidão, dispensar-lhe uma luz menos deslumbrante. Tenho pensado, às vezes... que poderia tê-la guiado. Fiz, porém, o que pude e o melhor que me foi possível, Fed.

E então, pela primeira vez na sua vida, reconheceu o seu erro e confessou-o em uma explosão de sinceridade. Era a prova de que estava realmente doente. Parecia refletir durante um momento, depois falou, tranquilla e tristemente, com o espírito tão lucido e sensato como o meu próprio.

— Fui um imbecil, Fed, continuou. Passei toda a minha vida a repetir tolices e necedades. Sómente Aquêlle que lê nos corações pôde vêr-se há em tudo o que eu disse e escrevi outra cousa senão verdade. Eu nada sei. Fed, porém. Ele sabe tudo. Ele sabe se procedi tolamente, com orgulho, em consciencia, em consciencia...

Assim mesmo foi que ele falou, repetindo muitas vezes estas cousas; depois calou-se repentinamente e deu-me o livro, a tremer, e então toda a vivacidade de outr'ora tornou a aparecer no seu olhar.

Lembro-me perfeitamente de tudo isto, porque reproduzi a scena, representando-a à minha velha mãe, quando cheguei à casa, para alegrá-la e fazê-la rir um pouco.

— Toma este livro e lê-o, continuou meu tio. São as minhas últimas palavras, são realmente as minhas últimas palavras. Deixo-te toda a minha fortuna, Fed; oxalá saibas fazer dela melhor uso do que eu!

Dizendo isto tomou de um acesso de tosse.

Lembro-me ainda, perfeitamente de todos estes pormenores, e de quando cheguei em casa, orgulhoso como um gallo, e de quando voltei a vê-lo e encontrei-o deitado na cama. A creada estava no patamar da escada, completamente embriagada; na minha qualidade de moço conquistador, graciejei com a outra creada que estava no corredor, antes de entrar no quarto do doente. Ele enfraquecia a olhos vistos; porém, ainda assim, a vaidade assoberbava-o.

— Leste? murmurou.

— Passei a noite inteira a lê-lo, disse-lhe eu ao ouvido, para dar-lhe gosto. E' "o último livro, acrescentei em um minuto de reminiscencia, porém é também o melhor e mais corajoso".

Ele sorriu docemente e tentou apertar a minha mão entre as suas, porém, tão fraco como uma mulher, teve que renunciar e ficou imóvel.

— O melhor e mais corajoso, repeti, vendo que isto lhe era agradável.

Ele, porém, não respondeu. Ouvi distintamente a creada rir baixinho atraz da porta, pois em outros tempos, tínhamos trocado alguns inocentes gracejos, compreendendo o senhor, a propósito dos hábitos de meu tio. Observei-lhe a fisionomia: tinha os olhos fechados, o nariz estava afilado, mas conservava o sorriso nos lábios. Não era cousa verdadeiramente bizarra vê-lo ali, estendido, morto, com um sorriso de satisfação na fisionomia, ele que durante toda a sua vida nada conseguira?

Assim findou-se meu tio. O senhor bem deve calcular que minha mãe e eu tomamos todo o cuidado em que ele tivesse um enterro decente.

Em seguida, naturalmente, principiou a caça ao testamento. Ao principio estávamos cheios de conformidade e respeito, antes porém do fim do dia, começamos a estripar cadeiras, a quebrar moveis, a soder as paredes. A todo instante parecíamos vêr chegar outras pessoas. Tendo feito perguntas à governante, soubemos que ela assistira realmente como testemunha à confecção de um testamento (escrito em meia folha de papel de cartas ordinário, e muito curto, disse ela) a menos

(Continua na pag. 50)





GLENN FORD

QUE NO CINEMA CONQUISTOU
GILDA E NA VIDA REAL CON-
QUISTOU ELEANOR POWELL

Entrevistando o jovem ator que rapida-
mente se impôs em Hollywood como
galã de Rita Hayworth, Bette Davis e
outras famosas "estrêlas"

Por LUIS SERRANO
(Correspondente especial de
REVISTA DA SEMANA em Hollywood)



Columbia me contratou — explicou-me Glenn — pensei em arranjar um nome profissional que fosse pronunciado mais facilmente e que fosse sonoro... Tirei-o da cidadezinha natal de meu pai, Glenford, no Canadá. O mais engraçado é que o fim da palavra coincide com o meu nome de família.

Glenn Ford nasceu em Quebec, no Canadá, num dia 1 de maio. É filho de uma família importante. Seu pai, Newton Ford, era industrial, proprietário de moinhos. E, por sua vez, era sobrinho de Sir John MacDonald, primeiro ministro do Canadá e descendente de Martin Van Buren, oitavo presidente dos Estados Unidos. Desde a idade de sete anos que morava Glenn com os pais em Santa Monica, California. Foi naquela cidade que fez todos os seus estudos. Quando fazia o curso secundário num colégio de Santa Monica começou a distinguir-se nas equipes de futebol, "lacrosse" e outros jogos.



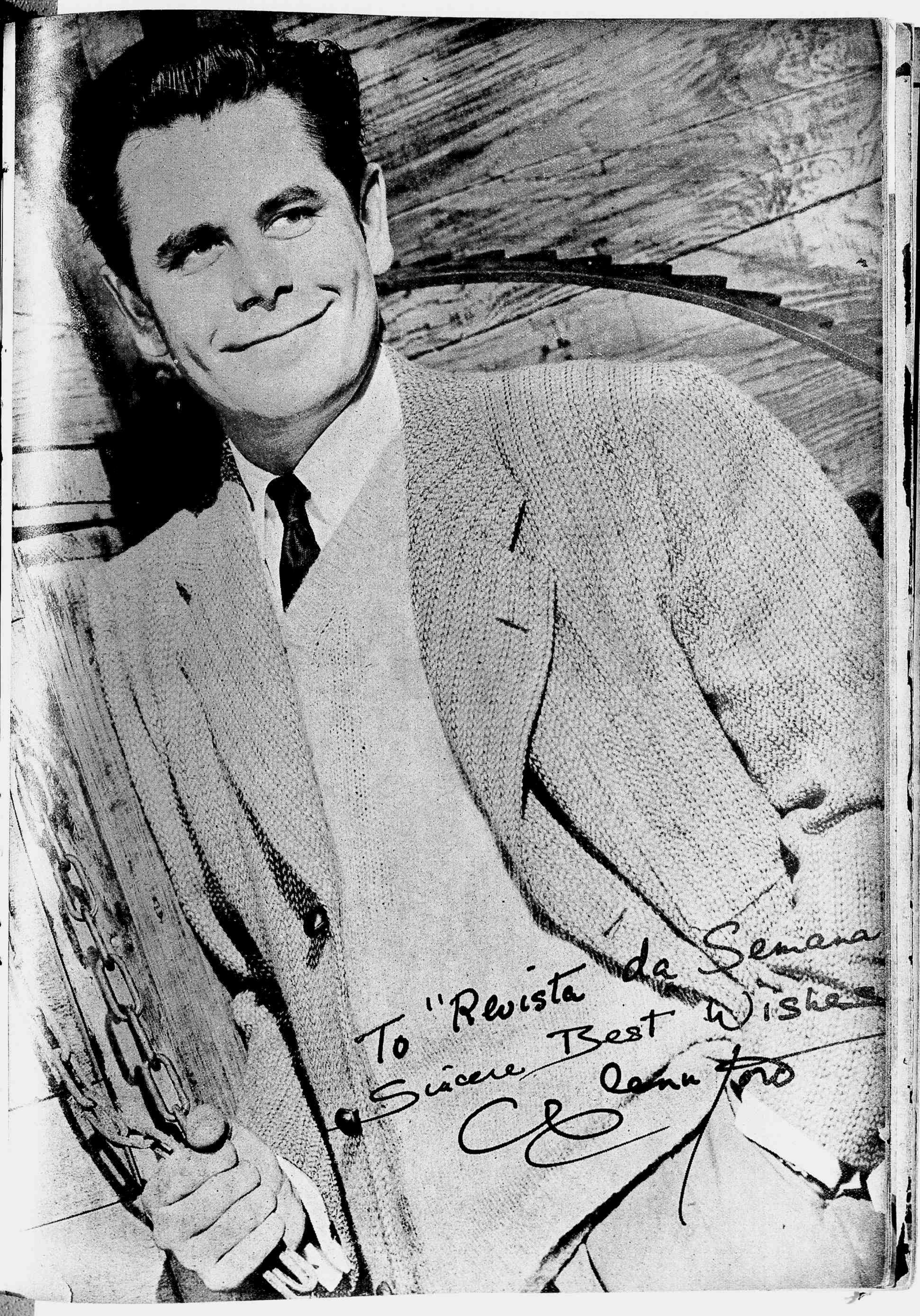
HOLLYWOOD — Maio — Glenn Ford conquistou milhares de "fans" e adquiriu o prestígio artístico de que desfruta atualmente quando apareceu em "Gilda", fazendo o papel de um autêntico domador... de mulheres, ao lado da provocante Rita Hayworth. Este filme lhe deu fama dentro e fora dos Estados Unidos. Devido ao sucesso de sua "performance" foi que a Columbia lhe concedeu o papel de protagonista da película "Gloriosa jornada", ao lado de Janet Blair. Por último, fez ele no estúdio da Columbia o filme "Framed" (anteriormente denominado "They walk alone"), que irá para o Brasil primeiro do que "Gloriosa jornada" e, segundo me informaram, com o título de "Paula".

Tive oportunidade de entrevistar o popular "astro" e então ele me disse um bocado de coisas sobre a sua vida particular e atividades teatrais e cinematográficas. Começou confessando, entre sorrisos, que seu verdadeiro nome é Gwyllynn Ford.

— Estapafúrdio, não acha? Bem, quando a



Ao alto: Glenn Ford, que no cinema conquistou Gilda e na vida real conquistou Eleanor Powell, falando a Luis Serrano, correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood. Em baixo: Glenn Ford e Janet Blair, em uma cena de "Paula". A direita: Glenn Ford em uma foto autografada especialmente para "REVISTA DA SEMANA".



To "Revista da Semana"
Sincere Best Wishes
C. J. Connors

Em 1934, quando terminou os estudos, recebeu entrada para o teatro. Desde criança havia pensado nessa profissão. Fizera até representações improvisadas no quintal de sua casa, de os quatro anos de idade. Com essa idade recebeu na peça "Tom Thumb's Wedding", do mais tarde tomado parte num elenco de estas infantis que representaram "O rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda". Como profissional, arranhou trabalho pela primeira vez em 1935, quando Herman Schumlin veio à Califórnia e apresentou a peça de Lillian Hellman, "The children's hour". Não obstante a sua inexperiência como ator, obteve papel nessa peça. Quando terminou a temporada, o artista reuniu-se ao grupo denominado "The Players". Com essa "troupe" fez sucesso quando incarnou no palco e personalidade do brutal Michael Rakobsky na peça de Lester K. Born intitulada "Judgement Day". Sua atuação despertou a atenção de um produtor

cinematográfico e, logo depois, recebeu uma proposta para filmar. Submeteu-se aos clássicos "tests" e foi contratado pela Columbia. Contudo, não abandonou o teatro imediatamente. Trabalhou ainda nas seguintes peças: "Golden boy", com Francis Lederer; "Soliloquy", com John Beal; e "A broom for a bride", com Irene Rich. Foi por essa ocasião que ele entrou certa noite num teatro para se divertir e viu pela primeira vez, trabalhando no elenco da peça "At home aboard", aquela que mais tarde seria sua esposa, Eleanor Powell. Só muito mais tarde, entretanto, quando ambos estavam em Hollywood, foram apresentados um ao outro por Pat O'Brien. Daí por diante surgiu um namoro entre os dois que terminou ou melhor, continua com o casamento. Digo isso porque são muito amigos e vivem em perfeita harmonia conjugal. O casamento dos dois artistas teve lugar no dia 23 de Outubro de 1943, em Beverly Hills. O casal possui um

filhinho, do qual se sente orgulhoso e que recebeu na pia batismal o nome de Peter Newton.

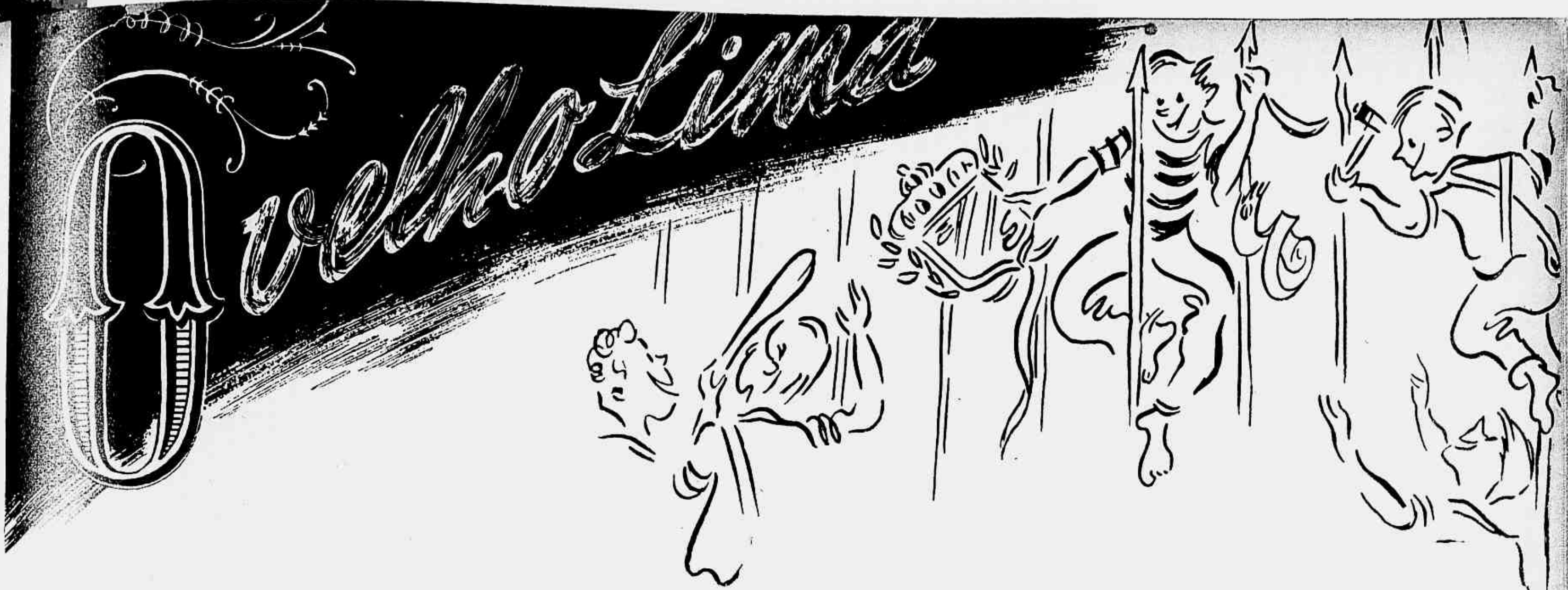
— Não é por ser meu filho, não, — diz-me Glenn Ford — mas é o menino mais vivo e mais inteligente que já conheci...

Glenn Ford fez a sua estréia cinematográfica no filme "Heaven with a barbed wire fence", que não foi exibido no Brasil e do qual, por isso mesmo, não sei o título em nosso idioma. Apareceu em seguida em várias películas da Columbia, inclusive em algumas da série "Blondie", com Penny Singleton. Seu primeiro sucesso real ele o conquistou quando apareceu em "Náufragos" (Flotsam), ao lado de Margaret Sullavan, Fredric March e Erich von Stroheim. A guerra ameaçou prejudicar sua carreira artística. Preparava-se para representar na tela o papel de Chopin em "A

(Continua na pág. 58)

O orgulhoso papá Glenn Ford e a orgulhosa mamã Eleanor Powell Ford, ao lado do filhinho do venturoso casal, o travesso Peter Newton.





O velho Lima, que era empregado antigo — numa das nossas repartições públicas, e morava no Engenho de Dentro, caiu de cama, seriamente enfermo, no dia 14 de Novembro de 1889, isto é, na véspera da proclamação da República dos Estados-Unidos do Brasil.

O doente não considerou a molestia coisa de cuidado, e tanto assim foi que não quiz médico: bastaram-lhe alguns remédios caseiros, carinhosamente administrados por uma nedia múlata que ha vinte e cinco anos lhe tratava com igual solicitude do amor e da cosinha. Entretanto, o velho Lima esteve de molho oito dias.

O nosso homem tinha o hábito de não ler jornais, e, como em casa nada lhe dissessem (porque nada sabiam), êle ignorava com-

pletamente que o Império se transformára em Republica.

No dia 23, restabelecido e pronto para outra, comprou um bilhete, segundo o seu costume, e tomou logar no trem, ao lado do comendador Vidal, que o recebeu com estas palavras:

— Bom dia, cidadão.

O velho Lima estranhou o cidadão, mas de si para si pensou que o comendador disséra aquilo como poderia ter dito *ilustre*, e não deu maior importancia ao cumprimento, limitando-se a responder!

— Bom dia, comendador.

— Qual comendador! Chame-me Vidal! Já não ha comendadores!

— Ora essa! Então porque?

— A Republica deu cabo de todas as comendas! Acabaram-se!...

O velho Lima encarou o comendador, e calou-se, receioso de não ter compreendido a pilheria.

Passados alguns segundos, perguntou-lhe o outro:

— Como vai você com o Aristides?

— Que Aristides?

— O Silveira Lobo.

— Eu!... onde?... como?...

— Que diabo! pois o Aristides não é o seu ministro? Você não é empregado de uma repartição do Ministério do Interior?...

Desta vez não ficou dentro do espírito do velho Lima a menor dúvida de que o comendador houvesse enlouquecido.

— Que estará fazendo a estas horas o Pedro II? perguntou Vidal, passados alguns momentos. Sonetos, naturalmente, que é do que mais se ocupa aquêlê tipo!

ANTOLOGIA BRASILEIRA DO CONTO

Os contos de Arthur Azevedo, o mais das vezes, não passam de pequenas anedotas e de simples "quiproquos", por trás dos quais o leitor sente o homem de teatro, afeito ao gênero vaudevillesco, de que foi exímio tradutor. Mas, como são bem contadas as suas anedotas! "O prebiscito" é uma pequena obra prima. E outra pequena obra prima é "O velho Lima", que figura nesta página. Nascido no Maranhão, Arthur Azevedo pertenceu à Academia Brasileira de Letras, de que foi um dos fundadores. Tem um grande nome no teatro brasileiro e à sua iniciativa, sobretudo, é que se deve a construção do Municipal. Quase esquecido, tem sofrido muitas injustiças, a última das quais foi o veto do Serviço Nacional de Teatro à representação de sua comédia "O Dote", pelo elenco dirigido pela senhora Henriette Risner Morineau, sob a alegação de que se tratava "de uma peça velha e já conhecida"...

CONTO DE ARTHUR DE AZEVEDO ★ ILUSTRAÇÃO DE R. DE LAET



— Ora vejam, refletiu o velho Lima, ora vejam o que é perder a razão: êste homem quando estava no seu juízo era tão monarquista, tão amigo do imperador!

Entretanto, o velho Lima indignou-se, vendo que o sub-delegado de sua freguezia, sentado no trem, defronte dêle, aprovava com um sorriso a perfidia do comendador.

— Uma autoridade policial! murmurou o velho Lima.

E o comendador acrescentou:

— Eu só quero ver como o ministro brasileiro recebeu o Pedro II em Lisboa; êle deve lá chegar no principio do mês.

O velho Lima comovia-se:

— Não diz coisa com coisa, coitado!

— E a bandeira? Que me diz você da bandeira?

— Ah, sim... a bandeira... sim... repetiu o velho Lima para o não contrariar.

— Como a prefere: com ou sem lema?

— Sem lema, respondeu o bom homem num tom de profundo pezar; sem lema.

— Também eu; não sei o que quer dizer bandeira com letreiro.

Como o trem se demorasse um pouco mais numa das estações, o velho Lima voltou-se para o sub-delegado, e disse-lhe:

— Parece que vamos ficar aqui! Está cada vez pior o serviço da Pedro II!

A VIDA DE BERGSON

(HENRY BERGSON — 1859-1941)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

EM 1914 estavam em marcha os exércitos da Europa. Dir-se-ia que a humanidade perdera sua alma. "Pode alguém acreditar no progresso e na civilização diante do que está acontecendo?" perguntavam-se, mutuamente, as pessoas.

No Colégio de França, deu a resposta um professor de voz branda e olhos penetrantes. A própria alma com que replicava dava-nos a impressão de estarmos em presença de uma visão. "Estais cansados agora", disse, "e despojados de esperanças. Não temais. Momento houve em que também me senti cansado. Mas depois, de repente, compreendi o significado do destino..."

II

A vida intelectual de Henri Bergson foi uma evolução. Principiou com uma base firme de ciências físicas. Tinha verdadeiro gênio para a matemática. Mas era, também, um artista. Possuía um belo senso da linguagem, quente simpática pela frase pitoresca. Na realidade, era um homem com uma dupla tendência — rigorosa meticulosidade e exuberante imaginação. Especializou-se em história natural e literatura helênica. Tinha a alma de um poeta no espírito de um cientista. E na luta final, foi obrigado, o cientista, a render-se ao poeta.

Nascido em Paris em 1859, entrou na Escola Normal Superior com a idade de dezessete anos. As suas inclinações eram, a esse tempo, "impiedosamente materialistas". Via toda a vida em termos de crescimento e declínio. Como Spencer, alimentava a convicção de que as várias sociedades e as várias morais se desintegram, inevitavelmente, como a carne humana. A nobre ação, a lágrima materna, o fenômeno cristão — são produtos do acaso, criados ao vento e dispersados no pó. A vida não tem objetivo e não há base para a esperança. Uma simples vista d'olhos pelo microscópio dissipará, para todo sempre, a validade do poeta. Tanto insistia Bergson sobre a sua teoria que os seus discípulos da Escola Normal o apelidaram "o ateísta". Certa vez, quando bibliotecário de sua classe, o professor repreendeu-o por trazer em desordem as prateleiras. "Como pode, a alma de vosso bibliotecário, totelar, tamanha desordem?" perguntou o professor. Ao que responderam, a uma voz, todos os colegas, "Bergson não tem alma".

Ao diplomar-se, foi-lhe oferecido um cargo de ensino na cidade universitária de Clermont-Ferrand, na província de Auvergne. Para lá foi o cético e lá foi vencido o seu ceticismo. Dava longos passeios pelo campo, e nele o poeta e o rebelde afirmaram-se, por fim. Os argumentos do laboratório, as fórmulas dos físicos, as frases sonoras dos ateístas intelectuais foram, de improviso, reduzidos ao nada pela esmagadora majestade da natureza. Com que então, poderia ser verdade que um mecanicismo cego, um remoinho de átomos guiados pelo acaso, houvesse modelado os seios ondulantes daquelas colinas e nivelado aquelas planuras? Sómente um estudantinho esperto, de segundo ano da escola da vida, poderia acreditar nisso. Que ridículos eram aqueles homens que tentavam descrever a infinita simplicidade da criação na linguagem complexa das fórmulas e das teorias especiosas! Bom Deus, pois não tinham olhos os químicos,

para assistir ao pôr do sol, naqueles horizontes? Sim, agora, agora sabia. A ciência era o refúgio dos intelectos fatigados, que tinham perdido a coragem de esperar.

III

A transformação de Bergson de materialista em idealista não foi resultado de um milagre. A princípio, não tinha ele nenhuma idéia positiva, tocante à direção a que o conduziam seus impulsos. Mas um senso crescente de "realização poética" insinuara-se-lhe na inteligência e percutia, agora, através de "cada fibra de seu corpo e de cada célula de seu espírito". O impulso da intuição — essa salvadora graça das mulheres e dos poetas — convenceu-o de que havia mais razões para a vida do que outrora julgara possível. Poderia um conúbio arbitrário, de átomos, criar o espírito de Shakespeare? Poderia, um arranjo científico das letras do alfabeto, produzir a Bíblia? E poderia, a combinação física e química que se chamava Henri Bergson, explicar a centelha de humor que lhe trazia aos lábios uma corrente de anedotas, enquanto ensinava, e uma torrente de gargalhadas aos ouvintes, enquanto ouviam? Nem poderiam as simples leis da energia física ter trazido um Bergson cético a Clermont e devolvido um Bergson idealista a Paris.

Em suas conferências públicas na cidade universitária forneceu uma amostra do novo molde de suas idéias. Falando sobre a investigação científica, observou: "Todos vós já maneijastes um microscópio e já notastes, em sua caixa, aquelas lâminazinhas de vidro que encerram, cada qual, uma preparação anatômica. Tomai de uma dessas preparações, colocai-a debaixo das lentes e olhai. Vereis um tubo dividido em seções. Fazei deslizar o vidro e observai como se sucedem as células umas às outras, todas elas claramente distinguíveis. Qual é, porém, o objetivo, e que haveis visto? Se quiserdes que vos seja respondida essa pergunta, é mister que abandoneis o microscópio e que considereis como um todo, a olho nu, aquela feia pata de aranha". Quem pôs a fealdade na pata da aranha ou a beleza na sua tela? poderia ter respondido com um brilho nos olhos. E incidentalmente, em nome das leis da ciência, quem pôs o brilho nos olhos de Bergson?

A dificuldade da análise científica, racionava Bergson, reside na propensão do espírito humano para situar os seus objetos no espaço. Tudo na razão humana é concebido em termos de espaço. A geometria reduz as mais abstratas qualidades dos fenômenos cósmicos a pontos no espaço. A física reduz a iridescência do pôr do sol a raios de luz jornadaando através do espaço, e a música de uma sinfonia, a comprimentos de ondas sonoras vibrando no espaço. Toda qualidade, é, assim, reduzida a uma quantidade numérica. A razão humana é como um metrônomo: conta as vibrações da realidade. Sem embargo, não pode auscultar essas mesmas realidades. Ela divide o todo, dinâmico, em intervalos estáticos. E assim, observa Bergson, surge um absurdo. Pois a experiência mais essencialmente dinâmica que conhecemos, é o movimento. No entanto, representamos o movimento, como o fazemos com tudo o mais, em termo de uma linha ou de uma série de pontos estáticos estendidos no espaço. O movimento, contudo, na realidade, não é uma série de pontos no espaço como não é tampouco uma série de instantâneos num rôlo de filme, sucessivamente projetados sobre a tela.

A ciência pode apenas simbolizar sem poder definir a experiência dinâmica denominada movimento. Para simplificarmos traçamos, com giz, uma linha entre dois pontos num quadro negro e comparamos os pontos da linha de giz a pontos no espaço. Mas um ponto no espaço é algo que não existe. Porque um ponto é um objeto finito, e o espaço é infinitamente divisível. Além disso, é impossível traçar uma linha adicionando-lhe pontos. O verdadeiro progresso de nossa mão ao mover-se para traçar a linha sobre o quadro negro, não pôde ser descrita como uma série de pontos imóveis. Como pode alguém criar a mobilidade partindo da imobilidade? Obstinamo-nos, todavia, em confundir a linha de giz com o movimento de nossa mão.

Transferimos, também, a experiência interior da duração do tempo, à linha descrita pelos ponteiros de um relógio passando por certos "pontos" no espaço. A ciência entende contar a nossa duração interior porque pode produzir o tempo do relógio. Mas o tempo não pode ser medido. Os momentos do tempo não são pontos homogêneos colocados lado a lado no espaço. Verdade é que cada segundo de nossa duração interior coincide com cada oscilação do pêndulo. Ocorrem ambos simultaneamente. E daí a conclusão do tempo com o espaço. O tempo verdadeiro, entretanto, não tem limites não tem extremos, não tem balizas. É uma duração interior que todos nós podemos sentir. Mas não podemos analisá-la. A ciência foi incapaz de apreendê-la. O verdadeiro tempo é crescimento, mudança e desenvolvimento e não uma extensão de pontos ou de segundos ou de horas ou de dias.

IV

Bergson apreendeu a qualidade dinâmica e incomensurável da maior das experiências humanas — a experiência da duração interior. E diante dessa experiência, convenceu-se de que era indefesa a parte racional do espírito. Pois a função racional pode apenas enumerar — isto é, adicionar, subtrair, multiplicar, dividir. Mas não pode sentir. O sentimento pertence à outra província do espírito — à intuição. Ora, a intuição fora estigmatizada por todos os filósofos racionais, como a ovelha negra da família mental. Era tida como propriedade das massas ignorantes, o principal instrumento da superstição. Bergson, porém, determinou reabilitar a dignidade da intuição e restaurá-la no trono que, por direito, lhe cabia. "Porque a intuição, sábiamente manejada, é legítima e nobre província do espírito; com efeito, é a maneira pela qual se pode perceber o âmago das coisas".

Mas, intuição, era um termo muito vago. Que significa ele verdadeiramente? Seria produto dos centros nervosos cerebrais ou função essencial do espírito, completamente divorciada da órbita do cérebro? Asseveravam os cientistas que era, o cérebro, tudo quanto havia para o espírito e que este, portanto, nada mais era senão matéria. Como um deles dissera — "No matter? Never mind".

Bergson concentrou, então, todos os seus esforços no estudo do espírito humano. O fenômeno mais significativo do espírito, para as finalidades do seu estudo, era a memória. Absorveu-o, o tema. Realizou inúmeros experimentos nos quais verificou que as vítimas de uma lesão cerebral logravam, amiúde, conservar intacta a memória. Se o espírito fosse apenas uma função do cérebro, concluiu, a cada lesão cerebral corresponderia uma deficiência da memória. Por outra parte, verificou que alguns pacientes haviam perdido a memória sem sofrer lesão alguma no cérebro. Existem, então, recordações armazenadas nas células cerebrais? Em alguns casos, sim. Por exemplo, depois de um certo número de tentativas para dirigir um automóvel, adquirimos o jeito, absorvendo, automaticamente a lembrança de cada lição. O guiar torna-se, para nós, um hábito. Não exige nenhum esforço consciente de recordação. No entanto, se nos devêssemos lembrar das circunstâncias específicas de cada uma das lições tomadas, seríamos obrigados a fazer um esforço consciente para recordá-las. Porque as circunstâncias da lição são únicas por si mesmas. Têm uma qualidade que lhes é própria. São unidades simples de uma experiência assimilada durante certo período de tempo, constituindo total dessas experiências o processo da formação do hábito. Sem embargo, são em si mesmas experiências de qualidade e não de quantidade. Pois bem: a faculdade capaz de recordar a qualidade de uma experiência qualquer, sustenta Bergson, é, precisamente, a faculdade

(Continua na pág. 50)



Henri Bergson, o famoso filósofo francês. Aos 83 anos de idade, demitiu-se do "Collège de France", em sinal de protesto contra o anti-semitismo do governo do marechal Petain.

* N. T. — Trocadilho inglês. A frase tem dois sentidos: (1) Sem matéria não há espírito. (2) Se não altera não tem importância.

VELHICE é um fantasma que todas as mulheres evitam com pavor. E o que fazem? Unas se agarram desesperadamente ao presente, tentando deter a marcha do tempo; outras entregam melancolicamente ao passado, como se tudo já estivesse perdido; outras ainda tentam voltar a idade por processos ridículos; enfim, poucas são as que conseguem encarar com a idade a maturidade desse período da vida, vivendo com inteligência, podendo ser um dos mais felizes da nossa vida.

Mas, a maioria age como disse acima. As primeiras, as que se agarram desesperadamente ao presente tentando deter a marcha do tempo, não têm o menor senso de auto-crítica; pensam que podem enganar o mundo com traços juvenis, trejeitos brejeiros, mas com uma incrível exageração, dando "saltitante, etc. tudo denotando uma falsidade que chega ao ridículo. As outras, as que se entregam melancolicamente ao passado, erram também porque se abandonam, física e mentalmente, esquecendo que o presente também pode ser interessante, embora já tenham passado dos quarenta anos. Estas, parecem verdadeiras sombras. Mergulham nas suas recordações e não lembram que têm compromissos aos quais não têm o direito de faltar.

Sentem, com tristeza, que tudo em volta parece diferente sem imaginar que a situação foi criada por elas mesmas. Guardam na lembrança as palavras de amor que o esposo lhe dizia quando era jovem, dos elogios que fazia à sua beleza e à elegância, mas se esquecem de olhar para o espelho; só então, vendo todo aquele desalinho, toda aquela negligência, é que podem compreender o afastamento do marido e até dos filhos... O ideal para umas e outras, seria que soubessem manter um espírito elevado e sadio acompanhar com naturalidade o desenrolar do tempo, procurando conservar sempre uma mentalidade adaptável à época em que vivem. Procurar ainda compreender a mocidade (assim teriam sempre a admiração dos filhos), conservar-se, o mais possível, dentro de uma linha sobria e distinta, sem esquecer, também, que uma mulher de quarenta anos pode ser tão atraente quando uma mocinha de dezoito, porque a sua atração vem da experiência que a vida lhe deu e dessa tranquilidade de quem já conhece os mistérios da vida. Nunca deverá procurar se comparar a uma mocinha, mas poderá como aquela se tornar encantadora e interessante.

Nina Foch, encantadora estrela da Columbia, exibindo um elegante modelo para noivas



NOS BASTIDORES
FEMININOS



BO. 614

QUANDO uma "estrela" bonita como Eleanor Parker apresenta sugestões, é necessário muita atenção. Porque, Miss Parker, é considerada uma das mais belas e elegantes "estrelas" da tela. Hoje, a bonita atriz da Warner Bros., oferece às nossas leitoras uma coleção de modelos, próprios, cada um deles, para todas as horas do dia. Na página à esquerda: Para o escritório ou para as compras pela manhã, nada mais prático do que este modelo verde de listras brancas, que tanto pôde ser executado em seda como em lã. Gola e gravata de "piqué" branco. Nesta página: O traje de dormir... Miss Parker sugere este piâma gênero "macacão", com calças bastante largas, a parte superior ligeiramente franzida. Gola alta, mangas japonezas, bordado em côres sob um dos ombros. O vestido de gala. O corpete é executado em "pailleté", com abertura pequena sobre o estômago. Sala de crêpe romano bastante franzida, presa à um cinto também de "pailleté".

ELEANOR PARKER SUGERE...





PENTEADOS DE FRANCES GIFFORD

ASSIM como existem modelos para cada hora do dia, existem também penteados para cada hora, para cada traje e para cada ocasião.

★

Frances Gifford, essa simpática figura da MGM, oferece às nossas leitoras alguns dos seus penteados favoritos: Ao alto à esquerda: "Si vou à praia pela manhã, ou mesmo si devo ficar em casa, solto os cabelos e faço apenas uma onda de um dos lados... A direita: "Quando vou para o studio, continua ela, faço um penteado um pouco mais sério. Faço dois rolos dos lados e tranças que se cruzam atrás. Em baixo à esquerda: "Si tenho um encontro, o penteado é este... Levantado dos lados e pagem atrás". Na página à direita: "Para a noite, quando devo vestir-me a rigor, faço um penteado bem feminino, todo levantado para o alto, com "boucles" e enfeitado de delicadas flôres..." Finalmente: "Durmo assim", diz ela... Com duas tranças e uma "franjinha"... Nunca me levanto "descabelada"...

E aí fica para você, a sugestão de Frances Gifford.





OPERA

Com o inverno se aproxima a grande temporada no Municipal. E' para aquelas grandes noites que apresentamos aqui este modelo de "faillé" preto, com corpete justo, subido na frente e costas inteiramente nuas. A saia é muito ampla, terminando atrás em cauda.





A esquerda: De muita "classe" — é este modelo confeccionado, em cetim preto. O corpete é justo, o decote arrendado, e os ombros também. Todo o corpete é bordado em "pailleté" preto. Saia com "pences" marcando o "godet". A direita: Vestido cinza claro, capa de tafetá vermelho vivo, com franzidos que formam original drapé. Tóda a barra da capa é enfeitada de franjas.

SUJEITO FELIZ, ÊSSE MELELEU!



MELELEU de Souza é carioca da gema. Nasceu no Engenho de Dentro, aí pelo ano da graça de 1900, quando não havia filas e o progresso da eletrificação não tinha ainda perturbado a pontualidade dos suburbios da Central. Pois Meleleu nasceu no Engenho de Dentro e lá foi criado, morando n'um barracão lá por traz das oficinas da Central, até o ano de 1925, quando Meleleu acrescentou o seu sobrenome ao de d. Maria da Silva, que passou a assinar-se — raramente, é verdade — Maria da Silva Souza. Mariasinha, como era conhecida entre suas amiguinhas, era uma mulatinha clara, gordinha, e conheceu Meleleu num baile; um baile na casa do Zé da Porca, apelido dado ao “seu” José, cidadão nascido na Fóz do Douro, ali em Portugal, dono da venda esquinha. Zé da Porca, alcunha cuja origem ele sempre procurou esconder, e não convém no momento recordar, casava uma filha, a Micas, e lá estavam, naturalmente, no arrasta-pé, as suas amiguinhas da vizinhança. Pois foi lá que a Mariasinha conheceu o Meleleu: e conversa-vai, conversa-vem, combinaram um encontro p'ro dia seguinte, no domingo, no mafuá do Engenho de Dentro, junto aos cavallinhos da Empresa Paschoal Segreto. Meleleu fazia questão de acentuar o “g” de Segreto, e Mariasinha gostava desde então a pontualidade com que o seu bem acentuava as menores coisas. Eu ainda não disse nada, mas Meleleu estava no baile do Zé da Porca como profissional, pois que Meleleu sempre tentou tocar saxofone. E lá estava ele, naquela noite, a soprar o instrumento, suarento, superior, convencido de que estava realmente tocando alguma coisa. Ele soprava, mas o instrumento eliminava apenas o sopro e uns restos de saliva. E' possível que um bom compositor pudesse colecionar as notas que ele emitia; mas não creio que fosse capaz de pô-las em ordem melódica, tal a balburdia. Mas o baile estava animado e ninguém percebia quem é que tocava pior, porque eles próprios não se entendiam. O fato é que estavam todos felizes. Zé da Porca, radiante; Meleleu, exultante; e Mariasinha, orgulhosa e invejada por estar flertando com o saxofonista. Termina o baile, vão todos p'ra suas casas — e já foram tarde, teriam dito os noivos — Meleleu encontra-se no dia seguinte com a Mariasinha, e o resto não precisa dizer. Casaram-se dois anos depois, em 1925, quando Meleleu foi morar, então, na Piedade, há uns 15 minutos da estação. O casamento dele foi tranquilo e decorreu num ambiente de familiaridade.

(Continua na pág. 56)



Por DJALMA BITTENCOURT.

Especial para “REVISTA DA SEMANA”.

Ilustração de

A. MOURA



MODELOS PARA SOIRÉE

Aqui estão dois lindos modelos próprios para noite: O primeiro apresentado por Yvonne De Carlo, ainda estrela de "Song of Scheherazade" é um modelo bastante original e de grande efeito. O segundo exibido por Ida Lupino, a genial atriz da Warner, mais simples do que o primeiro, não deixa no entanto, de ser tão elegante e vistoso quanto aquele.

CASACOS MODERNOS

A' direita: Casaco de Molyneux, bastante original. E' executada em lã cinza, com gola de "astrakan". E' todo largo, com pregas horizontais e botões comuns. Em baixo: Muito elegante este casaco de lã cinza, enfeitado com peles. A gola e a parte que acompanha toda a extensão do casaco forma uma só peça.







CHAPÉUS DE INVERNO

ESTAS são as últimas creações francezas em matéria de chapéus para a nova estação. Ao alto: De Claude Saint-Cyr, modelo em jersey de seda bordado com pedras e perolas, "aigrettes" brancas. A esquerda de cima para baixo: Encantador modelo de feltro bege, de Rose Valois, guarnecido de passaros e penas bege e marron. Também de Claude de St-Cyr é este "brotton" branco enfeitado com penas e véu pretos. Original "beret" em dois tons de azul, atravessado, na frente por grande pena azul marinho. Na página à direita: Um movimento inteiramente novo é dado por Janine Lacroix — a este feltro rosa pálido, drapeado na frente. Finalmente, em baixo, "toque" de peles, enfeitado com grande clips de pedras, criação de Camille Andréé.









NA página à esquerda ao alto: Saia drapeada de shantung preto, blusa de cambraia e boléro de shantung branco com viéz preto. Faixa branca à cintura. 2) Conjunto gracioso composto de saia de shantung branca, franzida em toda a volta blusa de shantung azul claro com transpasse na frente e boléro de shantung vermelho. 3) Com uma saia preta de linhas retas usa-se este elegante casaco de shantung rosa. "Echarpe" de listras rosa e preto. 4) "Duas peças" de shantung azul marinho. Gola de "piqué" branco, grande laço e punhos de seda azul marinho com pastilhas brancas. 5) "Duas peças" em shantung preto. Casa co ajustado até a cintura, abrindo em pregas para baixo. "Jabot" e punhos de renda. 6) "Duas peças" de shantung azul marinho. Jaqueta e saia com farto "godet" na parte de traz. Grande "jabot" de mousseline rosa pálido. Nesta página à esquerda: Jean Farel criou este maravilhoso modelo de crepe preto, com decote irregular e transpasse na blusa. Mangas drapeadas. A saia tem drapados apanhados de um lado, formando grande laço. À direita: Casaco em tecido escocês, de René Patton. É jovial e esportivo, com as suas mangas "raglan", suas lapelas largas e com abertura atrás para facilitar o andar.

**DE
PARIS**

MONSIEUR

Oferece no dia 25 de Maio a 10 de Junho

Nos salões do Copacabana Palace Hotel

Sedas e vestidos das mais

Elegantes casas de Modas de Paris

Inéditos artigos em couro e prata

Grande variedade de artigos para presentes

Novidades em lenços bordados, variados

E bonitas bonecas modernas italianas

Ultra chiques artigos para homens, à

Reais preços baixos.

IMPORTANTÍSSIMO:

★ O desfile de modelos vai ser apresentado no programa artístico do "Golden-Room" quinta-feira 29, sexta-feira 30 e sábado 31 de Maio, às 23 horas.

O VELHO LIMA

(Continuação da página 33)

— Qual Pedro II! bradou o comendador. Isto já não é de Pedro II! Éle que se contente com os cinco mil contos!

— E vá para a casa do diabo! acrescentou o sub-delegado.

O velho Lima estava atônito. Tomou a resolução de calar-se.

Chegado à praça da Aclamação, entrou num bonde e foi até à sua secretaria sem reparar em nada nem nada ouvir o puzesse ao corrente do que se passara.

Notou, entretanto, que um vândalo estava muito ocupado a arrancar as corôas imperiais que enfeitavam o gradil do parque da Aclamação...

Ao entrar na secretaria, um servente preto e mal trajado não o cumprimentou com a costuma da humildade; limitou-se a dizer-lhe:

— Cidadão!

— Deram hoje para me chamar cidadão! pensou o velho Lima.

Ao subir, cruzou-se na escada com um conhecido de velha data.

Oh! você por aqui! Um revolucionário numa repartição do Estado!...

O amigo cumprimentou-o cerimoniosamente.

— Querem ver que já é alguém! refletiu o velho Lima.

— Amanhã parto para a Paraíba, disse o sujeito cerimonioso, estendendo-lhe as pontas dos dedos; como sabe, vou exercer

o cargo de chefe de polícia. Lá estou ao seu dispor.

E desceu.

— Logo vi! Mas que descaramo! Um republicano exaltadíssimo!...

Ao entrar na sua seção, o velho Lima reparou que haviam desaparecido os reposteiros.

— Muito bem! disse consigo; foi uma boa medida suprimir os tais reposteiros pesados, agora que vamos entrar na estação clamorosa.

Sentou-se, e viu que tinham tirado da parede uma velha litografia representando D. Pedro de Alcantara. Como na ocasião passasse um contínuo, perguntou-lhe:

— Porque tiraram da parede o retrato de sua magestade?

O contínuo respondeu num tom lentamente desdenhoso:

— Ora, cidadão, que fazia ali a figura do Pedro Banana?

— Pedro Banana! repetiu raioso o velho Lima.

E, sentando-se, pensou com tristeza:

— Não dou três anos para que isto seja república!

A minha herança

(Continuação da pág. 28)

de um mez atrás. A outra testemunha fora o jardineiro, que confirmou, palavra por palavra, a narração da governante. Leve-me porém o diabo se foi possível encontrar algum testamento, ou este, ou outro qualquer! A maneira por que minha mãe se exprimiu nesta ocasião, devia

ter feito estremecer o meu pobre tio na sua cova.

Por fim, um advogado de Reigate, mostrou-nos um, feito há muitos anos, na época de uma pequena questão com minha mãe. Era o único testamento encontrado, e nele meu tio deixava toda a sua fortuna, até o último ceitil, aquele fedelho "Levem-n'o! Levem-n'o! lembra-se?" o filho de seu sobrinho, um felizardo que nunca em sua vida, aturára, nem por um dia, a conversação de meu tio.

O homem do olho de vidro calou-se.

— Pensei que o senhor tinha dito...

— Um instante, respondeu-me: tive que esperar até esta manhã para saber o fim da história, e entretanto era muito mais interessado no caso do que o senhor pode ser. Espere pois um pouco, o senhor também... As últimas vontades foram cumpridas à risca: o outro foi o herdeiro e, desde a idade de vinte e um anos pôz-se a dissipar a herança. Como éle a dissipava, santo Deus! Jogava, bebia e praticava mil loucuras. Digo-lhe que, só em pensar na vida que éle passou durante algum tempo, sinto-me ainda enfurecido! Finalmente, éle gastou até o último ceitil antes de completar trinta anos, e, a última vez que ouvi falar d'ele, ha três anos, estava na casa central de Holloway.

Eu, naturalmente, passei tempos duríssimos, porque, como bem deve vêr o senhor, o único ofício por mim conhecido, era o de caçador de herança. Todos os meus projectos, a bem dizer, esperavam, para serem realizados, a morte do velho. Tive altos e baixos, boas e más ocasiões. Presentemente, estou passando por um período de depressão. Confesso-lhe francamente que estou alerta, à caça de um auxílio, de um socorro.

Puz-me um dia a procurar ao redor do meu quarto alguma coisa de que me pudesse desfazer no intuito de arranjar dinheiro para satisfazer as necessidades urgentes, quando os meus olhos pousaram-se

sobre todos estes volumes oferecidos como presente: ninguém quereria compra-los, nem mesmo para embrulhar manteiga com as folhas, e eu os aborrecia em extremo. Prometiera a meu tio nunca me separar d'elles: não havia promessa mais fácil de cumprir. Joguei uma das minhas botas em cima d'elles e fil-os voar através do quarto. Um d'elles abriu-se com o choque e rodopiou no ar: de entre as suas páginas caiu... O senhor não adivinha?

— Era o testamento. Meu tio metera-o dentro deste volume, o último.

O homem cruzou os braços sobre a mesa e olhou de soslaio, com o olho são, para o pote de cerveja. Sacudiu lentamente a cabeça e disse com doçura.

— Nunca eu o abria, não tinha mesmo separado nem uma página de outra!

Depois, levantou a cabeça e riu-se com amargura afim de captar a minha simpatia.

— Que idéa de esconde-lo assim!... Hein? escolher um lugar tão exquisito!

E pôz-se, com ar distraído, a pescar com o dedo uma mosca morta dentro do seu copo.

— Isto demonstra claramente vaidade dos autores, continuou olhando-me fixamente. Era um estratagemma de meu tio, éle tinha sua idéa. Pensou que eu iria para casa ler até o fim o seu danado aifarrabio. Isto, porém, vem demonstrar, não é verdade? — e lançou novo olhar ao pote de cerveja; — isto vem demonstrar também que nós, pobres creaturas humanas, muito difficilmente nos compreendemos uns aos outros.

Ao menos, não havia possibilidade de enganar-me a respeito da sede que devorava o meu interlocutor, bem demonstrada pelo olhar ávido que éle lançava continuamente ao pote de cerveja.

Aceitou um trago com surpresa mal fingida, e usando da forma subtil de que ordinariamente se servem os bebedores, disse que "era só para não me recusar"...

A vida de Bergson

(Continuação da página 34)

que compreende a qualidade das coisas em geral. É a faculdade da essência (self) que jaz debaixo do cérebro. É o "eu" fundamental — o ego sobre o qual não posso raciocinar mas que posso sentir. Esse "ego" é apenas conhecido de mim mesmo e não pode ser comunicado por meio de palavras a mais ninguém. Nem pôde o cientista pôlo de lado para examinar, como o joalheiro põe de lado, a maquinária de um relógio que examina. É a área da personalidade na qual todos os nossos estados de espírito, de ódio e de amor, e todos os diversos matizes e emoção que existem entre esses dois polos, se fundem, imperceptivelmente, uns nos outros. Esses estados de espírito são caracterizados pela sua dinâmica intensidade. Não são unidades de medida extensiva que, obedientes, desfilam pelo cérebro, penetram o espírito e "enchem a alma". As sensações nervosas podem ser medidas de acôrdo com a magnitude de seus estímulos. Pôde alguém, todavia, medir a magnitude de um pensamento? Consiste uma emoção em tantas calorías? Deve, a coragem que impele os homens a sacrificar a própria vida pela liberdade, ser considerada como um simples feixe de estímulo sensoriais?

Não, não encontraremos no cérebro coisa alguma da nobreza interior do homem. O cérebro é um mecanismo. Não é uma alma. O cérebro adiciona unidades de quantidade com infinita precisão. Mas não lhe é dado criar. Uma simples máquina não poderia criar a Última Cella de Leonardo da Vinci, misturando um grupo de côres com outro, nem o *Paraiso Perdido* de Milton juntando as letras do alfabeto inglês. Diante de qualquer obra que tenha sido criada pela graça de Deus queda-se, o cérebro, como estranho, inútil e incompreensivo. As grandes obras-primas da arte e da natureza, e a maior obra-prima de todas, o Homem, podem ser apreendidas não pelo cérebro mas pela alma, pela essência (self) — a essência intuitiva.

V

Chama Bergson à nossa essência intuitiva o *intelecto criador*. É a consciência interior de nossa duração e crescimento, a "interioridade duradoura" de nossa vida, o próprio senso profundo de nossas ilimitadas profundidades. Com efeito, os nossos pensamentos, desejos e ações cotidianas são, apenas, pequena demonstração superficial dos recursos potenciais existentes no vasto armazém de nosso subconsciente. Sômente em épocas de grande orressão é que reconhecemos as nossas verdadeiras almas e alçamo-nos à execução de feitos de sobre-humana energia. No decurso ordinário dos acontecimentos, o cérebro conserva fechada a tampa do vaso mágico de nossa personalidade. Trabalha como funcionário militar de recrutamento, e convoca um número, relativamente pequeno, de idéias, necessárias ao serviço ativo presente. É um instrumento seletivo que nos adapta às nossas necessidades imediatas. Apreendendo a inter-relação temporária das coisas, habilita-nos a escolher entre elas. Age como conselheiro da vontade. O cérebro, todavia, como vimos, é apenas pequena parte do espírito. Em si mesmo e por si mesmo, jamais poderá ultrapassar a nossa experiência cotidiana. É totalmente material. Reside nos animais inferiores assim como nos homens. Funciona, apenas, no espaço e desenvolve a sua força, mediante o processo gradual e trabalhoso das tentativas.

Mas a verdadeira realidade, observa Bergson, ultrapassa a nossa experiência sensória. É mais fundamental que as presentes transitórias relações das coisas. Porque a aessência da verdadeira realidade é o crescimento — passado, presente e futuro. É o desenvolvimento, não apenas no espaço, mas, também e especialmente, no tempo. João Smith, por exemplo, é um corpulento indivíduo de quarenta e cinco anos. Ao observá-lo, neste momento, caminhando pela rua, para quem é que estamos realmente, olhando? Para João Smith? Mas é manifesto que neste momento particular éle não é mais João Smith do que era há quarenta anos atrás, quando brincava por aí de calças curtas como menininho de cinco anos. O verdadeiro João Smith não é a pessoa que vemos num dia ou num dado momento de sua vida. A realidade total de João Smith reside em seu contínuo desenvolvi-

(Continua na página número 34)



PROVEITOSA
LIÇÃO
PARA AS
MULHERES!



FASCINANTE
AVENTURA
PARA OS
HOMENS!

J. ARTHUR RANK

apresenta

REX HARRISON

O ASTRO DE "ANA E O REI DO SIÃO"

em

"IRONIA
do

DESTINO"

("NOTORIOUS GENTLEMAN")



com

LILLI PALMER

A SENSÇÃO DE "O GRANDE SEGREDO"

GODFREY TEARLE • GRIFFITH JONES and MARGARET JOHNSTON
Guy Middleton • Jean Kent

Direção de
SIDNEY GILLIAT



Produção de
SIDNEY GILLIAT e
FRANK LAUNDER



1) Vestido de lã composto de uma blusa e uma saia. A gola e os punhos de renda antiga; a) a mesma saia, com uma blusa de organdi branco, e com uma jaqueta para completar o conjunto; b) A jaqueta, usada com um vestido ligeiro, de listras; 2) Casaco arredondado na frente, usado com um vestido de cor contrastante; a) Com gola e punhos do tecido "pastilhas" do vestido, o casaco toma outro aspecto. Para completar, o chapéu é também feito no tecido do vestido. b) quem poderá





reconhecer o mesmo casaco agora usado sobre um "maillot"?
 3) Muito jovial este traje em tecido quadriculado, com uma blusa de seda branca e um laço de veludo; a) O bolero usado com um vestido de tom miúdo, igual ao que mais se destaca no tecido quadriculado; b) A saia quadriculada com uma "pull-over" de cor viva. Cinto de couro.



EM LOUVOR A SÃO JOÃO

NO folclore do Brasil existe uma abundância de cantigas decididas a comemorar as maiores datas da cristandade: os Reis Magos, a Páscoa, São João e Natal. A música também esteve sempre presente em todos os grandes movimentos que, no passado, agitaram a história de todos os povos, bastando citar apenas o exemplo de "A Marselhesa". Aqui mesmo, temos o caso da celebre marchinha "Ai, seu Mé" que, no governo do Sr. Artur Bernardes, deu muita dor de cabeça à sua polícia política, e, mais ainda, aos próprios autores... Mas, pondo de parte toda essa digressão, o que desejamos comentar é o abandono a que os nossos compositores votaram uma prática até bem pouco tempo seguida, de apresentarem canções dedicadas exclusivamente àquelas épocas. Agora mesmo, estamos em vésperas de comemorar os festejos de São João e não nos consta que tenham sido gravadas músicas destinadas aos mesmos. Nem sequer as canções que conseguiram agradar no passado, mereceram a atenção dos nossos fabricantes de discos para uma reediçãozinha mais melhorada. Nada se fez, a não ser condenar ao mais lamentável dos esquecimentos uma porção de canções joaninas do melhor quilate. Em nossos bailes, conserva-se, apenas, a indumentária caipira mas, em vez da quadrilha, do lanceiro, do schottisch, da marchinha, da mazurca e de outros ritmos nossos, todo mundo dança ao som dos últimos swings importados de Tin Pan Alley. Neste particular, os nossos amigos norte-americanos nos passam, mais uma vez, a perna, mesmo sem possuírem o nosso tão decantado sentimentalismo. "White Christmas" e "Easter Parade", por exemplo, são as duas canções que, nos Estados Unidos, caracterizam o Natal e a Páscoa, sendo por isso vastamente executadas e apresentadas em novas gravações. Cita-se o exemplo desse país a propósito disto e daquilo, mas é pena que insistamos em imitar somente os maus costumes e o excesso de liberdades que os seus filmes nos apresentam, mas que todo o mundo sabe muito bem destinar-se, apenas, a... uso externo.

TIENE RAZÓN, AMIGAZO

Tango de Enrique Dizeo e Alfredo Calabro

I

Hay quien se embriaga por vicio.
No lo dudo; lo sé bien.
Pero siempre, casi siempre,
la culpa de lo que somos...
la tiene alguna mujer.
Y yo soy uno de aquellos
que padece de ese mal.
Por eso cuento conmigo
y hace lo que le parece
mi vida sentimental.

II

Tiene razón, amigazo,
Me doy cuenta
que estoy llevando una vida
que a mí no me corresponde.
¡Todas las noches de copas!
¡Si hasta es cosa de no creer!
Tiene razón, amigazo.
Lo comprendo
que me hace mal la bebida...
¡Y qué quiere que haga el hombre
si ya no beso su boca,
si me falta su querer!

I (BIS)

Soy como me da la gana
desde que perdí su amor.
Me divertí a mi manera,
endulzándome la boca
para aliviar mi dolor.
¿Y usted me está aconsejando?
Muchas gracias, ya lo sé;
que si sigo como sigo,
va a decir, si ella me viera:
¡Quién te ha visto y quién te ve!

ANSIEDAD DE TI

Canción de René Touzet

Cuando se aleja de tí la parte de mí
que se puede alejar
suceden cosas en mí que nunca pensé
que pudieran pasar,
estando a solas te siento mía

en una forma tan suave, tan nuestra
tan llena de tí.
Cuando se aleja de tí la parte de mí
que se puede alejar
suceden cosas en mí que nunca pensé
que pudieran pasar.
y allá en lo hondo del pensamiento
nace el temor de perder
esta dulce ansiedad de tí.

IT'S DREAMTIME

(Do filme da "Universal" AMOR DE ENCOMENDA)

Fox de Jack Brooks e Waller Schumann

It's dreamtime!
Let's put our hearts together.
It's dreamtime!
Let's look ahead together
As people do;
Folks like me, folks like you,
Those in love.
It's dreamtime!
We'll find our future in it.
It's dreamtime!
Don't waste a precious minute;
It's time for me, time for you
To make all this dreaming come true.

ALMA TRISTE

Choro de José Maria de Abreu e Mario Rossi

Um dia, na minha rua,
Passou um pobre, cantando
Que até nas noites sem lua
Há sempre estrelas brilhando

ALMA TRISTE — que sofre calada —
Do teu sonho não resta mais nada.
És uma alma infeliz
Mas quem quizer pode ver
Que eu tenho pena de ti
E te ajudo a sofrer.

ALMA TRISTE — que vive em delírio —
Eu não posso calar teu martírio.
Meu peito não pode mais
Sufocar este amor,
Esta negra paixão.
A saudade é maior
Que o meu coração.

mento desde o dia de seu nascimento até o dia de sua morte. Obviamente, porém, é João Smith a única pessoa viva que pôde apreender e sentir a sua verdadeira realidade. Porque é a única pessoa que experimenta cada momento de sua vida. A sua realidade, como alma viva e em desenvolvimento, revela-se apenas à sua essência intuitiva — ao seu intelecto criador.

VI

Em 1900 foi, Bergson, nomeado para a cadeira de filosofia do Colégio de França. Os seus livros sobre Tempo e Livre Arbitrio, Matéria e Memória, Energia Espiritual e o Riso e a Metafísica provocaram uma tempestade de especulação nos horizontes intelectuais do Velho e do Novo Mundo. Lá estava um frágil, modesto, tímido e pequeno David, manejando uma funda contra os gigantes intelectuais do materialismo. Lá estava um professor que falava, suave e serenamente, do espírito, num tempo em que era moda falar, ardorosamente, da carne. Lá estava um matemático que se abalancava a olhar, além da matemática, para a Bíblia. Aquilo era flagrante heresia.

As suas aulas, contudo, tornaram-se extremamente populares. "Descia o silêncio sobre a sala e os circunstantes sentiam-se secreto e íntimo temor quando o viam aproximar-se calmamente atrás do anfiteatro, sentar-se debaixo da lâmpada ensombreada, as mãos livres de notas manuscritas e as extremidades dos dedos quase sempre unidas". Falava sem pressa, com dignidade, em tom medido. A sua linguagem era precisa e musical. Formava as suas sentenças com tão pequeno esforço que poucos lhe podiam reconhecer a arte. Horrорizava os professores de barbas grisalhas, ao afirmar que a filosofia há-de curar, e não obsecrar, os males dos homens. Recusava-se a vestir as suas idéias com frases feitas. Inventou termos novos para substituir as velhas fórmulas rançosas. Pedia às suas audiências que não o acompanhassem, mas antes lhe examinassem as idéias e "as considerassem cuidadosamente" em seus próprios espíritos. Pedia-lhes que fizessem um esforço se quisessem sondar a realidade. "O propósito único de meus estudos," observava, "tem sido expressar, com precisão, o que cada um de nós procura dentro de si mesmo."

Essa concepção "precisa" era, reconheça-se — menos uma revelação do que uma dor de cabeça, para o homem comum. E' o homem incomum que se sente à vontade entre as sombras negras da metafísica. No entanto, ninguém sentia dificuldade em aceitar a filosofia de Bergson sobre a fé; era tão convincente o seu sorriso! Como no caso de Aristóteles, a sua própria definição do cavalheiro poderia, perfeitamente, aplicar-se a si mesmo. "O perfeito homem de sociedade sabe como falar a qualquer pessoa sobre o assunto que lhe interessa; penetra as opiniões alheias sem, por isso, adotá-las; compreende tudo embora não desculpe, necessariamente, tudo. Chegamos, assim, a querer-lhe antes mesmo de conhecê-lo direito; conversamos com um estranho e ficamos deliciosamente surpreendidos, ao encontrar nele um amigo." Não era Bergson apenas filósofo, porém mestre em relações sociais. Imaginaí Nietzsche ou Schopenhauer pronunciando essas palavras!

Como os pensadores alemães do outro lado do Reno, cria Bergson firmemente na força dos instintos do homem. Já vimos que conclusões, notavelmente ímpias, deduziram dessa crença os filósofos alemães. Schopenhauer pregara a religião do aniquilamento da raça. Nietzsche promulgara a doutrina da agressão impiedosa. Bergson, porém, desenvolvera a filosofia da evolução criadora. Demolira a hipótese da identidade entre o espírito e o cérebro. O espírito é muito mais do que o cérebro, declara. Com efeito, a qualidade fundamental é o espírito criador, em oposição ao cérebro, que é o espírito analítico. Só o espírito criador pode compreender as verdades fundamentais da experiência. Porque a experiência é uma totalidade criadora — um todo que não é a soma de suas partes. Não podemos fazer uma linha de pontos e chamar-lhe uma linha progressiva. Não podemos, na verdade, combinar segundos em minutos e minutos em horas. Fazêmo-lo apenas com o tempo "morto" que nós mesmo manufaturamos para simbolizar o tempo "vivo". Mas cada momento do tempo vivo não representa uma parte do tempo senão o conjunto do tempo. Porque o tempo, como a árvore, é um todo criador.

E somente o intelecto criador, que é a intuição do homem comum e a inspiração do poeta, pode apreender o conjunto da realidade a qualquer momento dado, de qualquer ponto de observação, debaixo de qualquer circunstância. Pois, possa embora, o espírito analítico, agir apenas no presente, o espírito criador contém dentro de si a evolução — isto é, o crescimento — de todo o passado, presente e futuro.

Esse crescimento evolutivo da consciência interior do intelecto criador é a vida. E' a corrente elétrica que nos anima e nos move a todos. E Bergson dá-lhe nome pitoresco. Chama-lhe o Impulso Vital. Pereça, embora, o cérebro com o resto do corpo. O Impulso Vital, a consciência interior, é imortal, como é imortal o tempo, conquanto possam perecer no espaço, todos os objetos. Livramos o tempo da prisão do espaço. Demos-lhe o trono que lhe compete na consciência interior. Corrigimos os erros dos cientistas. Demonstramos uma verdade, vital, afiança Bergson: O Homem não vive no tempo, mas o tempo vive no homem. Pois o tempo não é apenas eterno mas também interno. Vive dentro do próprio intelecto criador do homem. Não é escravo de nenhuma dimensão exterior, erroneamente apelidada a passagem do tempo. Pois o tempo é a vida do espírito assim como o crescimento é a vida do corpo.

Cessemos, por conseguinte, de lamentar a demasiada brevidade do tempo. A vida é eterna. Se rompermos os laços mentais que nos ligam ao nosso ambiente material cada momento vivo é uma eternidade. O Impulso Vital dentro de nós, não é material. Não está a nossa vida "acorrentada a uma pesada tarefa como o boi debaixo da canga." Os evolucionistas deduziram uma passagem de fatalismo no ciclo de luta, sobrevivência e conquista. Observaram as espécies dos animais e dos homens através de um microscópio e fundaram, apenas, o seu juízo, nos sinais exteriores. Verberaram a idéia de que fôsse livre a vontade do homem. Transformaram-nos em fábrica de máquinas, e a natureza num monstro de alavancas, pregos e parafusos. Aconselharam-nos a ajoelhar diante do Grande Deus da resignação, pois na resignação, disseram-nos, encontraremos a segurança. Essa falsa doutrina parece-nos verdadeira, somente porque aceitamos a idéia do tempo como o movimento mecânico dos ponteiros de um relógio sobre o mostrador. Se

...a verdadeira interpretação do mundo, haveria tanta vida e liberdade nas ações do homem como há nos gestos de bonecos das personagens de celuloide, impressos num filme cinematográfico. No caso do filme imperam, supremas, as leis da mecânica. O movimento e o tempo são controlados pela máquina de projeção. A velocidade das sombras da tela pode ser diminuída ou aumentada. O filme pode ser projetado de trás para diante, e todas as leis da cronologia podem ser invertidas. Mas a verdadeira essência do nosso tempo real — sustenta Bergson — é a irreversibilidade. Porque tempo é crescimento, e o crescimento pertence, não à mecânica, mas à dinâmica. A dinâmica não se avêrte, nem se repete. O crescimento é progresso, e não repetição. Cada experiência do passado é uma experiência inteiramente única. O que foi feito, foi feito. Pode o homem tornar-se de novo criança? Pode João Smith voltar a ser o que era? Pode um momento avêrter a si mesmo? A característica essencial da qualidade dinâmica do tempo, em oposição à qualidade estática da razão, é a vitalidade do tempo, a sua "subsistência", o seu crescimento.

O futuro não é um produto mecânico do passado. Pois se cada momento presente é único, é único, também, cada momento futuro. O crescimento não obedece a leis inflexíveis. Na vida do espírito não há uma sequência inevitável de causa e efeito. O pregador que pronuncia um sermão sobre o cadáver de João Smith pode tirar de sua vida uma moral "inevitável". Está em situação de considerá-la como modelo externo de prova e erro. Procura arguir que tal e tal coisa na vida de Smith foi influenciada pelo seu ambiente, que tal e tal característica foi herdada de sua mãe, que tal e tal pensamento lhe veio de seus dias escolares. Mas enquanto João Smith vivia nada havia de inevitável acerca de cada momento que experimentava. Era Smith a sua própria inevitabilidade. Em cada instante de sua vida, era ele a sua essência criadora. Era ele o mecânico de sua própria máquina, o senhor de seu próprio livre arbítrio.

Assim que houvermos estabelecido o fato de que o homem é livre, toda a teoria da evolução darvinista surge a uma nova luz, mantém Bergson. Não é, o homem, o mecânico brinquedo de uma luta sórdida e inexorável pela sobrevivência do mais apto. A vida não é um produto de leis mecânicas, como um rio levado pela força de gravitação do berço para o túmulo. A corrente da vida conduz o homem para a frente e para cima pelo caminho da evolução, e a força que o conduz não se encontra fora dele, mas dentro dele. A vida é um artista espontâneo. Promete a cada momento florescer em algo novo e imprevisível. Promana da fonte de uma gloriosa e incompreensível realidade. O coração da divindade jaz em seu desenvolvimento potencial. Com efeito, a soma toda da vida criadora do homem é Deus.

Deus é vida. E a impulsão da vida é para cima, sempre para cima. "O animal sobrepuja a animalidade, e o conjunto da humanidade, no espaço e no tempo, é um exército imenso a galopar ao lado, à frente e atrás de cada um de nós, em carga esmagadora para dar em terra com toda resistência e vencer todos os obstáculos". Até a morte. A corrente da vida sobrevive à morte do indivíduo. Sobrevive à possibilidade do fracasso e à tendência da matéria por aniquilar-se. Ao topar com um beco sem saída, as suas múltiplas energias cavam novo atalho e dirigem as suas torrentes irresistíveis no sentido de novas e maiores realizações. A vida não pode ser sufocada por uma derrota temporária. Nunca pode ser detida.

E essa invencível impulsão, esse Elan Vital, esse Impulso Vital, encontra-se dentro de todos nós. Essa energia, que, ajusta-se passivamente, por automática insinuação, nas mais inferiores formas da matéria, e chega a dominá-la, liberta-se, finalmente, no homem, recebe a sua mais poderosa expressão em sua essência criadora.

Essa essência criadora é a essência universal, o impulso que leva todo artista a produzir a obra-prima que ultrapassa a sua personalidade individual e se torna herança coletiva, do homem. Esse anseio criador não existe apenas no artista, mas em cada um de nós. É a força que se encontra por detrás de todos os nossos nobres pensamentos, o êxtase experimentado no beijo do amante, a alegria da mãe no ato de dar à luz o filho, a bênção que acompanha a realização de cada boa ação, esperança de todos os homens que acreditam em seu destino imortal.

VII

Palavras corajosas, estas! Palavras de um belo poema. Hoje estão outra vez em marcha, os exércitos do mundo. E aqueles que viveram durante a última Guerra Mundial e ouviram a filosofia da esperança de Bergson, vivem hoje a tragédia de uma segunda guerra. Alguns, dentre nós, poderão sentir-se inclinados a sorrir tristemente do que diz o francês que, com um fervor tão otimista fala a respeito do nosso destino humano. Talvez nos espante, um tanto, a sua alegre história da criação, e mesmo nos assombre essa incomensurável energia do homem — energia dirigida no sentido de fazer perecer a mingua e de esboçar os semelhantes: "Que vida é esta", ocorre-nos a tentação de dizer, "que pode ser, imediatamente, extinta por uma bala?"

Um "tremor secreto", contudo, possuirá, os auditórios na sala de aulas do tempo, quando o professorzinho calmo, sentado sob a lâmpada ensombreada, as mãos livres de notas manuscritas, observar com tranqüila dignidade: "Procurai compreender parte disto com o espírito e adivinhar o resto — com o coração".

Foi, um tempo, com o espírito e o coração que reagiu esse filósofo de origem judaica, aos oitenta e um anos de idade, diante das regulamentações anti-semitas do governo francês de 1940 inspirado por Hitler. De acordo com essas regulamentações, eram todos os professores judeus, de França, obrigados a demitir-se de seus cargos nas universidades oficiais. Fêz-se, por Bergson, exceção a essa ordem. Mas ele recusou-se a aceitar o favor. Não queria exceções a uma crueldade ditada por bárbaros. Preferiu sofrer o destino de seus correligionários. Demitiu-se da Faculdade do Collège de France.

Quando esse homem falava sobre o Elan Vital — a Centelha Vital da nobreza — sabia do que estava falando.

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto **COSTA PENNA** BAHIA BRASIL

Corra os resfriados

Instantina

BAYER

Alivia as dores

REQUINTE

SEUS MÓVEIS REQUEREM
OS MESMOS CUIDADOS
QUE SÃO DISPENSADOS À SUA BELEZA...

OLEO DE PEROBA

O RENOVADOR DOS MÓVEIS



Ruth Conceição filha do jornalista Paulo Gouvêa e sua exma. esposa senhora Ruth Gouvêa, residentes em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Sujeito feliz, êsse...

(Continuação da pág. 42)

Vieram todos os parentes, inclusive uma tia de 70 anos, que morava em D. Clara. Houve baile, mas Meleleu não tocou. Não que êle não quizesse. Mas não convinha; êle percebeu que os rapazes da orquestra tinham adotado o método de fazer solos e seria desagradável para êle, Meleleu, tocar sosinho alguns segundos ou minutos. São teorias suas. Meleleu é muito exigente. A vida de casado de Meleleu foi sempre tranquila. Tomava o seu "Maria fumaça", cedinho, na Piedade, hoje substituído por êsse elétrico que anda sempre fóra do horário, saltava na Central e foi sempre a pé até à Casa da Moeda. Vestia o seu macacão, dá uma prosa, descansava um pouco, almoça tira uma soneca, conversa sobre música — (êle procura decorar sempre o máximo de melodias) — e depois vai se preparando para a hora da saída. Bate a hora e Meleleu é o primeiro que sai, levando consigo, às vezes, aquele incrível saxofone. Ninguém sabe p'ra que, mas o fato é que êle faz-se acompanhar, quase sempre, daquele famigerado instrumento. Compra um jornal — (há longos anos que êle lê "A Noite", e p'ra lá já escreveu muitas vezes assinando-se "leitor assido"). O fato é que êle lê o jornal com absoluto interesse, tendo o cuidado de ler antes os fatos políticos, para comentá-los com d. Mariasinha; e as discussões políticas, para poder conversar com um compadre, que é cabo eleitoral da velha guarda e batizou o Tião, molequinho que veio à luz de um dia chuvoso e frio exatamente no dia em que d. Mariasinha completava o primeiro aniversário de casamento. Êsse compadre do Meleleu, que também é seu padrinho de casamento, sempre foi seu orientador político, isto é, sempre lhe entregou no dia das eleições a chapa pronta para ser posta na urna. Muito prestativo êsse compadre do Meleleu. Não interessa saber quem vai ser o Presidente ou quais os deputados que vão mandar: o que convém é que a nossa política esteja sempre por cima. Era o que dizia frequentemente o compadre de Meleleu. Mas Meleleu nunca fez perguntas que pudessem deixar embaraçado o solícito compadre. Não. Absolutamente. O compadre sabe o que está fazendo, acrescentou



Brylcreem doma o cabelo mais rebelde fixando-o naturalmente, sem colá-lo, nem grudá-lo; mantém o cabelo suave, sedoso, pleno de vida, jovem e bem penteado todo dia. Não obstrói os poros, nem prejudica o cabelo, porque não contém goma, nem amido, nem álcool e nem sabão. Os ingredientes de Brylcreem, produto científico, revitalizam a raiz do cabelo, evitando a caspa e rende muito mais que os fixadores comuns! Experimente

BRYLCREEM
O mais perfeito fixador do cabelo!

muitas vezes d. Mariasinha, apoiando-o sempre. Aliás, a julgar pelo que Meleleu deixava de fazer como empregado do Estado, sua política estava sempre por cima. E o compadre, que tratava os intendentes de tu p'ra lá e tu p'ra cá, vivia nadando em conforto, desenvolvendo o ventre e encurtando as pernas. Sua mulher vivia na abastança, como dizia êle muitas vezes à comadre. Não lhe faltava nada em casa, graças a Deus. Mas Meleleu não sentia nenhuma inclinação por aquele "papo" político. Seu ideal, sua felicidade, era poder meter-se n'uma camisa de meia e gosar a convivência do saxofone, aquele maldito instrumento que êle soprava todas as tardes, azucrinando os nossos ouvidos, irritando os nossos nervos, levando a gente à loucura lenta. Intimamente eu gosava a saraivada de insultos que Meleleu deveria estar ouvindo de d. Mariasinha, atormentada de mais perto por aquele hediondo barulho. Mas qual, D. Mariasinha, de quando em quando, vinha à janela, sorridente, pondo em relevo aquele dente de ouro bem na frente, alegre, feliz, lembrando-se, talvez, daquela noite venturosa em que conheceu Meleleu, no Engenho de Dentro, na casa do Zé da Porca. Aí, então, a vizinhança bufava de raiva. Mas havia uma hora de aparente felicidade para todos nós, que tínhamos a desgraça de morar perto dêle. Mas a desgraça nos perseguia. Meleleu parava de tocar; dona Mariasinha ligava o rádio para ouvir duas novelas, em seguida, e fazia questão que os vizinhos também compartilhassem da sua felicidade. Tão bôa a dona Mariasinha. A tragédia era completa. Irremediável. Quando não ouvimos o Meleleu,

ouvimos o rádio de d. Mariasinha.

Um dia, porém, — e isso há 6 meses — um dos vizinhos resolveu por termo àquela tragédia e anunciou no "Jornal do Brasil" — "vende-se um clarinete em perfeito estado, preço de rara ocasião, ver e tratar com Meleleu, rua tal, número tantos, às tantas horas".

Saiu o anúncio e na mesma noite, lá estava um colega de Meleleu, com uma caixa comprida em baixo do braço, e na ponta dos dedos e pilherico anúncio do vizinho, que, da janela em frente, escondido por traz da cortina de barbante, gosava o embaraço de Meleleu. Ninguém anunciou nada p'ra vender. Gestos negativos do Meleleu e de d. Mariasinha, do alto da janela. Não havia clarinete p'ra vender, qual nada. Meu marido — explicava d. Mariasinha — nem tem clarinete! Êle toca saxofone, isso sim, mas nunca pensou em vendê-lo. Nunca! Conversa vai, conversa vem e o homem entra na casa de Meleleu e lá fica na sala, arrancando daquele horroroso saxofone as notas mais lindas, os sons mais harmoniosos até então jamais escutados daquela sala. Chegamos até a pensar na possibilidade de estar o rádio reproduzindo algum solo. Mas, não. Era o visitante que tocava no saxofone do Meleleu! Abrem-se todas as janelas. Delírio na vizinhança! Mas — oh, Destino implacável! — daí a pouco sai o visitante levando consigo o saxofone do Meleleu, deixando lá o clarinete que trouxera! Negociaram uma troca!

Daí p'ra cá a nossa vida tem sido um inferno. As notas falsas e agudas do clarinete do Meleleu chegam até aos nossos ouvi-

des, ferindo-nos bem lá dentro e estourando do outro lado! Como eu tenho saudades daquele maravilhoso saxofone do Meleleu!... E Meleleu não dá confiança. Não se apercebe de nada. Sopra nesse clarinete, como soprava naquele saxofone! Sujeito feliz, êsse Meleleu de Souza!...

A ATRIZ QUE SE FEZ...

(Continuação da pág. 27)

condutor de ônibus. Sentimos a pulsação cívica daquele povo, incendiado por ideais, animado à luta e decidido a impôr a civilização nacional. Conceição Santamaria é um dos porta-vozes desse povo e é ela quem nos diz, em resposta a uma pergunta que fizemos:

— "A posição de meu partido em relação ao governo do Estado é de apoio não incondicional e de crítica construtiva. Temos o nosso próprio programa; vamos executá-lo".

Falou-se nos boatos de intervenção governamental no Estado. Conceição não se perturba;

— "Intervenção? Qual, isto são boatos espalhados pelos inimigos de São Paulo e do Brasil. Eu ainda acredito no bom senso dos homens públicos de nossa terra, para que isso não aconteça. No dia em que houver uma intervenção, será cometido um infanticídio..."

— ?!

— Sim. Não são "êles os pais da democracia"? Pois bem, a menina tem só um ano de idade. Se houver intervenção, ela estará morta. Sufocada com um pano imundo na boca e impedida de gritar as suas necessidades. A liberdade será então uma força... Para que fizeram a democracia? Para matá-la em tão pouco tempo? E o povo, tolerará? E' êle o mesmo impassível? Não acredito...

Estávamos no fim da sessão. Conceição despedia-se; ia tomar seu carro, com rumo ao fim da Avenida Paulista, à rua Morro Verde, reduto da "haute gomme" de Piratininga, onde, numa casa de sonho, em meio ao carinho de seu marido e a um mundo de valiosíssimas raridades, estuda os graves problemas que assombram o seu Estado. Ali, o simpático casal discute as medidas que porá em jogo, para aliviar o semelhante e levar aos



infelizes hansenianos que se arrastam pelo "hinterland", a justiça a que têm direito.

Convenção Internacional das Associações de Propaganda

Sob os auspícios da Federação Francesa de Publicidade, realizar-se-á em Paris, nos dias 8, 9 e 10 de Julho próximo, a Convenção Internacional das Federações e Associações de Propaganda.

Em carta dirigida ao Sr. Cicero Leuenroth, presidente da Associação Brasileira de Propaganda, convidando esta entidade a participar oficialmente da referida convenção, ressalta o presidente da Federação Francesa de Publicidade a sua importância pois nela serão estudados diversos problemas e questões de interesse profissional dos homens de propaganda.

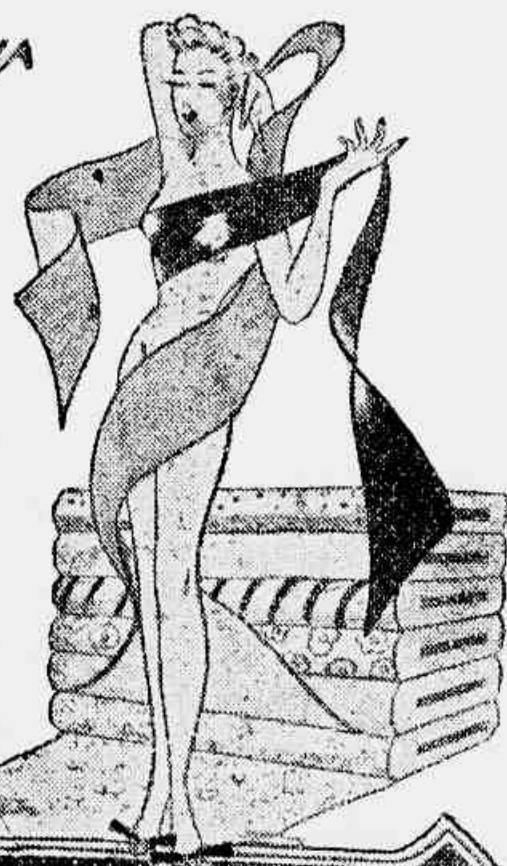
O convênio propõe-se a realizar o seguinte programa: a) estudo comparado das regulamentações profissionais da propaganda em cada um dos países participantes da Convenção; b) posição e papel atuais da propaganda na economia nacional de cada país; c) a propaganda a serviço do Estado que anuncia; d) desenvolvimento das atividades econômicas internacionais; e) criação de uma Federação internacional de Propaganda.

Respondendo à carta do presidente da Federação Francesa, o Sr. Cicero Leuenroth informou-o de que como diretor da Empresa de Propaganda Standard partiria no dia 26 para os Estados Unidos, onde irá assistir, especialmente convidado,

Da fábrica do consumidor
Preços extraordinários

SEIS FABRICAS FORNECEM DIRETAMENTE PARA ESTA

ORGANIZAÇÃO!



À convenção Internacional da W. A. Sheaffer Pen Company. O convite da Federação Francesa de Publicidade foi recebido no seio da Associação Brasileira de Propaganda com satisfação e espera o Sr. Cicero Leuenroth participar da convenção de Paris, seguindo diretamente de Nova York.

BOCAIUVA

(Continuação da pág. 12)

DETALHES PITORESCOS

Ao que parece, quando os americanos chegaram a Bocayuva, entre as muitas dificuldades encontradas, depararam com a de pronunciar-lhe o nome com certa exatidão. Bo-ca-i-u-va! Que palavra difícil! Daí começaram a deturpá-la, acabando por improvisar uma corruptela: Buk... ūki. E faz lembrar "boog-woogie"...

Quando se desembarcava do avião, no aeródromo ali preparado com o auxílio de duzentos operários brasileiros, nossa atenção era despertada para uma tábua de pequenas dimensões, pregada à parede, onde se lia: BUKI-UKI CITY. Em baixo, duas séries invertidas pareciam querer chocar-se. E os esclarecimentos, com muito senso de humor: "Ir Coming..." "Out Coming"... Chegada e saída da cidade.

No acampamento, cada qual cuidava de si mesmo. Não havia criados nem serviços de qualquer natureza, com exclusão dos trabalhos de cozinha. A hora do rancho, um soldado aparecia à porta do barracão que servia de sala de refeições, brandindo uma colher no fundo de uma panela de alumínio e soltando o brado característico da sua terra: "Come and get it..."

Todos entravamos na fila. Não deixou de comover-nos assistindo às mais importantes figuras da expedição, cientistas de renome universal, postando-se na fila indiana para receber um prato, uma caneca, um talher, tudo de alumínio, e mais adiante servindo-se da sua dose de feijão branco, de batata esmagada, do "cake" para a sobremesa e do café com creme, além do imprescindível cópo com suco de laranja ou de tomate. A disciplina prevalecia em toda linha. Ali, a igualdade social foi uma realidade. E à tarde, os homens descansavam. Tomavam seu banho de chuveiro com a água racionada mas suficiente, liam revista, fumavam seu cachimbo ou assistiam à sua sessão de cinema. Os filmes mais recentes, com equipamento completo inclusive som, eram projetados em "Buki-Uki". Mas na cidade de Bocayuva não encontramos sinal de cinema...

★★★

Quando fazíamos a viagem de volta, no clássico e informal emblema pintando de todo jeito pela estrada

feita em declive para a direita, chamamos a atenção do chauffeur:

— Devagar, amigo! Esta estrada é perigosa...

— Eu sei môço. Mas eu me "agaranto".

— Si aparecer alguém na primeira curva, não virá a salvar-se nem a alma...

E o cabôclo, mostrando a dentadura perfeita, sem tirar a mão do volante:

— Lá isso é... Ainda há três dias, perdi meu filho atropelado por um bicho destes. O pobre ficou estirado em dois tempos! Tinha quatro anos e já ajudava a patrão nos arranjos de casa...

E continuou "chispando" com velocidade maior, porque o avião deveria partir dentro de vinte minutos enquanto o percurso a vencer era ainda respeitável. Quatro dias antes, êsse homem perdêra um filho atropelado por um veículo igual. E ali estava, dirigindo o seu carro, contando o fato como se descrevesse, apenas, uma gracinha do caçula...

★★★

Na estação de Bocayuva, quando o trem se preparava para partir trazendo visitantes que só três dias depois chegariam ao Rio, assistíamos às despedidas. Ao nosso lado um moléque, de rosto vivo e inteligente, sorria para o nosso grupo. Tentamos abordá-lo:

— Você viu o eclipse, garoto? Escureceu mesmo?

E o moléque, olhando-nos de relance:

— Que pergunta, môço! O senhor veio do Rio, viu o que eu vi e me faz uma pergunta bôba dessas?

— Bem, mas estávamos dormindo na hora do eclipse...

Uma gargalhada do moleque estrugiu no espaço. E êle, cínico:

— Ah, foi? Dormiu? Pois não sabe o que perdeu... Agora tem de esperar outro eclipse...

E nós que esperávamos confundir o moléque de Bocayuval

★★★

Quando fomos dar início a uma transmissão radiofônica, um grupo de caipiras postou-se na estrada, olhando com aparente curiosidade para os nossos apetrechos. Era o tipo

classico jéca. Lembramo-nos de convidar um dêles para dar suas impressões ao microfone.

— Eh, amigo! Você é capaz de falar alguma coisa aqui, neste aparêlho?

O caipira mostrou os dentes cariados:

— Falar p'ra quê, môço?

— Falar para todo o Brasil... O que você dissêr será ouvido no Rio, em São Paulo, em toda a parte...

E o caipira, pitando o cigarro de palha, coçando o barbigão rala, encostado a um tronco de árvore:

— Eh, eh! Então é negócio, sim senhor! Eu vou ficar importante... Chi...

E deu conta do recado com todo brilhantismo. Quando lhe perguntamos, à boca do microfone, o que vinha a ser o eclipse, respondeu apenas isto:

— Não sei não. Não sou instruído. Mas me parece que é uma "besteira" qualquer lá em cima, do sól com a lua...

★★★

E assim voltamos ao Rio, na tarde de 20 de maio, trazendo no pensamento a evocação de todas aquelas maravilhosas imagens do fenômeno e a lembrança de tantos episódios inesquecíveis. Mas a grande viagem de volta ainda nos proporcionou outros capítulos marcantes. Nosso avião não conseguiu chegar ao Rio, devido ao mau tempo. Já estávamos na altura de Petropolis quando o comandante Aluisio, da N. A. B., recebendo informações desfavoráveis do Calabouço e do Galeão, resolveu voltar para Lagôa Santa.

A bordo, locutores e reporteres estavam longe de imaginar êsse imprevisto. E olhando pelos claros das nuvens espessas, lá em baixo — voávamos a mais de três mil metros — um dêles, mais conhecedor de aeronáutica, disse:

— Dentro de dez minutos devemos descer no Aeroporto Santos Dumont. Já estou divisando o Corcovado...

Realmente, dentro de dez minutos descíamos. Mas não aqui no Rio e sim a 45 quilômetros de Belo Horizonte, onde pernoitamos. O "fora" do concededor de aeronáutica valeu-lhe um diploma de grande entendido... E êle:

— De fato! Desta vez me enganei! Mas garanto que conheço tudo isto aqui em cima, como a palma das minhas mãos...

E ninguém tinha uma palmatória para cobri-la de bôlos!

GLENN FORD, que...

(Continuação da pág. 32)

noite, sonhamos" (A song to remember), quando foi convocado para servir na Marinha dos Estados Unidos. Cornel Wilde foi quem incarnou na tela o grande compositor e ganhou a fama que possui hoje. Mas Glenn se desforrou, ao voltar a Hollywood, depois de haver cumprido o seu dever de patriota.

Logo que terminou voltou às suas atividades na tela. O filme que marcou a sua volta ao convívio dos "fans" foi "Uma vida roubada", no qual apareceu ao lado de Bette Davis. A seguir fez "Gilda", um sucesso sensacional. Ultimamente já completou, para a Columbia, "Gloriosa jornada" e "Paula", o filme que, como já disse, a princípio se chamou em inglês "They walk alone". Sua "leading lady" nesta última película é a encantadora Janis Carter.

Entre outros filmes passados em que trabalhou Glenn, vou citar aqui os seguintes: "Gloriosa vingança" (Texas), "As aventuras de Martin Eden", (Martin Eden), "O império da desordem" (Desperadores), "Destroyer" e outros.

Encontrando-se no apogeu de sua carreira artística, Glenn Ford muito ainda nos será capaz de oferecer com o talento e a sua força de vontade demonstrados até aqui. Esperem até que o seu último filme seja exibido e depois me digam se a atuação dele está ou não à altura do renome que Glenn Ford pos-

sui nos círculos artísticos de Hollywood. "Paula", estou certo disso, marcará um novo tento na carreira do grande "astro", tão auspiciosamente encetada até aqui. De uma simplicidade encantadora, Glenn Ford me deixou perfeitamente à vontade quando conversamos. Disse-me que, uma vez por outra, recebe cartas de "fans" do Brasil, surpreendendo-se com o excelente inglês de algumas de suas admiradoras sul-americanas. Falou no projeto de uma viagem ao Brasil, — viagem que só fará, entretanto, se puder trazer sua esposa, a encantadora Eleanor, de quem o público tem, com certeza, muitas saudades. E ao estender-me a mão, cordialmente, quando me despedi, declarou:

— Quero que você e a "REVISTA DA SEMANA" sejam interpretes de uma saudação minha ao público do Brasil. Não vá se esquecer, ein? Se o fizer, cortaremos relações e nada de entrevistas para o futuro!

Aspéctos da pesca no Amazonas

(Continuação da página 21)

car de fiska", o que não só é mais difícil, por não se poder conhecer facilmente o movimento do peixe pelo simples esbarrar na fiska, como também muito mais perigoso, por isso que, sendo o peixe encontrado muito próximo e sendo para diante o impulso dado à haste, acontece muitas vezes que na ocasião em que a

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

fiska entra no peixe, recua de salto a haste e pôde nesse momento encontrar o pescador atravessá-lo. Sem refletirem porém muito nos riscos da pesca e da moradia nos lagos, eles consideram a salga quase como um divertimento e uma distração, que em todo caso é muito útil, por ser um dos poucos meios de que lançam mão para acudir as suas necessidades. A salga do pirarucú dá-se em todo o Amazonas, sendo o distrito de Vila-Bela o que fornece a maior quantidade do peixe sêco (pirahen) que abastece as duas províncias do Pará e Amazonas".

Muito bem. E enquanto eles se divertem nessa espécie de carnaval, que dura três meses em vez de três dias, os pobres recenseadores que se arranjam, percorrendo "povoados" completamente despovoados!

Mas nenhum agente de Estatística vai ficar zangado, temos certeza, pois os motivos desta migração periódica são tão tremendamente pitorescos!

Os livros de onde tiramos as informações para a crônica de hoje foram publicados há mais de cinquenta anos passados. Acreditamos, entretanto, que os costumes no interior do Amazonas não tenham mudado muito, como não mudaram noutras regiões brasileiras.

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★
DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:
N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

INSTITUTO ROENTGEN

RADIOTERAPIA SUPERFICIAL E PROFUNDA
DRS. ALVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 - São Paulo

Recordações de tia Yayá

(Continuação da pág. 18)

lentes, sendo um barqueiro, um purgador, um carreiro, um homem de enxada, uma cosinheira e um bonito moleque com principio de págem e sem dúvida sem saber jogar futebol... Um fracasso de extrato de Paris custava 1\$500 e a carne verde estava a 20 patacas a arroba. Uma casa na rua da Amizade na Capunga alugavam-se a 400\$000 por ano. E tinha cacimba. A Loja do Pavão, da rua Nova, ou a da Porta Amarela, da rua do Crespo ofereciam palitós de pano fino com gola de veludo a 15\$. Sobrecasacas de seda e cetim por fôrro a 10\$, seda folard de quadros escossez a 800 rs. e covado e outras cousas que todos diziam estar pela "hora da morte"...

Em compensação — o Carnaval estava animado com o Entrudo e as cavalhadas burlescas em que os mais ágeis tiravam as argolinhas e ganhavam prêmios. Não havia ainda, ao que me conste, os bailes elegantes em que alguns cavalheiros e damas, muito modernamente, tomam whisky e... fazem das suas em público...

Nem se entoavam nas praias o samba da "pouca roupa".

Era assim o Recife quando tia Yayá nasceu.

Quando não me lembro de tê-la conhecido, ela já me trazia aos braços e com um galinho de louça fazia: cocorocó... cocorocó... para me distrair. Ao que me contaram depois perdeu noites de sono comigo, pela minha rebeldia de não querer me submeter ao regimen de dormir com o sol. Viu-me com o primeiro coeiro e evitou que uma visita, gorda, se sentasse em cima de mim, numa cadeira onde me haviam deixado, nos atropelos de atender a minha mãe em situação grave de eclampsia. Talvez por isto me tomasse sob sua proteção, desde esse dia, receiosa que outras gorduras de assento me ameaçassem... Era já a Tia Yayá de meus afetos. E ainda por cima, depois de casada com o tio Augusto, tão meu amigo, trazia-me, ao aparecer lá por casa, os filhos para brincar comigo.

O tempo foi correndo e não plácido. Uma manhã, a de S. José, que ontem decorreu, e há meio século justo, Tia Yayá me afagou com os olhos cheios d'água porque eu estava orfão de pai. Abriam-se para mim as rotas das aguras. E parecor-

ri-as. Mas ao voltar ao teto de Tia Yayá reencontrei o carinho de dantes para atenuar minhas máguas passadas e para me orientar nas caminhadas de homem feito. Viu-me namorado, a escorar um lampeão, viu-me noivo a tecer sonhos, e ajudou-me o construir o meu ninho de felicidade, comprando mil utilidades domésticas, tão avesso eu era, como ainda sou, a tais tarefas. Não se esqueceu de nada: roupas de uso, talheres, trem de cosinha, bacias, tapetes, sortimento de dispensa e até por pechincha, uma bruta lata de azeite doce de cinco quilos que se eu a possuísse agora não me trocava pelo dono de muitos arranha-céus.

Depois... Poderia ser diferente o desfecho depois de ela me haver preparado tudo tão direitinho? Nasceram os rebentos e ela os pôs ao cólo, qual o fizera comigo mesmo. Não terá com eles feito o mesmo cocorocó, porque na época as crianças já se interessavam mais pelo fon fon dos automoveis...

90 anos... Há quase 40 foi a história da lata de azeite.

Tia Yayá está conosco. Atravessou as duas grandes guerras. Sentiu os apertos do racionamento e se não viu o black-out não ouviu falar para avaliá-lo. Tem ou-

vindo contar muitas coisas estranhas, é aqui para nós, às vezes feiosas, dos tempos de agora. Em compensação, ouve o seu rádio e se distrai com as novelas. Nós, também, nos damos por compensados do "câmbio negro" com as promessas dos novos tabelamentos de preços...

90 anos são um salto para o centenário. Tia Yayá irá até ele. E oxalá possamos todos nós vir felicitá-la, em nossos aviões portateis, embora comprando o azeite doce a mil cruzeiros à gota... Teremos, no entanto, a televisão e não é pouco.

A mim, me compraz, sensibilizadora-mente, eu o confesso, ter a ventura de, com a cabeça branca, no dia de hoje, chamar, como o fazia há 50 anos, de Tia Yayá aquela que com seu pincenê e seu ninche de cabelos pretos, era a minha Tia Yayá de menino. Nada nela mudou para minha visão efetiva. Resistiu ao tempo sua realza de família na corte modesta dos que lhe querem bem. Nem sequer, a meu ver, as despoticas reformas ortográficas conseguiram trocar-lhe o Y do doce apelido pelo inexpressivo I atual: ela é e será sempre para mim Tia Yayá. — com dois Y.

Os corações não sabem mudar de ortografia...



SALA DE JANTAR

O modelo que acima estampamos de verá ser confeccionado em madeira italiana encostada, cor natural. As cadeiras têm o forro e couro verde. Paredes de cor branca com molduras e vitrais também em madeira. Forrações com pranchas de lá belgo, tapete também de lá em cor verde, o completando a decoração, cortinas em veludo de seda creme.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCÁ

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Agora, **PARA ELA E PARA ELE...**



Mido
MULTIFORT

RELOGIO SUIÇO COM 17 RUBIS



O famoso MIDO MULTIFORT, inseparável companheiro de todas as atividades humanas, apresenta agora, também para senhoras a sua extraordinária qualidade de "SUPER-AUTOMÁTICO". Esta nova maravilha da relojoaria suíça, na praia como no lar, no trabalho como no esporte, representa o máximo de conforto, elegância e utilidade, tanto para o homem dinâmico quanto para a mulher moderna.

- ★ 100% IMPERMEÁVEL ★ "SUPER-AUTOMÁTICO"
- ★ PARA-CHOQUES ★ PRECISO ★ LUMINOSO
- ★ INOXIDÁVEL ★ ANTI-MAGNÉTICO

O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS